O CAMINHO PARA A IMORTALIDADE

GERALDINE CUMMINS

Tradução: Amadeu Antônio

Geraldine Cummins

Uma descrição do Pós-vida alegadamente comunicada por F.W.H. Myers [Frederic William Henry Myers, 1843-1901] por intermédio de GERALDINE CUMMINS

"Porquanto tem sido a minha sina empenhar-me num trabalho mais importante e mais bem-sucedido do que qualquer coisa que na minha própria capacidade ou carácter me pudesse levar a esperar. Tenho sido um do grupo central empenhado num grande esforço; o esforço de perfurar, através de métodos científicos, o mundo-velho, o véu nunca-penetrado. O movimento que tomou manifesta forma em 1882, com a formação da Sociedade para a Investigação Psíquica, foi auxiliado na verdade pela ajuda de outras partes, porém, no seu carácter essencial resultou da conceção de alguns espíritos, e foi dirigido através dos seus perigos iniciais por um pequeno grupo de amigos íntimos. Com este esforço por informar a verdade real quanto ao destino do homem eu tenho, desde o começo, sido identificado e, por assim dizer, utilizado. Edmund Gurney empenhou-se na obra com uma energia mais ciosa; os Sidgwicks com uma sabedoria mais abnegada; mas ninguém mais sem reservas do que eu próprio apostou tudo naquela esperança distante e crescente."

Frederic Myers

PREFÁCIO

por Oliver Joseph Lodge

Abril de 1932

MISS GERALDINE CUMMINS é uma bastante bem-conhecida amanuense escritora de transe; isto é, alguém que, através da retirada da consciência, é controlado e levado a escrever sobre assuntos que estão além do seu próprio conhecimento. A primeira experiência que tive com esse tipo de escrita foi obtida quando eu fiz um estudo sobre os escritos da Sra. Lenora Piper e agi como "o Pesquisador responsável," conforme narrado nos *Anais da Sociedade de Pesquisas Psíquicas,* Vol. XXIII, 1909, em especial nas páginas 131-134.

O Pesquisador responsável no caso da Srta. Cummins é a sua amiga Miss Gibbes, na residência de quem ela fica sempre que vem da Irlanda para a Inglaterra. Um dos controladores que frequentemente emprega a mão de Miss Cummins

recentemente pretendeu convocar o meu amigo Frederic William H. Myers, para ver se ele poderia dar alguma informação de carácter especialmente exaltado. Myers não era pessoalmente conhecido das senhoras em questão, mas posteriormente contribuiu com uma considerável quantidade de escritos, que pareciam ter algum valor.

Assim, a senhorita Gibbes escreveu-me a saber se eu poderia ler um pouco dos escritos e via se achava razoável atribuir a substância dos mesmos a tal fonte. No exame que encetei, decidi que eram em muitos aspetos característicos (do falecido) Myers. A narrativa que ele faz da alma-grupo, por exemplo, apresenta-se muito em acordo com o que ele ensinou ou discutiu comigo quando ele esteve aqui entre nós. Assim como os tipos de observação que ele faz sobre os temas do eu subliminar e da reencarnação: eles também se mostram suficientemente consistentes com os pontos de vista que ele formara aqui em vida. E, em geral, embora algumas das coisas ditas sejam intrigantes ou mesmo superficialmente desconcertantes, e apesar de, conforme ele admite, elas poderem não estar absolutamente corretas, mesmo assim são dignas da sua inteligência, e caso sejam compreendidas são instrutivas.

Para rematar o assunto, aproveitei a oportunidade, ao ter uma sessão privada recentemente com a Sra. Osborne Leonard (conceituadíssima médium Britânica) para pergunte ao meu velho amigo Myers, que entrou em contacto comigo através da redação do "Raymond" (obra homónima escrita por Lodge, subordinada às comunicações que estabeleceu com filho, falecido anteriormente na 1ª guerra mundial) se ele sabia alguma coisa sobre a escrita da Miss Cummins, e se ele apoiava as coisas que tinham sido representadas como referidas por ele nos seus escritos. A resposta que me deu foi de que ele havia comunicado através dela, e que de uma maneira geral, ele conseguira fazer passar aquilo que ele queria; embora ele admitisse que era difícil, e que não podia ter a certeza de que sempre estivesse exato, ainda assim, no geral, ele estava disposto a aprová-lo como representando de forma justa o que ele tinha pretendido transmitir.

Pedi, em especial à inteligência que supostamente dizia ser Myers, se, ou em que sentido, ao falar sobre as diferentes esferas ou planos ou estados característicos do Pós-vida, ele realmente queria falar do terceiro plano, ou o que é por vezes conhecido como Paraíso, enquanto "Plano da Ilusão" que é. Sei que os seus residentes dizem que é extraordinariamente parecido com a terra, que têm flores, árvores e casas, e que podem conseguir o que quiserem simplesmente desejando, o que me soava bastante estranho, só que eu não estava preparado para pensar nele como um mundo de ilusão em que todos esses objetos dos sentidos fossem ilusórios.

Na resposta que me deu, transmitida principalmente por Raymond, deduzi que essas coisas mundanas eram sentidas como naturais e familiares por aqueles que tinham ido recentemente para lá, e assim eram permitidos como um ambiente temporário, tanto quanto os nossos entornos físicos aqui são temporários e não realmente o que parecem. Sir Arthur Eddington enfatizou essa visão científica sobre o nosso ambiente comum, apontando que, digamos, uma mesa que parece ser sólida e substancial e parece continuar é realmente uma multidão de eletrões a girar com grandes espaços entre si, e que quando pisamos o chão somos bombardeados para cima e apoiados por uma enorme quantidade de pequenos golpes desferidos pelos átomos sob os nossos pés. Nada disso é aparente à pessoa comum.

Cientificamente a matéria pode ser interpretada dessa forma, mas para os propósitos comuns da vida interpretamos de uma maneira mais habitual - uma maneira a que nos habituamos, e que é a maneira que se pode dizer que apela aos nossos órgãos sensoriais grosseiramente granulados. Essa faculdade de interpretação tornou-se parte de nós próprios, e assim carregámo-la connosco, e estamos sujeitos a interpretar outras coisas de um modo semelhante, pelo que, onde quer que nos encontremos, estamos sujeitos a interpretar o nosso entorno de uma forma comum: assim a passagem não sofre grande choque nem transição violenta, e podemos continuar a preservar o nosso sentimento de identidade. Carregamos connosco, de facto, não apenas a nossa memória, carácter e afetos, mas os nossos poderes de interpretação igualmente.

Daí que o nosso entorno ainda pareça ter um aspeto terreno; e qualquer elemento de ilusão que haja com respeito à nossa perceção dos objetos aqui em baixo, esse mesmo tipo de ilusão persiste no estado seguinte, enquanto for necessário ao nosso conforto. É evidente que os residentes do terceiro plano não consideram as suas perceções como ilusórias, assim como nós não fazemos aqui. Apenas para um habitante de algum estado superior os objetos comuns parecerão, tanto lá como aqui, evanescentes e sombrios, um pouco depois do banal mas instrutivo mito Platónico da caverna e dos prisioneiros e sombras. Nós somos transportados para o fulgor da realidade a um só tempo.

As narrativas que Myers continua a fazer do quarto, quinto, sexto e sétimo estados são notáveis, mas não vejo nenhuma razão para discordar da visão de ser o tipo de ideias que Frederic Myers será por esta altura capaz de formar. Perguntei-lhe se deveria escrever uma introdução ao livro e ele concordou. Será pois justo que eu forneça um extrato do registo da sessão que tive com a Sr.ª Leonard, na qual anotei, o mais aproximado possível e literalmente, o que foi dito na época. Os enunciados no final do extrato foram apressados e curtos, já que o poder estava a

começar a mostrar-se fraco. Raymond fez a maior parte da conversa pelo Myers, a quem ele carinhosamente chama "Tio Fred."

[Extrato do registo de uma sessão que oliver Lodge teve a sós com a Sra. Osborne Leonard em Kent no dia 10 de Março de 1932, perto do fim de uma sessão de duas horas e depois de muita conversa familiar e pessoal.]

Lodge: Raymond, crê-se que Myers tenha falado através da senhorita Cummins, e que terá dito que o plano em que se encontra é um plano de ilusão. Será isso acertado? Seria ele a falar?

Raymond: Sim, ele tem falado através dessa pessoa. Eu quero falar consigo sobre esse assunto. O tio Fred está aqui, e irá corrigir-me se eu estiver errado. Eu estou em linha de momento. Pai, somos obrigados a criar condições, e o que você pode chamar de coisas, no nosso plano. Elas têm uma vida temporária. São ilusões, algo na mesma medida em que uma materialização é uma ilusão. No nosso lado você tem algo material por enquanto.

É algo natural na aparência, na sensação, aparentemente em todos os sentidos, e apela aos sentidos *deste* corpo (toca-me, oliver Lodge). Do nosso lado, vemo-nos obrigados a criar certas coisas, casas, roupas, parcialmente de momento, a fim de criarmos um cenário satisfatoriamente harmonioso e adequado para a alma viver e trabalhar. E elas tornam-se num meio de expressão. Tal como o é a sua casa, o seu estúdio, tudo. Você está tão acostumado a isso que vai achar estar mais facilmente habilitado a trabalhar em condições similares. É uma das ilusões necessárias à nossa vida.

Lodge: Com que então tu vives num mundo de ilusão?

Raymond. Você também, pai; no sentido lato da palavra, você também. Vivemos no que você pode chamar de uma extensão do mundo ilusório em que você vive; na borda externa dele. Estamos em contacto com um mundo de realidade por nos encontrarmos na borda externa do mundo da ilusão. Estamos mais certos do mundo da realidade do que você está. Pai, o universo do espírito é o mundo da realidade.

Espírito e mente ambos pertencem ao mundo da realidade. Todo o resto, ou seja, as coisas externas, são em certo sentido necessárias durante um tempo, mas são supérfluas e apenas existem temporariamente na medida do que diz respeito ao mundo da realidade - que é interno e indestrutível. Espírito e mente pertencem a esse mundo. O mundo do éter é somente criado pelo poder da mente. Não estamos

inteiramente livres do vosso mundo de matéria, somos mais independentes dela, mas ainda estamos envolvidos nela.

Lodge: Tens algo de físico no teu mundo?

Raymond: Sim, pai, físico. O tio Fred sempre sustentou que temos.

Lodge: Chamá-lo-ias etérico?

Raymond: Sim, é um termo difícil. O mundo do éter foi tão pouco explorado. Há tantos mundos dentro de mundos, dentro do mundo do éter. Mas você vê, pai, a mente opera no mundo.

Lodge: Sempre opera nesse mundo, creio eu.

Raymond: Sempre. E pode criar a ilusão de tudo o que é necessário para o seu desenvolvimento, para o desenvolvimento, digamos, da alma. Não devemos esquecer a alma. A alma *somos nós, você,* o eu essencial. Pai, a alma é o você que erra, que perde o tino, que ama, que odeia, que faz o bem e pode fazer o mal. O espírito não pode ser tocado por nada de mau. Não, mas a alma precisa de um certo cenário e ambiente e veículo de expressão. E a mente cria-as de acordo. Assim, pai, esse termo tão mal compreendido "ilusão" deve ser aplicada ao nosso mundo assim como ao seu.

Lodge: Nesse caso a mente criou as coisas aqui?

Raymond: Sim, pai, não a sua mente, mas a grande mente do Arquiteto. Somos todos arquitetos em certa medida. O maior Arquiteto de todos criou o mundo da matéria, tal como Ele criou o mundo do éter. Espírito e éter sempre (juntos).

Lodge: O éter é necessário ao espírito?

Raymond. Eu não vejo como você pode ter um sem o outro. Acabei de perguntar ao tio Fred. Ele diz que você não pode separá-los. Ele acabou de dizer que o mundo do éter pertence ao mundo da realidade. Mas é claro que impregna e também faz parte do seu mundo. Onde há vida há éter.

Lodge: É o veículo físico da vida.

Raymond. Sim, essas são as palavras do tio Fred — o veículo físico da vida. Se pudéssemos levar as pessoas entender uns quantos factos simples, deveríamos

ajudá-las a perceber que quando a morte chega — que a maioria das pessoas tanto receia — não mergulharão em nenhuma condição desconhecida, estranha, aterrorizante — aterrorizante por ser tão estranha.

Eles dizem: Não será no mundo que eu conheço. Não, mas será num mundo de condições semelhantes. Com relação á Natureza, pai. A natureza pertence ao mundo físico.

Temos flores e árvores no nosso lado. A natureza ainda impressiona o nosso mundo. Do seu lado a Natureza limita-se ao plano do instinto: do nosso lado limita-se ao plano da inteligência. Na terra vemos pessoas a viver de acordo com o instinto. Vivemos por causa da nossa mente, da nossa inteligência, e não do instinto cego. Diríamos que o mundo vegetal e o mundo animal inferior vive apenas por instinto. Quando você toca uma forma de vida que vive pela inteligência, que gere e governa as suas ações pela mente, pertence, e habilitou-se à sobrevivência no sentido individual.

Lodge: Adquiriu uma individualidade.

Raymond. Sim, pai, essa é a linha divisória. Não estamos a condenar o instinto, estamos apenas a relega-lo ao seu lugar apropriado, no grande esquema das coisas. Muitas coisas acontecem no seu plano, coisas boas, por instinto. Nós *gostamos* de falar consigo hoje, pai. O tio Fred também, embora ele tenha falado através de mim.

Lodge: Vou ver a Srta. Cummins hoje. Falaste no 5° 6° e 7° planos.

Frederic Myers: Exatamente. No essencial, mantenho-o. É tudo o que é possível diante das circunstâncias.

Lodge: Eles querem que eu escreva um prefácio.

Frederic Myers: Tudo bem.

(*Depois disto seguiram-se as despedidas da praxis e a sessão foi encerrada*.)

Assim fortalecido pelo testemunho independente, sinto-me à vontade de recomendar este livro como uma tentativa séria de fornecer informações sobre uma vida futura e as etapas pelas quais as pessoas sérias podem esperar passar. Existem fases inferiores para pessoas menos desenvolvidas ou menos bem-intencionadas; mas essas não são aqui referidas. Deve ser muito difícil para um comunicador passar informações inteligíveis sobre outros estados da existência, de forma resumida, a

pessoas sem experiência deles, e podem decorrer alguns erros de interpretação, mas acredito que esta seja uma tentativa genuína de transmitir ideias aproximadamente verdadeiras, através de uma amanuense de educação razoável, caracterizada por uma pronta vontade pelo serviço dedicado e pela sinceridade e transparência.

PARTE I

A EXISTÊNCIA APÓS A MORTE

COMENTÁRIO

Ao escrever sobre esse mistério que os homens chamam de "O Outro Mundo," "Existência Pós-vida" ou "As Muitas Mansões do Pai," eu estou, conforme decerto compreenderão, limitado àquilo que conheço, restringido às minhas próprias experiências. Portanto, só posso esforçar-me por escrever a verdade conforme a percebo. Precisam perdoar-me se parecer que eu blasfeme, ou se eu parecer que estou simplesmente a pisar o caminho que outros pisaram.

Estamos a trabalhar, espero eu, para o mesmo fim. Ambos sentimos, porventura, que se pudermos acrescentar qualquer coisa à soma do conhecimento humano, quanto à natureza espiritual do homem, as nossas dores e os nossos esforços terão valido a pena. Vocês e eu talvez não tenhamos o poder de produzir acontecimentos sensacionais, mas pelo menos podemos, à nossa maneira, contribuir para o avanço do conhecimento da existência de vastos horizontes que estão muito além da nossa perceção, e que se estendem de forma ilimitada até ao infinito.

Estas minhas observações errantes são a expressão do conhecimento "do outro mundo" que detenho. Eu só posso narrar-lhes a verdade conforme me é dada a conhecer. Muitas e diversificadas são as condições que prevalecem quando a alma ganha vida neste mundo, ou num dos estados a que ficamos sujeitos depois da morte. Eu uso deliberadamente o termo "ganha vida" em relação à alma; pois a alma parece-nos a nós como que morta quando vive no seu corpo de argila conforme nós haveríamos de parecer ao agnóstico comum. É certamente verdade que muitos de nós, sombras, quase duvidamos da existência da alma dos corpos de certos homens e mulheres de baixa estirpe animal, que vivem, no sentido físico, na terra, na atualidade.

Capítulo I

PORQUÊ?
O ENIGMA DA ETERNIDADE

Muitas foram as estupendas especulações que foram tecidas a respeito dos fatores "de onde" e "para onde" do destino do homem. Poucos tentaram diretamente discutir a razão por que o homem foi criado, por que o universo material gira aparentemente para todo o sempre através do espaço, enquanto os seus elementos prosseguem sem fim e sem que nada se perca, de aparentemente imortal, mas mude nas imagens que adota.

"Uma vasta máquina sem propósito." Tal foi o epitáfio que o cientista do século passado escreveu a respeito; ao fazê-lo, afirmou a fé dos homens pensadores da sua época, ou seja, que não existe qualquer razão. Não existe, pois, realização alguma. A matéria constitui a única realidade. E esse terror, o terror de um drama mecânico destituído de sentido, do drama do movimento e da vida, deve, com sinistra monotonia, andar por aí para todo o sempre.

Bom, a verdade está longe de todos nós; mas encontra-se ainda imensamente mais distante daqueles que chegaram a essa melancólica conclusão. No entanto, se aceitarem que a mente existe separada da matéria, coloca-se-lhes a perspetiva definida de descobrir a razão dessa estranha fantasia da existência. Em primeiro lugar, é necessário defini-la, na medida do possível, numa frase. Se o conteúdo das seguintes frases for tomado como uma hipótese de trabalho, então poderemos encontrar uma resposta para o enigma da eternidade.

Sombra e Substância:
Matéria, Alma e Espírito:
Manifestação e a sua Fonte:
Deus, o Princípio Unificador:
Desintegração na Matéria, numa substância cada vez mais fina e refinada:
Nova Unificação no Espírito.

PORQUÊ?

O espírito, ou mente mais profunda, que nutre um número de almas itinerantes com a sua luz, é um pensamento de Deus. Esse pensamento é individualizado, só que não no sentido humano. É individual na medida em que adota uma certa separação do seu Criador, a separação da coisa criada d'Aquele que lhe deu vida.

Bem, o místico fala do Deus dentro dele. Esta é uma afirmação inteiramente errada. O termo Deus significa a Mente Suprema, a Ideia que se acha por trás de toda a vida, o Todo em termos de puro pensamento, um Todo dentro do qual são embalados o Alfa e Omega da existência enquanto conceito mental. Todo ato, todo pensamento, todo facto da história dos Universos, todas as partes deles, se acham contidos nesse Todo. Aí se encontra o conceito original de todos. Por isso, é uma presunção absurda por parte do místico chamar ao seu próprio espírito Deus.

Essa miríade de pensamentos, ou espíritos, gerados por essa Poderosa Ideia, diferem uns dos outros; muitas deles, quase todos, antes de se controlarem e de se manifestarem na matéria, não passam de embriões grosseiros, inocentes e incompletos. Precisam reunir em si próprios inúmeras experiências, manifestar-se e expressar-se por inúmeras formas antes de atingirem a plenitude, antes que poderem conhecer a plena sabedoria, a verdadeira realidade. Uma vez adquiridos, eles poderão adotar atributos divinos e passar além, penetrar na Ideia Suprema e tornar-se parte do Todo.

A razão, pois, para o universo e todas as aparências, até mesmo das poucas alegrias e tristezas efémeras dos seres humanos, deve ser encontrada no termo "evolução do espírito," a necessidade de plena realização que pode ser obtida através da limitação, através da expressão do espírito na forma. Pois somente através dessa expressão o espírito poderá crescer, desenvolver-se a partir do embrião. Só através da manifestação na aparência poderá o espírito obter realização. Foi com esse propósito que nascemos, é por esse motivo que penetramos e passamos por miríades de mundos ou estados, enquanto o universo material está constantemente a crescer e a expandir-se, emprestando uma expressão cada vez mais plena à mente.

O propósito da existência pode ser resumido numa frase - a evolução da mente, variável em grau e tipo, na matéria — de modo que a mente se desenvolva através da manifestação, e num universo cada vez mais crescente em poder, de modo a conquistar assim a verdadeira conceção da realidade. A miríade de pensamentos de Deus, aqueles espíritos que insuflam vida em todas as formas materiais, são a mais baixa manifestação de Deus, e precisam assim aprender a tornar-se Deus — a Tornar-se parte efetiva do Todo.

Capítulo II

O GRÁFICO DE EXISTÊNCIA

Segue-se um índice, ou melhor, um itinerário da jornada da alma.

(1) O Plano da Matéria.
(2) O Hades ou o Estado Intermediário.
(3) O Plano da Ilusão.
(4) O plano da Cor.
(5) O Plano da Chama.
(6) O Plano da Luz.
(7) O Além, a Intemporalidade.

Entre cada plano ou novo capítulo da experiência há uma existência no Hades ou num Estado Intermediário, em que a alma revisa as suas experiências passadas e procede à sua escolha, e decide se vai ascender ou descer na escada da consciência.

(2) *O Plano de Matéria* consiste de todas as experiências tidas na forma física, na matéria, como é do conhecimento do homem. Essas experiências não se limitam à vida terrena. Colhem-se experiências de carácter similar em várias regiões estelares. Por vezes, o corpo vibra mais rápido ou mais lento que o corpo de homem em tais lugares estelares. Mas o termo "físico" expressa o seu carácter e natureza.

(3) *O Plano da Ilusão* é o período de sonho associado à vida passada no Plano da Matéria.

(4) *O Plano da Cor*. A existência neste estado não é governada pelos sentidos. É mais diretamente controlada pela mente. É ainda uma existência na forma, e por conseguinte, uma existência na substância. Essa substância constitui uma matéria muito rarefeita. Poderia ser chamada de aparência de matéria. O Plano da Cor situa-se dentro da zona terrestre ou dentro da zona estelar correspondente em que a alma anteriormente tenha tinha experiência de uma existência física.

(5) *O Plano de Flâmula Pura*. Nesse estado, a alma toma consciência do padrão que o seu espírito tece na tapeçaria da eternidade e percebe toda a vida emocional das almas alimentadas pelo mesmo espírito.

(6) *O Plano da Luz Pura*. Dentro das suas fronteiras, a alma obtém uma conceção intelectual de todas as existências anteriores obtidas dentro da sua alma-grupo.

Além disso, ela percebe toda a vida emocional dentro do corpo do mundo ou alma da terra.

(7) Por último, *o Sétimo Plano*. O espírito e as suas diversas almas acham-se agora fundidos e passam para a Mente Suprema, a Imaginação de Deus, onde reside a conceção do Todo, do Universo por trás do universo, de todos os estados de existência, do passado, presente e futuro, de tudo quanto tiver existido e de tudo quanto que vier a existir. Aqui tem lugar uma consciência contínua e completa, a verdadeira realidade.

Capítulo III

O PLANO DA ILUSÃO
O TERCEIRO PLANO

A concisão pode ser a essência da perspicácia, mas também pode ser a essência do erro. Será necessário que eu crie um pequeno dicionário se quiser apresentar-lhes as minhas opiniões numas quantas páginas, sobre este tema interessante da vida eterna.

Definirei primeiro a multidão dos recém-falecidos, aquelas ondas tumultuosas de vida que se espraiam, dia e noite, quais marés, sobre as nossas enseadas. Nascimento e morte são dois termos que encerram o mesmo significado. Quão estranhos eles me soam agora; por eu ter vivido tanto tempo num estado em que as palavras são obsoletas, e em que os pensamentos reinam supremos.

Grosso modo, os recém-falecidos podem ser divididos em três categorias:

1. Homem-Espírito
2. Homem-Alma
3. Homem-Animal

Existem muitas subdivisões desses estados particulares de graça ou desgraça. Mas tenham estes três termos em mente, porque qualquer que seja aquele a que pertencerem assim o vosso futuro será determinado.

De seguida classificarei as condições ou o ambiente.

1. Em primeiro lugar, há a vida terrena.
2. Em segundo lugar, o período de transição conhecido como Hades.

3. Em terceiro lugar, existência dentro da imagem ou reflexo da terra conhecido por alguns como "O Lugar do Eterno Verão" *(NT: O Paraíso da Bíblia);* Eu prefiro chamar-lhe "Terra da Ilusão."

4. Em quarto lugar, toda aquela vida que é ornamentada na forma conforme é conhecida do homem, todas aquelas vidas em corpos cada vez mais refinados que estejam associados ao universo material.

5. Em quinto lugar, uma existência mental ou intelectual no âmbito da alma-grupo, na qual vocês examinam e experimentam — mas apenas como um ato do pensamento emocional — todos os estágios de existência que dizem respeito àquelas diversas almas nutridas pelo mesmo espírito. (Já falei antes da alma-grupo e já a defini.)

6. Sexto, uma existência consciente dentro e fora do tempo; a medida do tempo consta de todas aquelas *vidas* passadas na forma. Abrange a existência nas formas mais tênues; abrange a experiência na matéria, qualquer que seja o seu carácter ou grau.

7. Por fim vem o sétimo estado, a fusão da jornada da alma com o seu espírito. Quando vocês atingem essa beatitude vocês passam para o Além, e percebem o significado do termo "imortalidade." A matéria é transcendida, rejeitada. Vocês entram na intemporalidade e tornam-se um com a Ideia que existe por trás de toda a vida, um com Deus, um com a parte do Seu Espírito que tem estado ligado a vós em todos os planos da existência.

O MUNDO DA MEMÓRIA

A Terra é como um reflexo num espelho. É somente real através da imagem que é projetada sobre o vidro. Consequentemente, o reconhecimento da Terra depende, pois, da natureza da visão e da perceção individuais. Todos os homens, que se encontram encarnados no barro, são irreais, pelo que só têm o poder de perceber de um certo modo essa estranha ilusão do globo em rápida rotação. Quando eles se livram do corpo denso, quando numa forma mais refinada eles alçam voo, frequentemente não percebem a irrealidade fundamental da Terra. Anseiam pelo sonho que para eles representava o lar. Assim, essas almas batem e a porta é aberta, eles penetram num sonho que, nos seus principais elementos, se assemelha à Terra. Mas agora esse sonho consta de memória e, durante um tempo, eles vivem no âmbito da memória. Todas as atividades que constituíram a sua vida anterior são repetidas, isto é, se tal for a sua vontade.

Eles podem, a qualquer momento, se o preferirem, escapar da espiral das recordações da terra, do que eu poderia chamar de "fraldas" da vida pós-morte. Porque todas essas almas são como bebés, que desconhecem o mundo real que

habitam, e não possuem mais conhecimento do vasto giro da vida que as rodeia, das suas assombrosas atividades, das suas realizações do que as crianças.

Essas almas infantis comunicam frequentemente com a terra quando estão num estado quase análogo ao do sono na terra. Então esforçar-se-ão por descrever o mundo da sua memória. É praticamente semelhante ao que vocês habitam no momento. Alguns chamam esse sonho da memória "Lugar do Eterno Verão" — um termo bastante adequado. Porque a alma, livre das limitações da carne, possui muito maiores poderes mentais, e poder adaptar o mundo da memória a seu gosto. Ela faz isso inconscientemente, ao escolher instintivamente os velhos prazeres, e cerrar a porta às velhas dores. Ela vive durante um tempo nesse estado beatífico e infantil. Mas, à semelhança do bebé, ela habita apenas um sonho, e quase não possui conhecimento ou perceção da vida maior em que ela se encontra agora radicada.

Claro que chega um momento em que as suas faculdades espirituais despertam, em que ela procurará escapar do sonho-memória, em que, em suma, ela perceberá o incremento dos seus próprios poderes intelectuais e, acima de tudo, a capacidade de viver num plano mais refinado da existência. Depois ela passa do Estado da Ilusão e entra numa existência que poucas inteligências que comunicam com o homem alguma vez procuraram descrever.

Contudo, para aqueles de nós que peregrinaram além do mundo da memória essa alegada região ou céu dos defuntos é falsa porque é irreal, e constitui um reflexo de um outro reflexo, um tênue sonho que se desvanece diante do conhecimento espiritual. Quando a passagem da morte é alcançada muitos sentem-se felizes nesse estado de graça; mas a sua é uma felicidade vegetativa, o teor pouco inteligente de uma criança que pouco ou nada conhece do mundo em que vive.

O HADES

Hades é um termo que corresponde ao plano astral. Imediatamente após a dissolução do corpo nele tem lugar um breve período de aparente desintegração, um deslocamento temporário daquelas partes que os tornam íntegros. Imploro-lhes que não evoquem associações desagradáveis associadas ao Hades. Eu morri em Itália, uma terra que eu amei, e encontrava-me muito esgotado no momento da minha passagem. Para mim o Hades foi um lugar de repouso, um lugar de meias-luzes e de uma paz apática. Tal como um homem recupera forças de um sono prolongado e profundo, assim também eu recolhi essas forças intelectuais e espirituais de que eu necessitara durante o tempo em que permaneci no Hades. De acordo com a sua natureza e composição, todo viajante da terra é afetado de

maneira diferente ou variável por esse lugar ou estado que se situa na fronteira das duas vidas, na fronteira limítrofe de dois mundos.

A Ilusão

Durante o período passado no plano astral a alma larga a forma astral e entra no corpo etérico dentro do qual reside por tanto tempo opte por habitar na Terra da Ilusão - esse reflexo de outro reflexo, esse sonho da personalidade da terra. Paz e satisfação prevalecem enquanto ela permanecer no âmbito dos seus limites. Mas com o tempo essa paz torna-se cansativa; pois nenhum progresso real, ascendente ou descendente, poderá ser alcançado nessa deliciosa região de sonho.

Imaginem-no por um instante: vocês vivem num ambiente que se assemelha àquele que vocês conheceram na terra. Vocês encontram-se, é verdade, livres de preocupações como o dinheiro, livres da necessidade de ganhar o vosso próprio sustento. O vosso corpo etérico é nutrido por uma luz que não é a luz do sol, que também possui energia e vida. Não padece de dor, nem se vê submetido a nenhum tipo de luta. É, com efeito, como se vocês vivessem numa lagoa, mas em breve se cansam das limitações desse lençol calmo e imperturbável de água. Começam a ansiar por luta, esforço, êxtase; a almejar amplos horizontes. O chamado do caminho vem até vós de novo. Em suma, vocês sentem-se ansiosos por conseguir um maior progresso ascendente ou descendente.

O Homem-animal

Se vocês se perfilharem pelo que eu designo por Animal-homem, ou, por outras palavras, se vocês pertencerem ao tipo primitivo, vocês farão uma escolha correspondente. Desejarão querer ir para baixo, ou seja, vão optar por se tornar residentes na matéria tão densa quanto o corpo físico que vocês descartaram quando vocês passaram para o Hades. Geralmente vocês retornam à terra. Mas é-me dito que o Homem-Animal ocasionalmente prefere entrar numa existência material nalgum outro planeta em que a matéria pode ser ainda mais densa do que qualquer substância terrena.

Os seres humanos existem em diversos planetas, mas os seus corpos materiais encontram-se sujeitos a um tipo diferente do tempo da terra, e viajam, pois, no âmbito do ritmo desse tempo. Consequentemente as suas partes físicas vibram mais lentamente ou mais rápido do as vossas e podem não ser percebidas por meio dos sentidos do homem. Eu chamo-lhes seres humanos por causa da condição das suas vidas, e por a construção das suas partes físicas ser similar à do homem.

O Lugar de Repouso no Caminho

Afirmei que nenhum progresso é conseguido na Terra da Ilusão, o que, num certo sentido, é incorreto. Nenhum progresso *aparente* é conseguido. A terra da Ilusão constitui o sonho da personalidade da terra. Durante um certo tempo, após o ingresso nesse estado, a alma encontra-se em paz, os desejos beligerantes sossegam; mas eles despertam de novo assim que o sonho começa a ser interrompido. Em verdade, quando esse furor desperta, rompe e destrói o sonho. Pois na Terra da Ilusão o Homem-Animal pode satisfazer o seu desejo de prazer sem qualquer dificuldade, e sem resistência; assim, rapidamente atinge a saciedade através da plena satisfação dos seus insignificantes apetites: depois, surge o descontentamento, e ele anseia por uma nova vida; sente-se completamente entediado com esse lugar de repouso no caminho. Desse modo, o progresso é conseguido, na medida em que ela chegou a perceber as limitações do sonho terreno.

Por outro lado, o Homem-Animal tem muito pouca consciência das alegrias da alma. Geralmente, a essa altura, quando anseia com todo o seu ser por uma vida nova, deseja que seja uma experiência na carne, e que se traduza por um outro episódio passado nas formas corporais mais grosseiras. Assim, ele desce; porém, desce para voltar a ascender. As suas experiências no sonho da personalidade da terra despertam nele a parte superior do seu ser. Durante a sua encarnação seguinte, ele provavelmente entrará para o estado Homem-Alma, ou pelo menos tornar-se-á menos animalista, e irá procurar uma existência e seguir uma vida de ordem superior àquela que tenha levado anteriormente na carne.

O plano do "Verão Eterno" é, pois, o sonho da personalidade terrena, pelo que não deveria ser considerado nem como o Céu, como o Hades nem como o Inferno, mas apenas como um lugar de repouso no caminho em que a alma sonha em 'retrocesso', de modo a sumariar a vida emocional e subconsciente da sua existência terrena. Mas ela sonha de volta, a fim de poder ser capaz de avançar mais uma vez no seu percurso.

A Prisão dos Sentidos

Os vossos ambientes atuais são, num certo sentido, criação vossa, por se acharem mentalmente tão pouco emancipados; os vossos nervos e sentidos transmitem-lhes a perceção que têm da vida. Se fossem capazes de focar o vosso ego, ou consciência diária, na vossa mente mais profunda; se, em resumo, vocês se treinassem no sentido de adotarem um composto de ideias que levasse a que a forma, conforme os sentidos vo-la transmitem, se fizesse ausente, o mundo

material desapareceria. Vocês não mais o perceberiam. Se estivessem suficientemente desenvolvidos espiritualmente, poderiam ser capazes de escapar por completo à forma, embora na verdade isso não seja possível até que vocês tenham passado por inúmeras outras experiências.

No entanto, nos planos superiores da existência o vosso poder intelectual é de tal modo incrementado que vocês conseguem controlar a forma; aprendem a atrair vida a ela. Como um escultor que pega na argila disforme e a molda, também a vossa mente lhe obtém vida e luz e dá forma ao vosso próprio entorno de acordo com a vossa perceção. No estado inicial, a vossa visão é limitada pelas experiências e recordações terrenas, de modo que vocês criam a vossa própria versão dos aspetos que vocês conheceram na terra.

Contudo, compreendam que na Terra da Ilusão vocês não criam conscientemente o vosso ambiente por intermédio de um ato do pensamento. Os vossos desejos emocionais, a vossa mente mais profunda fabrica-o sem que vocês cheguem realmente a ter consciência do processo. Por ainda serem a alma individualizada que se acha capturada nas limitações do vosso *eu* terreno e se acharem igualmente presos no vosso refinado corpo etérico que agora é o que possuem.

O HOMEM COMUM

Enquanto ascendem na progressão da sua vida na carne, homens e mulheres encontram-se, por assim dizer, suspensos entre a terra e o céu. Situam-se entre dois mistérios - o do nascimento e o da morte. Receiam olhar para baixo, e temem olhar para cima; via de regra, toda a vossa atenção tem que ser dedicada a cada degrau da escada em que procuram equilibrar-se. Assim, mesmo o mais hábil de entre eles vê-se limitado pela posição que ocupa nessa progressão, e acha difícil, quase impossível, considerar o que vem antes e o que vem depois do pequeno número de anos que compõem a vossa vida no mundo.

A mesma comparação pode ser aplicada a miríades de almas que passaram pelos portões da morte. A vida para eles situa-se certamente numa escala muito mais elevada e mais grandiosa; mas ainda assim elas residem entre mistérios. Encontram-se em equilíbrio entre Deus e o vosso próprio mundo das aparências. Assim, muitos dos mortos que se esforçam para enviar mensagens descritivas aos seres humanos vivos sobre os ambientes em que se encontram e a vida que experimentam só conseguem descrever a aparência real das coisas que os rodeiam; só conseguem escrever a partir daquela personalidade limitada que levaram consigo da Terra.

Se eu optar por descrever o Pós-vida do ponto de vista de Tom Jones que tenha sido licenciado em direito e tinha vivido em Londres toda a sua vida, a sua mente e o seu espírito limitados pelo trabalho jurídico que tenha exercido e a sua própria personalidade tacanha, o provável é que lhes desse o que pareceria uma descrição trivial e materialista da vida futura. Devido a que, via de regra, o Tom Jones só seja capaz de se comunicar com os seres humanos enquanto ainda se encontra num estado muito cru de desenvolvimento espiritual. Normalmente assemelha-se a uma cria de cachorro que não enxerga após o nascimento. Ele escreveria sobre o que ele não consegue ver.

Quando a perceção o acomete, quando a visão é concedida aos olhos da sua alma, tanto quanto me é dado saber, ele não volta a olhar para a terra de novo. Ele sente a própria pobreza mental de que padece. Não tem o poder de expressar por palavras, pelo que precisa tomar de empréstimo das mentes da terra, o incrível carácter da vida do estado pós-morte. Assim, fica em silêncio, e nenhum eco sairá de trás da cortina escura que transmite, nem que seja ao de leve, a melodia da outra vida, que dê a entender o estranho ritmo de um universo dentro de um universo, de uma vida dentro de uma vida, em que todos se encontram como navios no cais, dentro da imaginação infinita de Deus.

Tom Jones representa muitos milhões. Ele é o trabalhador tradicional, bastante eficiente em todas as questões relacionadas com a profissão específica que levou, mas limitado por ela e pela vida que levou feita de pequenas diversões, pela falta de lazer que o impedia de considerar o derradeiro propósito da vida. Como um cavalo conduzido com arnês e antolhos, também ele assim se deixou conduzir do berço até o túmulo. Não levou uma vida muito significativa. Encerra uma certa dose de tristeza e de riso. No que se tornará, pois, esse símbolo da multidão? O que será desse Tom Jones, da Sra. Jones e da Miss Jones? Será muito melhor para nós, neste estudo das muitas "Mansões" do Além, que antes de mais consideremos o futuro do homem e da mulher comuns. Transformar-se-ão eles num piscar de olhos? Tornar-se-ão grandes videntes altamente desenvolvidos tanto espiritual como mentalmente? Ou seguirão a lei da evolução conforme o homem a conhece?

Precisamos primeiro responder a estas duas questões. Se o Tom Jones for transformado pela morte num grande vidente, ou num génio espiritual elevado ele não mais será Tom Jones. Não se poderá, pois, dizer que tenha sobrevivido à morte. No entanto, posso garantir-lhes que ele segue o caminho lento da evolução; ele nasce no mundo seguinte com todas as suas restrições limitativas, com toda a sua tacanhez de mentalidade, as suas afeições e aversões. Ele será, em suma, inteiramente humano. Para um tal indivíduo uma existência maravilhosa e elevada de carácter espiritual dificilmente será possível. Ele ainda se encontra mentalmente

na fase das “fraldas.” Por isso, precisa ser tratado como o bebé é tratado no vosso mundo. Precisa receber cuidados e proteção; não deve defrontar nenhuma mudança súbita nem violenta, por não ter atingido suficiente maturidade espiritual e mental para ser capaz de a suportar.

Ele pertence a uma vasta multidão que precisa, conforme o descrevemos aqui, voltar a sonhar para que possa avançar mais tarde, prosseguir rumo ao objetivo final, rumo a um estado de visão espiritual em que poderá penetrar o estado intemporal, onde possa ultrapassar o grande quadro cósmico e entrar na mente do seu Criador. Mas há muito a ser feito pelo Tom Jones antes que ele possa, se é que alguma vez o venha a conseguir, atingir essa condição. Ele ainda é uma criança que precisa de brinquedos como qualquer criança, e por conseguinte, ainda requer ter ao seu redor um mundo de aparências.

As almas mais avançadas — a quem a Igreja pode chamar anjos e a quem eu chamo “Sábios" - podem existir em formas tênues em vastos horizontes de espaço e levar neles uma existência de extraordinária vivacidade. Tom Jones é inteiramente incapaz de enfrentar uma situação ou estado de existência tão estranho e enérgico.

Assim, nós, que estamos um pouco mais avançados do que ele, velamos às portas da morte, e conduzimo-lo aos seus companheiros, após certas etapas preparatórias, ao sonho em que ele virá a residir, a viver ainda, de acordo com a crença que tem, imerso no tempo terreno. Ele carrega dentro de si a capacidade de recordar toda a sua vida terrena. Ambientes familiares são aquilo de que tem necessidade mais desesperada. Ele não deseja uma cidade de joias, nem nenhuma visão descomunal do infinito. Anseia apenas pela paisagem caseira que costumava conhecer. Não a irá encontrar aqui no sentido concreto, mas encontrará, se assim o desejar, a ilusão.

Os sábios, conforme eu lhes chamo, podem extrair da sua memória e da grande mente supraconsciente a recordação da terra, as imagens de casas e de ruas, de um país como o conhecido por esses viajantes recém-chegados da terra. Os Espíritos Sábios pensam, e desse modo produzem uma criação que se torna visível ao Tom Jones.

Assim, nos primeiros dias após a sua transição, ele é não lançado no vazio, no nada. Depois de ele ter permanecido dormente na penumbra, e repousado como que numa crisálida enquanto o seu corpo etérico é moldado de novo, ele emerge como a borboleta, e irrompe num mundo por ele formado com base no pensamento concentrado de homens de grande discernimento espiritual, para quem não consigo encontrar termo melhor do que o de "Sábios" ou "Vida Criativa."

Uma imagem é extraída das recordações da jovem alma. É a de um país consideravelmente mais belo - mas não diferente do país que Tom Jones e os seus companheiros conheceram. Esse país não é real. É um sonho. Mas para Tom Jones é tão real quanto a mesa de escritório e o despertador que o despertava pela manhã, e o convocava para o trabalho. Indubitavelmente apresenta uma aparência mais atraente do que o seu pequeno mundo cinzento de Londres, mas em essência é feito da mesma matéria familiar de que a sua Inglaterra é feita. Nesse sonho ele encontrará os seus amigos, alguns dos seus próprios familiares, e aquelas duas ou três pessoas que ele realmente terá amado; ou seja, se eles já tiverem passado antes dele, e sido convocados mais cedo pela Morte.

Imaginemos Tom Jones num ambiente que lhe pareça material e que, por conseguinte, não lhe desperte, de forma nenhuma, a timidez natural. Ele é uma alma simples que terá levado uma vida de asseio e de respeitabilidade, e que satisfez os seus desejos com moderação. Passou setenta anos da sua vida num certo ambiente na terra. Por que deveria ele, depois de se separar do seu corpo físico, de se deparar com um ambiente com o qual ele está, em grande medida, familiarizado? Por que deveria ele enfrentar outra existência de carácter similar à última?

Na realidade não é similar. Representa o período da grande e lenta mudança para Tom Jones. A vida que ele levou no mundo, desde, digamos, 1850 a 1920, corresponde à vida do germinar de uma semente na terra. Quando o seu primeiro rebento verde pressiona para cima em direção à luz, então ele atinge o termo dos seus anos, e passa para outra vida. O jardineiro, que o tem ao seu encargo e a muitos outros pequenos rebentos, coloca-os, caso estejam adequados, numa estufa onde, conforme lhes descrevi, ele os introduz num mundo de forma e carácter semelhante ao que eles tenham conhecido anteriormente.

Estes viajantes encontram-se num ambiente familiar entre gente de mentalidade afim. Mas com bastante frequência acham que as suas necessidades reais não são as mesmas. Não estão condenados a nenhuma tarefa de execução mecânica durante a maior parte da sua existência devido a que os seus corpos etéricos não precisem de alimento. Eles extraem o que é essencial ao seu bem-estar daquela substância invisível que tudo permeia. Na terra, os homens são escravos do corpo e, por conseguinte, escravos das trevas. Na vida futura, poderemos na verdade dizer que, sob certas condições, eles se tornam servos da luz. Como o alimento, ou o seu equivalente, o dinheiro, não representa o principal objeto da sua existência, dispõem por fim de tempo para servir a luz. Quer dizer, eles encontram-se numa posição em que podem refletir a seu belo prazer e começar a estender-se a esta estranha e maravilhosa vida da mente, do pensamento.

Agora; com a dissolução do corpo, pelo menos uma das desesperadas e clamorosas necessidades terá desaparecido. Não precisamos mais das três ou quatro refeições por dia que eram de tão excessiva importância. Um fator primordial da vida terrena é eliminado - a fome. Mas temos outros fatores de enorme importância a considerar. Depois da fome vem o sexo. Terá essa necessidade igualmente desaparecido com a dissolução do corpo? Acho que a minha resposta, na maioria dos casos, deve ser negativa. Não desapareceu, mas sofre uma alteração. E aqui nos deparamos frente a frente com uma das grandes dificuldades deste período de transição.

Em primeiro lugar, é necessário tentar alguma definição do desejo sexual, por ele assumir muitas formas, algumas das quais pervertidas. Se tratarmos dessas perversões, que ao fazê-lo, trataremos daquilo que o homem chama de pecado. A crueldade fere porventura mais fundo na natureza humana do que qualquer outra perversão sexual. Ela marca a alma humana, a cicatriza-a de forma mais aprofundada do que qualquer outro vício.

O homem cruel que transformou o anseio natural de afeto num desejo de infligir dor aos outros encontra-se necessariamente num mundo aqui em que ele não pode satisfazer esse desejo. Ele foi conivente com isso durante toda a sua vida terrena, de modo que isso se tornou parte integrante da sua alma. De qualquer modo, na nova vida, não possui, em momento algum, o poder de infligir dor a nenhuma coisa vivente. Para ele, que tem os seus poderes mentais consideravelmente intensificados, isso significa uma aflição insuportável. Ele põe-se em busca de quem possa devorar e não encontra ninguém.

A infelicidade de tal estado de insatisfação tem, em grande parte, um carácter mental. Que utilidade terá para ele um mundo de luz e de beleza enquanto esse anseio imundo terreno ainda está por satisfazer? Para ele há apenas uma forma de se libertar do seu purgatório mental. E até que possa encontrar uma maneira de escapar, até que se verifique uma mudança real na sua alma fria e cruel, ele permanecerá nas trevas exteriores. Cristo falou dessa escuridão exterior como o fado dos pecadores. Com isso, ele não se referia à escuridão tal como a conhecemos — a escuridão reconhecida pelos sentidos. Ele referia-se uma escuridão da alma, uma angústia mental, um desejo pervertido que não consegue encontrar satisfação.

Eventualmente, um indivíduo desses conseguirá enfrentar a sua própria infelicidade, o seu vício; e em seguida, sucederá a grande mudança. Ele é colocado em contacto com uma parte da Grande Memória que São João chamou 'Livro da Vida'. Ela toma consciência de todas as emoções suscitadas ou infligidas às suas

vítimas pelos atos que cometeu. Penetra numa pequena parte da potente Memória Supraconsciente da sua geração que paira perto da terra. Nenhuma dor, nenhuma angústia que tenha provocado perecerá. Tudo ficou registado, e possui um tipo de existência que leva a pessoa a tomar consciência disso uma vez tenha entrado em contacto com a rede de recordações que lhe terá envolvido a vida e as vidas daqueles que tenham entrado em contacto com ele na terra. A história do homem cruel na vida futura daria um livro que não me é permitido escrever. Posso somente acrescentar brevemente que a sua alma ou mente é gradualmente purificada por meio da identificação dele com o sofrimento das suas vítimas.

Desviei-me do assunto do Tom Jones, a fim de explicar o que se acha implícito à declaração de Cristo quando afirmou que o pecador é lançado nas trevas exteriores onde há choro e ranger de dentes. É numa escuridão mental em que o pecador mergulha. A sua própria natureza pervertida terá atraído esse sofrimento a si. Ele gozava de livre arbítrio, do poder de escolher, mas, em todo caso, escolheu temporariamente essa escuridão mental na vida seguinte.

Agora, vou dar-lhes mais um exemplo. Tomemos por exemplo um homem, ou se preferirem uma mulher, que tenha levado uma vida imoral na terra. Aqui eu posso tomar de empréstimo o dito do anjo que apareceu a João: "Que aquele que pratica a iniquidade, continue a praticá-la." (Rev. xxii. 11) O homem que vem para esta vida com uma história sexual de tipo repreensível descobre, ao penetrar entra no Reino da Mente, que, como as suas perceções mentais são tão aguçadas, os seus desejos terrenos predominantes são intensificados, em resultado do seu poder mental torna-se muito mais considerável. Ele pode, à vontade, invocar para si próprio quem lhe satisfaça esse lado mais desenvolvido da sua natureza. Outros da sua espécie gravitarão para ele, e durante um período de tempo esses seres viverão num paraíso sexual.

Mas tenham em mente que ele é criado pela sua "constituição" mental, pelas suas recordações e pela sua imaginação. Eles ainda anseiam pela sensação bruta, e não pela vida mais refinada, que é o espírito do amor sexual, aquela camaradagem perfeita isenta da gratificação dos sentimentos mais grosseiros. Eles obtêm-na em abundância, ao que se segue uma terrível saturação. Acabam por sentir aversão por aquilo que conseguem em excesso e facilmente; e então acham extraordinariamente difícil escapar àqueles que partilham dos mesmos prazeres que eles. Um assassino enquadra-se na categoria de tais homens. É um desejo subitamente pervertido, um desejo de crueldade que leva em muitos casos ao assassinato.

O último estado na terra da Ilusão poderia ser denominado de "estado de purgatório." Obviamente, é extremamente doloroso perceber o sofrimento da saciedade, para chegar a um termo com o prazer almejado. Mas existe um infortúnio maior do que o da não realização da extrema ânsia, que é a sua realização. Por os seres humanos serem constituídos de tal forma que quase invariavelmente buscam um sonho falso, uma quimera, sem que nenhum conteúdo permanente possa ser obtido da sua realização.

É, claro, impossível estabelecer uma regra rígida. Cada indivíduo tem uma diferente experiência dos demais no Hades e na terra da Ilusão. Em certos casos, não lhe é dado o poder de satisfazer os seus desejos. Na verdade, ele é capaz de o fazer, mas o seu próprio ego não permite tal satisfação. Por exemplo, o homem de egoísmo calculista na terra da Ilusão pode habitar na escuridão, por não ter cabimento no poder do seu ego voltar-se para fora, ou expressar-se na fantasia da satisfação dos desejos.

Ele volta-se mais do que nunca para dentro com o choque da morte. Acredita ter perdido tudo e perde o contacto com todos, exceto o sentido da existência do próprio pensar. Durante um período de tempo prevalece um pesadelo de escuridão, enquanto ele habita no âmbito do seu mórbido sentido de perda, do seu desejo, simplesmente para se satisfazer a si próprio sem qualquer consideração pelos demais. Pode chegar a existir apenas noite na terra da Ilusão para o homem anormalmente egoísta.

Praticamente todas as almas vivem durante um período de tempo no estado de ilusão. Quando morre, a grande maioria dos seres humanos é dominada pela conceção de que a substância constitua a realidade, de que a experiência particular que fazem da substância seja a única realidade. Não estão preparadas para um mudança imediata e total de perspetiva e anseiam apaixonadamente por um ambiente familiar embora idealizado. A vontade de viver que têm é meramente de existir no passado. Assim, entram naquele sonho que eu chamo de terra da Ilusão.

Por exemplo, Tom Jones, que representa o homem da rua irrefletido, vai desejar uma casa de tijolos glorificada numa Brighton glorificada. Assim, ele dá por si detentor orgulhoso dessa bestialidade do século XX. Gravita naturalmente para junto dos seus conhecidos, todos aqueles que que eram dotados de espírito afim. Na terra ele ansiava por um charuto de marca superior. Aqui ele pode ter a experiência de fumar essa marca *ad nauseam*. Ele tinha vontade de jogar golfe, de modo que ele joga golfe. Mas ele está apenas a sonhar o tempo todo, ou melhor, a viver a fantasia criada pelos fortes desejos que tinha na terra.

Passado um tempo esta vida de prazer deixa de o divertir e contentar. Então ele começa a pensar e a ansiar pelo desconhecido, por uma nova vida. Finalmente está preparado para dar o salto na evolução e esse sonho nublado desvanece-se.

Capítulo IV
A CONSCIÊNCIA

Na terra, a consciência é como uma lâmpada que se acende a cada manhã quando vocês acordam. Se vocês tiverem uma saúde precária a chama será fraca, mas se vocês forem jovens e vigorosos ela reacende-se e parece iluminar cada objeto material que encontrem, conferindo-lhe um brilho especial e ditoso. Essa consciência diária muda de acordo com a idade e a experiência. De um final de ano para outro nunca é exatamente a mesma, embora vocês provavelmente não notem a quase impercetível alteração que sofre. É esse ego que vê, que toca, que ouve e que tem consciência do mundo material. Eu já lhes disse que este ser fantástico constitui uma soma aritmética.* Após a morte, e após as fases de transição, esse ego, com certas e importantes mudanças, retoma novamente o seu domínio.

**Ver o Eu Subliminal, mais à frente.*

Seja qual for o plano do ser a que ele chegue, é agora um viajante que descartou carne e ossos, as células cerebrais, a intrincada rede de nervos que lhe facultavam coesão e proporção ao corpo, que fazia dele um reino. Em seu lugar existe uma forma muito mais refinada. Essa forma também possui os seus meios de comunicação, os quais nutrem toda uma nova estrutura de átomos muito subtil. É, conforme disse, uma estrutura tão rarefeita, tão fina, que é invisível à vista desarmada mortal e escapa aos instrumentos mais aperfeiçoados dos cientistas.

Com efeito nenhuma dor real é sentida em nenhuma das partes desta nova imagem do homem, porquanto agora a mente possui poderes incrementados, e embora possa experimentar dor no sentido espiritual ou intelectual, tal é o controlo que tem da sua forma externa no Quarto Plano que a forma não lhe pode causar dor no sentido terreno ou físico, nem pode ser, sob todos os aspetos, fator dominante. Vocês irão perceber, pois, que um importante avanço terá sido conseguido. Por outro lado, o homem ainda precisa passar por muitos estados, e experimentar inúmeras vidas antes que ele se aproxime da meta, antes que alcance a realização.

Grosso modo, posso definir a consciência que tem durante a maior parte da sua jornada da seguinte forma: espírito ou alma superior, ego ou alma inferior, e a sua manifestação na forma.

Há igualmente o que eu poderia chamar de escala de progressão da consciência. Os graus dessa escala representam as diversas vidas vividas desde o alegado começo até à realização final; embora não me caiba a mim dizer que exista qualquer fim. Quando emprego o termo "final," apenas desejo indicar os limites da perceção que tenho. Agora; a alma ou ego é o *eu* real ou a consciência superficial em cada degrau da escada de progressão; o espírito é a luz que vem de cima. Ilumina todos os degraus dessa escala, abrange o todo. A alma é, pois, meramente a parte, a parte que reúne a experiência, o representante do mistério que se acha por trás de toda a vida.

Quanto mais alto o ego subir na escala da consciência, mais se aproxima de outras almas afins. Já lhes disse que podem existir mil, cem, ou simplesmente vinte almas todas abrangidas por um mesmo espírito. A consciência que têm de serem companheiros da alma aumenta nos níveis mais elevados da existência. Com o tempo são capazes de penetrar as memórias das outras almas, perceber as suas experiências e lhes ser sensíveis como se fossem suas. Nos estágios finais a mente torna-se comunitária (coletiva), pois o espírito, o "princípio de união," tende a todo momento a produzir uma maior harmonia e, por conseguinte, uma maior unidade. Essa gente funde-se cada vez mais, e torna-se um em termos de experiência e de espírito, e assim alcança níveis de poder intelectual inimagináveis.

Nos degraus mais baixos dessa escala da consciência residem aquelas almas que ainda se apegam aos hábitos humanos do pensamento, à personalidade terrena, à sua própria linha de raciocínio individual. Na Terra, algumas delas terão sido extremamente instruídas. Mas o conhecimento não faz do homem um sábio. Um grande iogue Indiano, um sábio Chinês, um padre Cristão santo ou versado poderão residir durante eternidades no Terceiro e Quarto Estados Supraterrenos. Eles são representantes típicos do Homem-alma, embora tenham os seus defeitos. Agarram-se à linha de raciocínio que conheceram na terra, e assim continuam tristemente individualistas (isolados) nela; encontram-se presos no seu sonho, e enredados nos muitos erros que daí derivam.

Por exemplo, o iogue Indiano e o sábio Chinês ainda podem procurar apenas seguir a aspiração da sua religião particular ou filosofia, a libertação da alma da matéria, a contemplação extática do universo. Parecem conseguir a sua aspiração; mas, em consequência, permanecem somente num dos graus da escala. Creem ter alcançado o Nirvana, e terem passado para o Além, penetrado no Mistério de Deus.

Mas não conseguiram nada do tipo; porquanto eles ainda se encontram individualistas, ainda se apegam ao seu sonho bem-aventurado criado quando eles se encontravam na terra. Eles vivem no lago estagnado. Não estão a progredir nem para cima nem para baixo. Não têm contacto com o aspeto material do universo, e o seu estado de alegada contemplação extática estreitece e delimita-lhes a experiência, confinando-os ainda à prisão do seu próprio ego.

Eu comentei antes que quando as almas alcançam aos graus mais elevados da escala elas se fundem no Espírito de união e podem passar para o Além, penetrar no Mistério de Deus. Ao fazê-lo, eles livram-se da forma e deixam de se expressar por meio da aparência externa. Mas aqueles espíritos que passam para o Além não permanecem em contemplação extática como fazem o sábio ou o iogue; estão, embora sem forma, em contacto com o todo o Material, uma atividade incrível de tipo espiritual e intelectual. Porque agora eles partilham do Mistério atemporal.

Agora encontram-se no verdadeiro Nirvana, no mais elevado Céu Cristão; eles conhecem e experimentam o alfa e o ômega do universo material. A crónica de toda a vida planetária, a história da terra desde o início até o fim encontra-se à sua disposição. Verdadeiramente eles não são apenas sucessores, eles tornaram-se herdeiros, de verdade, efetivos, da vida eterna. Ao ascenderem a longa escala da consciência, vocês são uma soma aritmética. Quando vocês entram no Além, vocês tornam-se no TODO.

O espírito, que ilumina a escala, é um pensamento individualizado de Deus, um pensamento que pode residir dentro da sua própria vida, ou que ainda pode estar em direto e intenso contacto com Deus quando esse pensamento entra em contacto direto com o ego humano. Um Homem do espírito é um ser humano — daqueles que talvez só alguns tenham aparecido na Terra desde que o tempo teve início.

Ele difere dos outros na medida em que o seu espírito mantém aquela inspiração direta e intensa de Deus ao penetrar no tempo e comunicar com o homem encarnado. Portanto, só o Homem-do-espírito expressou a verdade eterna, seja na sua vida ou nas palavras que profere. Quando o seu corpo físico fenece, ele passa ao Hades, porém, não se demora na terra da Ilusão e rapidamente galga os degraus da escala. Facilmente se pode tornar um com o Pai. Pois, mesmo na terra, ele terá tido conhecimento da Pai, e colhido a sua inspiração da imaginação de Deus.

Capítulo V

O PLANO DA COR - O QUARTO PLANO

O HOMEM-ALMA / O ROMPIMENTO DA IMAGEM

Na terra da Ilusão usamos um corpo etérico. É de uma matéria mais subtil ou mais tênue do que a forma física. Se pertencermos à segunda classe, se formos um Homem-da-alma — por outras palavras, uma alma inteligente e eticamente desenvolvida — desejaremos subir a escala da consciência. O anseio por uma existência física ter-se-á reduzido a cinzas com, no entanto, certas exceções.

Certos Homens-da-alma desejam retornar à terra, ou desejam, de qualquer forma, alguma existência planetária em que eles possam alcançar um triunfo intelectual qualquer, ou onde eles possam desempenhar um papel notável na luta da vida terrena ou planetária. Assim, fazem por encarnar de novo. Mas a maioria dos Homens-da-Alma abandona o seu corpo etérico e adota uma forma que é uma medida mais refinada. Eles são de seguida libertados da terra da Ilusão, daquele berçário em que apenas viviam a velha fantasia da terra.

Bom, esses seres usam um corpo subtil e entram num mundo que eu designaria Supraterreno; pois eles ainda permanecem no éter. Éter é um termo pejorativo; mas não consigo encontrar outra palavra para definir esse ar ou, digamos, fluído ou emanação que é do universo material. Rogo-lhes que se lembrem de que o éter é o ancestral da matéria como vocês a conhecem. Mas estou a desviar-me do tema principal.

Enquanto o homem-da-alma viver sobretudo na forma, ele deverá contentar-se em ser um ser supraterreno. Esse estado comporta muitos graus, muitos veículos de expressão, que diferem na taxa de vibração; quanto mais refinadas forem, maiores serão as perceções espirituais e intelectuais que teremos; quanto mais amplo for o seu alcance, mais elevada será a experiência que temos daquele Mistério que chamamos de Deus — o objetivo de toda a realização espiritual.

Agora, no estado além da Ilusão, em que vivemos conscientemente e somos sensíveis ao nosso corpo subtil, habitamos um mundo que é o original da terra. Resumidamente, a Terra é uma cópia torpe e esborratada do mundo que a alma subtil habita no seu corpo subtil. Terão, sem dúvida, consciência de que quando pinta uma obra-prima, o copista geralmente fracassa por ser incapaz de transmitir a alma da obra em questão. As medições podem mostrar-se corretas, a coloração e as linhas podem ser excelentes, mas não encerra vida, pelo que nos deixa frios e distantes, sentimo-nos meramente instigados a uma irritação fútil quando percebemos uma cópia de um antigo mestre

que adoramos. A terra, como vocês a conhecem, é essa coisa irreal — uma cópia de uma obra-prima. É uma sombra com todos os defeitos que a sombra tem. Mostra-se, por vezes, distorcida e grotesca; outras vezes, um mero contorno indistinto. A animação mostra-se ausente. A verdadeira vida não é expressa nela.

Dentro do mundo subtil de que falo, vocês perceberão uma variedade de formas que não são conhecidas na terra e que, portanto, não podem ser expressadas por palavras. Contudo, há uma certa semelhança, uma correspondência entre os aspetos da natureza e os aspetos neste plano luminífero. Existem flores nele; só que existem em formas desconhecidas para vós, requintadas em termos de cor, radiantes de tão luminosas. Tais cores, tais luzes não estão têm lugar em nenhuma oitava, são expressadas por nós por pensamentos e não por palavras.

Pois, tal como observei anteriormente, as palavras são para nós obsoletas. Contudo, a alma, neste plano de consciência, precisa lutar e trabalhar, conhecer o sofrimento, só que não o sofrimento da terra; conhecer o êxtase, embora não o êxtase da terra. O pesar é de carácter espiritual, o êxtase é de tipo espiritual. Essas duas qualidades transcendem a imaginação, mas finalmente levam a alma às fronteiras da região Supraterrena.

UM CAPÍTULO SOBRE SUPERLATIVOS — A APOTEOSE DA FORMA

A alma torna-se detentora de uma nova consciência, bem como de perceções mais refinadas, quando decide ascender em vez de descer na escala da consciência; e, por conseguinte, ela entra no Quarto plano da existência.

Em média, o ego normal do homem comum na Terra é amplamente controlado pelos desejos do corpo, embora o espírito lhe inspire a vida e por vezes ilumine a escuridão do cérebro humano com clarões luminosos. Ainda assim, o espírito, ou o que eu chamo de mente mais profunda, pode apenas consegue fazer-se imprimir ao de leve sobre o ego. Agora, no quarto estágio, o espírito é capaz de entrar, com maior intensidade, na medição do tempo que chamo de alma ou consciência comum. Essa alma torna-se sensível à mudança através do alto incremento dos seus poderes intelectuais. Com esse incremento da consciência vem uma maior concentração. A memória da vida terrena, nos seus detalhes, é por essa altura perdida. Enquanto a alma habitar a forma, ela estará sujeita ao ritmo do universo e, portanto, a uma forma qualquer de tempo, que concebe, e à aparência, como um símbolo.

Contudo, a alma traz consigo a memória emocional fundamental, ou melhor, retém contacto com ela no primeiro estágio do Quarto plano da vida. Este plano da cor poderá mais apropriadamente ser denominado "A Rutura da Imagem." Pois neste nível

de consciência a alma aprende a controlar a forma, apreende por inúmeras experiências a fantasmagoria de toda substância. No período anterior da sua evolução, ela era controlada em grande medida pela substância. Lentamente a imagem esculpida é demolida, lentamente o ego aprende a inspirar-se na alma ou espírito superior e consegue romper à vontade a sua forma e romper com todas as formas, todas as aparências que a cercam.

É claro que as experiências de cada indivíduo variam amplamente. Tomo como exemplo um sensitivo Homem-da-alma que consegue um progresso ascendente definido, que não avança, como sucede com muitos, num movimento ondulatório de onda marinha, para cima e para baixo, para cima e para baixo, embora sempre a chegar um pouco mais alto do que antes.

Agora, este sensitivo Homem-da-Alma percebe antes de mais que entrou num mundo de uma miríade de cores, luzes e sons. Ele é sensível a um corpo inteiramente diferente do corpo humano. Com respeito à aparência, só pode ser descrito como um composto aparente de luz e cores inimagináveis. Os contornos dessa forma são influenciados por todos os atos passados do ego, na medida em que eles se imprimiram na sua consciência mais profunda. Este composto colorido pode ser grotesco, bizarro na forma, pode mostrar-se encantador além de toda descrição, pode possuir contornos estranhos e absurdos, assim como pode transcender o sonho mais elevado de beleza terrena.

Nesta região multicolorida a forma vibra com extrema intensidade, por agora a mente se expressar mais diretamente na forma: pelo que podemos perceber os pensamentos de outras almas. Inicialmente, apenas um (pensamento) poderá penetrar à vez essa 'audição'. Mas passado um tempo tornamo-nos sensíveis ao facto de que podemos perceber os pensamentos de diversas almas, cada qual aparte e distinta das outras. Vivemos num mundo de aparências em certos aspetos semelhante à Terra. Só que toda essa vasta região de aparências assume proporções gigantescas em termos conceptuais, aterrorizantes e requintadas de acordo com a maneira como se apresenta ao Homem-da-Alma. É muito mais fluída, menos aparentemente sólida do que o ambiente terreno.

Este mundo multicolorido é nutrido por uma luz e vida da máxima pureza, e vibra a um ritmo inimaginável. As almas que residem na primeira zona percebem que com o incremento da consciência, obtiveram uma sensibilidade muito maior. A mentalidade hostil de um Homem-da-Alma pode, com uma potente projeção do pensamento, atacar e enfraquecer alguma parte do nosso corpo de luz e cor. Precisamos aprender a emitir raios protetores. Se na terra algum outro homem ou mulher tiver sido nosso inimigo e nos tivermos odiado profundamente, encontraremos esse homem ou mulher

nesse plano luminoso; a velha memória emocional despertará quando nos encontrarmos. Porquanto o amor e o ódio atraem-nos inevitavelmente para aquelas almas que tiveram lugar no padrão do nosso desígnio particular que sempre é moldado e remodelado na tapeçaria da eternidade.

Entenderão, pois, que a dor e o prazer, a alegria e o desespero são uma vez mais experimentados. Contudo, uma vez mais, essas qualidades diferem muito da conceção terrena que dela temos; são de uma qualidade mais refinada, de um carácter intelectualizado. Mais potente é a sua inspiração, mais profundo o desespero que despertam, mais inconcebível a bem-aventurança que despertam nas profundezas do nosso ser.

Neste plano luminoso a luta aumenta de intensidade, os esforços despendidos vão além da medida da experiência terrena. Mas os resultados de tal trabalho, de tal labuta e batalha intelectualizada e espiritualizada também transcendem a emoção mais soberba da vida do homem. Em resumo, toda experiência é refinada, acrescida, intensificada e o verdadeiro entusiasmo de vida aumenta imensamente.

A Consciência no Quarto Plano

As observações anteriores, que esboçaram uma existência mais rarefeita na zona Supraterrena, devem ser consideradas apenas como um rascunho rudimentar de um estado de existência muito diversificado. Por exemplo, nesse estado mais espiritualizado existem muitas formas de expressão. Nele a alma enverga diversos corpos, passando de um para outro à medida que avança. Estes tornam-se cada vez mais subtis na verdade, mas a textura da sua excelência não pode ser apreendida ou compreendida nem mesmo por um cientista sobredotado.

Uma lei prevalece, todavia — a nossa alma tem consciência apenas daqueles seres que possuem corpos que vibram na mesma intensidade — isto é, a menos que ele se coloque num estado análogo ao daquele estranho sono conhecido como hipnose. Uma vez assim condicionado, ele pode regressar, descer temporariamente um grau da escada e estabelecer contacto mental com uma alma que habite uma forma mais densa. Ele pode até descer ao Hades, penetrar no seu nevoeiro e entrar em contacto com seres humanos.

Com isso, ele é frequentemente apanhado no sonho da personalidade da Terra; é como se a memória das suas experiências num plano superior fossem temporariamente anestesiadas. Portanto, ele é incapaz de transmitir à terra — salvo em raras exceções — qualquer informação interessante ou notável. Preso no casulo das memórias terrenas, que muitas vezes não são dele, ele pode simplesmente falar de

assuntos materiais triviais. É como se ele fosse uma abelha drogada numa colmeia, uma abelha saciada de mel.

A consciência dele no plano luminífero aumentou muito, mas geralmente ele não consegue transmitir noção nenhuma disso àqueles indivíduos que ele pode tentar contactar se ele escolher mais uma vez, como Orfeu, descer ao inferno em busca da amada. Estas observações explicarão por que poucos recebem qualquer impressão espontânea da parte dos falecidos. De facto, homens e mulheres são como fantasmas para nós, e somente quando eles nos procuram com fé e com amor obtêm eles alguma sugestão convincente da nossa parte, da nossa personalidade terrena. Essa busca é legítima e não perturbará nem atormentará aquele que for convocado ou procurado.

Agora, um ser humano não consegue imaginar um som novo, uma cor nova nem um sentimento novo; assim, é impossível que conceba a infinita variedade de novos sons, cores e sentimentos que nós experimentamos no Quarto estágio, que chamei "Rutura da Imagem."

Quase metade da vida terrena é passada no estado de sono, ou seja, no estado de inconsciência; e calcula-se que mesmo quando o homem esteja acordado, e o seu *eu* normal salutar, a sua consciência seja interrompida por espaços de inconsciência quarenta ou cinquenta vezes por segundo. (1)

(1) Uma corroboração interessante desta avaliação um tanto surpreendente aparece como uma nota de rodapé para página 328 de The Individual and Reality, de E. D. Fawcett. É a seguinte: "A referência não é feita apenas ao dormir, etc. Foi calculado (por quem não me lembro) que a consciência é interrompida por espaços de inconsciência não menos que cinquenta vezes por segundo."

E. B. Gibbes

Nesse aspeto, ele assemelha-se a um farol sobre uma costa rochosa numa noite sem estrelas. Uma escuridão impenetrável cobre o mar; de vez em quando é iluminado por um raio de luz que brilha através das águas e lhe ilumina a superfície, só que débil e momentânea. A meu ver, a consciência do homem parece-se com isso, agora. Na sua jornada de ascensão da escala, ele emerge gradualmente dessa escuridão no sentido de que a luz se torna mais brilhante, mais contínua.

Quando ele atinge o Quarto estágio a sua consciência é tão brilhante quanto a consciência de um homem comum é débil. Sofre muito menos lacunas de inconsciência, por o espírito conseguir estabelecer um contacto mais consistente com a alma em razão da delicadeza do seu corpo e da sua maior subtileza, em razão do

incremento da atividade intelectual que tem lugar da sua parte. O filhote de cachorro começa finalmente a abrir os olhos.

Rogo-lhes que examinem a imagem do mar noturno uma vez mais. É quase continuamente iluminado pelo raio de luz do farol. Somente a longos intervalos a escuridão o inunda. Agora, como será possível transmitir aos seres humanos, por meio de sons primitivos e rudes chamados *palavras*, as implicações que surgem dessa consciência amplamente superior? Por exemplo, a intensidade dos processos de pensamento da vida emocional parecem ilimitados quando comparados com os lentos movimentos do cérebro humano, com a paixão nua e crua que é despertada nos momentos emocionantes da vida terrena. Vejam a atividade intelectual de uma lesma ou de um caracol, comparem-na com a de um homem e vocês entenderão quão diferente é o mundo mental da alma no Quarto Plano da do ser humano.

A conceção que temos do espaço difere inteiramente da conceção que vocês têm. Eu posso transmitir-lhes um leve vislumbre disso recorrendo à mensagem sem fios a título de ilustração. Eu preciso apenas concentrar o meu pensamento pelo que vocês poderão designar como um momento e construir uma imagem cópia de mim próprio, envio essa imagem velozmente através do nosso vasto mundo a um amigo, a alguém que esteja em sintonia comigo.

Apareço instantaneamente diante desse amigo embora eu esteja distanciado dele; mas a minha cópia trava conversa — por pensamento, lembrem-se, não por palavras — com esse amigo. No entanto, o tempo todo, eu controlo-a a partir de uma enorme distância; e assim que a entrevista termina eu retiro a vida do meu pensamento dessa cópia de mim próprio, e ela desaparece. Claro, só posso estabelecer esse contacto com aqueles que no meu plano se acham familiarizados comigo e, portanto, estão no meu ritmo.

Esta ilustração trivial do poder do pensamento a fim de emprestar realidade a si próprio é referida aqui apenas para lhes mostrar o quanto nos aproximamos do Princípio Criativo. Nós estamos gradualmente a aprender a viver dentro e fora da forma, a aprender o quão fantasmagórica é a mais tênue das substâncias. Estamos a tomar consciência do carácter fluido e fluente da mente. Entendemos como ele pode controlar a energia e a força vital, aquelas unidades que nutrem todas as manifestações e aspetos.

Capítulo VI

A ALMA GRUPAL
O GRUPO DE CONSCIÊNCIA PSÍQUICA
O CORPO FÍSICO, UM GRUPO DE CONSCIÊNCIA ATÓMICA

A alma grupal é una e, no entanto, múltipla. O espírito que a anima torna essas almas uma só. Eu acho que eu já lhes expliquei antes, que assim como existem certos centros no cérebro, também na vida psíquica existe uma quantidade de almas todas unidas por um espírito, dependendo do sustento que tenham nesse espírito.

Quando eu estava na terra, eu pertenci a uma alma-grupal, mas os seus ramos e o espírito — que poderia ser comparado às raízes – situavam-se no invisível. Agora, para que vocês entendam a evolução psíquica, essa alma-grupal precisa ser estudada e compreendida. Por exemplo, explica muitas das dificuldades que as pessoas lhes garantirão só poderem ser afastadas pela doutrina da reencarnação. Vocês podem achar esta minha declaração frívola, mas o facto de parecer que na terra estejamos a pagar pelos pecados de outra vida é, em certo sentido, verdadeiro. Foi uma vida nossa, e ainda assim não foi uma vida nossa. Por outras palavras, uma alma pertencente ao grupo do qual faço parte viveu que vida anterior que edificou para mim a estrutura da minha vida terrena, viveu-a antes de eu ter passado pelas portas do nascimento.

Neste mundo invisível existe uma variedade infinita de condições. Eu só posso falar daquilo que me é dado conhecer. Não pretendo mostrar-me infalível. Tomem o se segue como o axioma que lhes apresento. Muitos Homens-da-alma não buscam outra vida terrena, mas o seu espírito manifesta-se muitas vezes na terra e é o vínculo que mantém um grupo de almas coeso, que, na escala ascendente de evolução psíquica, agem e reagem umas com base nas outras. Assim, quando eu falo dos meus antepassados espirituais eu não falo dos meus ancestrais físicos, mas daqueles ancestrais da alma que estão ligados a mim por um espírito.

Podem existir dentro desse espírito vinte almas, cem almas, mil almas. A quantidade varia. É diferente para cada indivíduo. Mas aquilo que os Budistas chamariam de carma que trouxe comigo de uma vida anterior é, com muita frequência, não o da minha vida, mas da vida de uma alma que me precedeu por muitos anos na terra e me deixou o padrão que respondeu pela minha vida. Eu, do mesmo modo, teci um padrão para outro do meu grupo durante a minha carreira terrena. Somos todos distintos, embora sejamos influenciados por outros da nossa comunidade nos diversos planos da existência.

Quando os vossos Budistas falam do ciclo de nascimentos, do retorno contínuo do homem à terra, eles proferem apenas uma meia verdade. E muitas vezes meia verdade

é mais imprecisa do que uma distorção inteira. Eu não viverei novamente na terra, mas uma nova alma, alguém que se juntará ao nosso grupo, entrará em breve no padrão ou carma que teci para ele na terra. Sem dúvida, 'Carma'* é uma palavra que eu uso incorretamente aqui. Porquanto é algo mais e algo menos do que carma que ele herda. Eu sou, pois, um reino e, no entanto, sou apenas uma unidade, um elemento nesse reino. Vocês poderão dizer-me que, para o Homem-da-Alma, uma vida terrena não é suficiente. Mas, à medida que evoluímos aqui, entramos nas memórias e experiências de outras vidas que podem ser constatadas na existência das almas que nos precederam, e que são do nosso grupo.

**NT: Carma (no sentido original karma originário do Sânscrito) é termo que traduz ação e reação, do que resulta vínculos em termos de causa e efeito que podem, grosso modo, ser equiparadas às noções cristãs de pecado.)*

Não direi que esta teoria, que lhes enuncio, possa ser estabelecida como regra geral. Mas sem dúvida é verdade na medida em que é o que aprendi e experimentei. Agora, tal especulação — como vocês provavelmente o designariam — é interessante quando aplicada ao génio. As almas que nos precederam na terra naturalmente nos marcaram mental e moralmente. Se um certo tipo de psique estiver continuamente em evolução num grupo, vocês descobrirão que eventualmente esse tipo, caso seja musical, terá um génio musical como seu representante terra. Ele colherá todas as tendências dessas vidas desaparecidas, e então obterá o incrível conhecimento inconsciente que é propriedade do génio.

Aqui, no pós-vida, tornamo-nos de forma crescente conscientes dessa alma-grupo à medida que obtemos progresso. Eventualmente, entramos nela e partilhamos das experiências dos nossos irmãos. Precisam entender, pois, que a existência para a minha alma — separada e apartada da minha individualidade do ego — é dual. Vivi duas vidas, uma no mundo da forma e outra subjetiva, na comunidade da qual faço parte.

Homens e mulheres podem não se dar ao trabalho de aceitar estas minhas declarações. Anseiam quer por uma individualidade indestrutível no Além ou por uma espécie de desfalecer espiritual na vida de Deus. Vocês perceberão na análise que faço da alma-grupo que faço, que somos indivíduos e membros de um todo. E quando chegamos ao Quarto, e mais particularmente ao Quinto estágio, percebemos quão fina e bela é essa irmandade existente dentro do ser uno; o quanto aprofunda e intensifica a existência; o quão destrói o egoísmo frio tão necessário a uma vida terrena, onde uma criatura viva precisa destruir continuamente a manifestação de outra na matéria para manter a sua vida física.

No Quarto estágio, a alma torna-se sensível ao grupo da alma, e através da perceção eclode uma grande mudança. Ela começa compreender, meio a tatear o carácter da experiência, as possibilidades da mente; e neste Quarto estágio, se se tratar de um Homem-da-alma, ela torna-se particularmente suscetível ao erro. Quer dizer, uma vez que ele se torne conhecedor da alma-grupo e das suas múltiplas experiências intelectuais e emocionais ele pode, se uma certa secção dessa alma-grupo se encontrar numa posição rígida, moldar, tomar sobre si a sua forma e permanecer nela durante uma eternidade.

A esse respeito, quando refiro "molde" desejo indicar uma certa perspetiva especial. Por exemplo, um fanático Budista ou um Cristão muito devoto pode ser mantido no âmbito do sulco das suas crenças terrenas. Por as outras almas da sua comunidade serem, porventura, igualmente mantidas nas correntes dessas ideias. Assim ele poderá permanecer, sem progredir, numa ideia ou num mundo da memória que consiste no sonho Cristão ou Budista. Ela encontra-se presa nos tentáculos de um polvo. Esse polvo é a ideia terrena Cristã ou Budista de uma vida após a morte, a sua visão do universo conforme criada aquando na terra.

Agora, hão de reconhecer que tais condições tendem a inibir o progresso. Por significar - para empregar uma outra metáfora - uma existência numa crisálida intelectual, viver no âmbito das conceções do passado terreno. E é necessário que a alma na sua jornada chegue a um estado em que possa examinar tais conceitos à vontade, sem ser impedida por eles, sem ficar cativa nas suas limitações.

O HOMEM-DO-ESPÍRITO

O homem-espírito não está preso neste Eidolon, ou fantasma vivo, neste espectro de crenças terrenas. Os grandes mestres não se deixam assim enredar. Cristo, o Filho de Deus, entrou no Hades, mas Ele não permaneceu em nenhum dos outros planos da existência. Tendo sido inspirado diretamente por Deus, Cristo não estava ligado a nenhuma alma-grupo. Ele passou de Hades para o Além; pois o Seu corpo físico foi, durante a Sua vida na terra, a expressão direta no barro dessa Essência, a Imaginação de Deus. Em verdade, Cristo foi uma expressão limitada do Todo, esteve na vida terrena ligada ao Todo. Mas todo Cristão nascido na terra é inspirado por algum espírito individualizado. Quando emprego o termo "individualizado" pretendo indicar que é um pensamento de Deus; não é, pois, o Todo, nem é a Fonte de toda a vida.

Assim, existem inúmeros fanáticos Cristãos que, embora tenham levado uma vida de retidão na terra, cometeram certos pecados intelectuais. Estes podem ser resumidos pela frase "rigidez de pensamento," "uma visão limitada pelo fanatismo." Resumidamente, ficam apegados a conceitos tacanhos. No Quarto estágio da

existência, eles precisam aprender a escapar de tal prisão se quiserem obter um progresso mais acentuado. Estas observações aplicam-se igualmente a Budistas, Maometanos e todos aqueles outros adeptos fanáticos das diversas religiões ou, do mesmo modo que ao mundo moderno de conceções científicas, porquanto a ciência tende cada vez mais a tornar-se numa religião ou ponto de vista privilegiado para muitos seres humanos.

Agora, se a alma quiser passar do Quarto para o Quinto estágio, ela precisará primeiro livrar-se, libertar-se de todo dogma, de toda perspetiva terrena especial que lhe tenha moldado a mentalidade, e a confine; de modo que a sua visão é limitada e as suas experiências são, pois, igualmente limitadas; uma vez que a consciência da realidade assim lhe é negada.

Capítulo VII
O PLANO DA FLAMA DA PAIXÃO
O QUINTO PLANO

NASCIMENTO NO QUINTO ESTÁGIO

Chega um momento em que a alma que reside no Quarto plano da vida se prepara para o incidente da 'morte'. Essa morte não se assemelha à morte do homem. Neste ponto específico da evolução a alma tem controlo perfeito e absoluto da forma, da sua aparência, do seu Eidolon ou fantasma vivo. Este é o último véu entre ele e uma conceção de existência sem forma. Ele precisa libertar-se antes de poder ascender outro grau da escala, e a liberdade só pode vir através do processo deliberado designado por "O Rompimento da Imagem." É a despedida da aparência, da forma enquanto necessidade, da cor, do sentimento enquanto certeza, enquanto condição de vida.

Uma vez mais a alma entra na inconsciência; e quando ela nasce no Quinto estágio ela terá expulso de si certos atributos que tinham sido seus quando ainda residia na Imagem; por a sua alma ser, em parte, aquela Forma de Luz que agora descarta.

Entre cada plano existe esse lapso de aparente esquecimento, uma dissipação de todos os processos, uma enorme calma. Era chamado Hades pelos antigos. Aqui a alma parece fazer uma pausa. Contudo, lentamente, a visão retorna, e o viajante percebe, imaginado sobre o cintilante oceano da eternidade, todas as suas experiências em planos anteriores; todas as imagens passadas que compuseram a história da sua vida se acham espalhadas diante dele. Ele estuda-as à luz do seu Princípio Unificador ou espírito. Elas despertam, de acordo com a sua natureza, os seus diversos desejos,

intelectuais e emocionais. Ela sabe então que precisa escolher ir para a frente ou para trás. O espírito realmente força a escolha. Tem que ser feita de acordo com a plenitude das suas experiências tidas na vida anterior. Ela goza de total livre arbítrio, mas inevitavelmente escolhe aquilo que constitui a sua máxima necessidade. Uma vez às portas da Terra da Ilusão, o Homem-Animal escolhe voltar à existência física. Agora às portas do mundo multicolorido, o Homem-da-alma por vezes opta por voltar à primeira divisão dessa região que, nas suas divisões ulteriores, constitui a apoteose da forma.

Contudo, supondo que a revisão das suas vidas anteriores seja satisfatória, ele decidirá passar para o Quinto estágio, e então a grande calma é desfeita. Surge uma tempestade em que ele descarta o desejo de existência na forma etérea, naquele plano de cor. Ele descarta então uma certa parte de si próprio que ele não perderá, mas retomará na totalidade mais vasta do Sexto estágio.

O SÍMBOLO DO QUINTO ESTÁGIO

É necessário descrever por algum símbolo cada capítulo do Livro da Vida. O termo "paixão" (ardor, brilho) expressa o Quinto estágio. Por agora a alma se tornar emocionalmente completa, perfeita, consciente não somente de si própria, como de todas aquelas outras almas do seu grupo. Ela permanece ela mesma, mas é igualmente todos aqueles outros *eus*. Ela não mais reside na forma — tal como é concebida pelo homem — mas ainda permanece no que pode ser descrito como um "esboço." Todas as emoções passadas, paixões, modos de expressão intelectual pertencentes às suas almas companheiras moldam esse esboço, um esboço do pensamento emocional; um enorme fogo que agora agita e move este poderoso ser.*****

*******(NT: Jesus evoluiu igualmente na realização do Espírito, e apesar de ter feito parte do seu grupo de companheiros eremitas, os Essénios, evoluiu além da medida deles, e, ao deixá-los e a João evangelista (outro Essénio inegável) realizou a individuação que pregou em prol do indivíduo.*

Enquanto ela permanece neste Quinto plano, a experiência revela-se-lhe múltipla, é uma multiplicação, e perde, num certo sentido, a sua aparente unicidade. Com efeito passa a viver uma vida que parece queimar como uma chama. É um período de disciplina rigorosa, de amplo incremento do sentimento intelectual, de enormes limitações, de liberdades sem limites, de vislumbres de horizontes infinitos. "Desfalecimentos próprios da contemplação, agonias do sonhar," estados em que todo pensamento lúcido atingem um pousio, estados em que intensas atividades febris de toda a existência apaixonada das suas almas companheiras flamejam através do seu ser. Assim se funde ele, o tempo todo, cada vez mais com o Espírito Unificador.

Uma rara intensidade de sentimento, de alegria, de êxtase, de tristeza, de negro desespero nutre-a, alimenta-lhe a vida. Contudo, ao mesmo tempo ela está, num certo sentido, apartada, distanciada. Ela não se deixa capturar na tempestade desse vórtice emocional. É-lhe sensível, mas passeia-se por cima dele. A sua atitude, no entanto, não se assemelha à de São Simeão o Estilita, que permaneceu no seu pilar afastado e distanciado do fantástico mundo antigo que desenrolava o seu drama naquelas terras Mediterrâneas do seu tempo.

A alma, nesse Quinto nível de consciência, está continuamente consciente. Agora não existem lacunas, períodos de não-existência. Ela deleita-se com a vida emocional e intelectual de todas aquelas almas companheiras que se encontram nos diversos graus da escala que alcança o Espírito Uno e são iluminadas por ela. Mas esta alma, no clímax da sua existência no plano da chama, é como um artista que vive na sua obra-prima, e dela obtém, em todas as suas características, no frescor da sua criação em evolução e mudança, aquela estranha exultação que pode, porventura, num raro momento, dar-se a conhecer a um génio criativo — embora muito vagamente — enquanto ela ainda viver sobre a terra.

Este estado no Quinto plano pode ser imaginado, porém não compreendido nem concebido pela mente de um homem. Para a alma que percorre a sua jornada, o propósito da sua existência parecerá finalmente revelado. Ele saboreia o Céu e ainda assim a revelação do mistério último ainda tarda, ainda aguarda a conclusão do projeto do qual é parte.

É uma existência gloriosa, apesar de certos aspetos sinistros. O homem-da-alma, no entanto, não o consegue deixar em prol do Sexto plano até que a alma-grupo esteja completa, até que aquelas outras almas, necessárias a esse desígnio tecido na tapeçaria da eternidade, também tenham atingido este nível de consciência. Algumas ainda podem estar muito atrasadas. Mas enquanto nesse estado de existência, o Homem-da-alma toma consciência da vida emocional de todas as almas mais primitivas que habitam a matéria mais densa e, no entanto, pertencem ao seu grupo. Ele torna-se consciente, em suma, de todas as partes do grande corpo que o seu espírito, ou Princípio Unificador, nutre com a sua Luz. Ela percebe a vida subconsciente da flor, do inseto, do pássaro, da fera, de todas aquelas formas que estão ligadas ao governante do seu ser, aquela Luz do Alto.

A CONSTRUÇÃO DA ALMA-GRUPO

A construção efetiva da alma-grupo precisa ser claramente visualizada. O seu espírito nutre, com vida e luz mental, certas plantas, árvores, flores, pássaros, insetos, peixes, animais, homens e mulheres — representações de criaturas vivas em diversos estados

de evolução. Inspira as almas que residem nos diversos planos, diversos níveis de consciência no pós-vida. Sustenta, igualmente, criaturas de outros planetas. Pois o espírito precisa reunir uma colheita de experiência em todas as formas.

Gradualmente, essas inteligências evoluem e fundem-se. A experiência necessária ao espírito é completada quando todas as almas necessárias ao desígnio tiverem alcançado esse Quinto plano. Uma vez se tornem sensíveis à sua unidade e à sua individualidade, poderão avançar para o Sexto plano. Verifica-se então um rompimento das linhas, um descarte da escória da experiência emocional, um peneirar e mudança da parte de todas essas almas. Elas passam uma vez mais para o Hades e revêm, nesse estado, tudo o que agora foi deixado atrás de si.

Capítulo VIII
O PLANO DE LUZ BRANCA
O SEXTO PLANO

RAZÃO PURA

A LUZ, embora composta de muitas cores, é incolor. O espírito, embora composto de muitas almas, está acima e além dos humores prazenteiros e dolorosos da mente. Ele pertence, pois, ao Sexto plano, que é adequadamente descrito pelo símbolo da luz branca. Agora, neste nível de consciência, a razão pura reina suprema. Emoção e paixão, conforme conhecidos dos homens, acham-se ausentes. A luz branca representa a perfeita equanimidade do pensamento puro.

Tal equanimidade torna-se posse das almas que entram neste último e riquíssimo reino da experiência. Elas carregam consigo a sabedoria da forma, a incalculável sabedoria secreta, reunida unicamente através da limitação, colhida durante anos sem fim, acumulada de vidas passadas em inúmeras formas. Conhecimento do bem e do mal e do que está além do bem e do mal agora pertence-lhes. Elas são senhoras da vida, porquanto a conquistaram. Elas são capazes de viver agora sem forma, de existir enquanto luz branca, como um pensamento puro do seu Criador. Elas juntaram-se aos Imortais.

O propósito do Sexto plano de existência pode ser descrito como "a assimilação do múltiplo-em-um," a unificação de todas aquelas unidades (elementos) mentais que designei por almas, dentro do espírito. Quando esse objetivo é alcançado, o espírito que comporta essa estranha vida individualizada passa para o Além e penetra no Mistério, cumprindo assim o propósito final, a evolução da Mente Suprema.

Capítulo IX

O ALÉM, A INTEMPORALIDADE

O SÉTIMO PLANO

PARTE DO PRINCÍPIO DIVINO

Uma vez mais, a escolha precisa ser feita. Estará a alma preparada para dar o grande salto, preparada para passar inteiramente do tempo para a intemporalidade, de uma existência na forma para a ausência de forma? Esta é a mais difícil de todas as questões a responder. Poucos respondem afirmativamente quando se deparam com ela por uma primeira vez.

O Sétimo estágio pode ser descrito como a "passagem da forma para a ausência de forma." Rogo-lhes que não interpretem erroneamente o termo "sem forma." Desejo apenas indicar com ele uma existência que não tem necessidade de se expressar numa forma, por mais tênue que seja, por mais refinada que se encontre. A alma que entra nesse Sétimo estágio passa para o Além e torna-se uma com Deus.

Esta fusão com a Ideia, com a Grande Fonte do espírito não implica aniquilação. Ainda existimos enquanto indivíduos. Somos como uma onda no mar; e finalmente entramos na Realidade e lançamos de vós todas as ilusões das aparências. Mas foi adicionada ao nosso espírito uma essência intangível qualquer através da sua longa residência na matéria, no éter, o antecessor da matéria, do que os cientistas chamam de espaço vazio - espaço vazio esse que, se eles soubessem, embora vazio, é povoado de formas de infinita pureza e variedade.

Na verdade, a passagem do Sexto para o Sétimo estágio significa a evasão do universo material, daquele espaço que faz parte dele. Residimos não só fora do tempo, mas fora do universo neste último plano de existência. No entanto, podemos existir e em certo sentido existimos, dentro do universo. Nós enquanto parte do Todo — e pelo Todo eu refiro Deus — podemos ser comparados ao sol; os nossos raios permeiam o universo material, mas o nosso espírito permanece desafeiçoado dele, enquanto reina na grande tranquilidade da eternidade. Pertencer ao universo e estar separado dele é, possivelmente, a conquista final, o objetivo de todo esforço.

Resumindo, atravessei a existência ao longo de eras do tempo, e esforcei-me para lhes traçar um vislumbre desse mistério, da ausência de tempo. Quando residimos no Além, nós, enquanto parte do Princípio Divino na sua essência, somo inteiramente conscientes da imaginação de Deus. Assim, somo cientes de cada segundo no tempo, somos cientes de toda a história da Terra desde o Alfa até o Ómega. Do mesmo modo,

toda a existência planetária é nossa. Tudo o que foi criado se acha encerrado nessa imaginação, e agora por causa da nossa imortalidade, nós conhecemos e possuímos — tal como a terra possui a semente, toda a vida, o passado, o futuro, tudo o que existe, tudo o que será para sempre, para todo o sempre.

O Além confunde toda a descrição. É desolador até mesmo tentar escrever sobre ele. Aquele Homem-do-Espírito, Deus Filho, expressou uma grande verdade quando disse: "Muitos são chamados mas poucos são os escolhidos." Apenas muito poucos passam para o Além durante a vida da terra. Uma certa quantidade de almas atinge o Sexto estágio, mas permanece nele ou, em casos excecionais movida por um elevado propósito, desce novamente à matéria. Elas não são fortes o suficiente para dar o grande salto para a intemporalidade, por ainda não serem perfeitas.

Capítulo X
O UNIVERSO

O Budista sustenta que o Universo é irreal. É irreal apenas enquanto estivermos presos na sua teia, e formos governados pelas suas leis, controlados pela sua matéria ou por aquela invisível substância que chamei de aspeto da matéria. O termo "irreal" implica falsidade, embuste, farsa. A alma, quando se manifesta na forma, é limitada por essa forma. Ela não pode conhecer a verdade por estar aprisionada nessa forma.

Ela tem, durante a sua vida nesses primeiros cinco planos, uma perspetiva limitada. Qual cavalo, enverga antolhos, tem uma conceção muito pobre do mundo que a rodeia. A irrealidade essencial surge através dessa perspetiva especializada meramente de uma porção do percurso que vê diante de si. Além disso, a forma está no quadro desse percurso ou estrada que ela transmite à alma. Assim, o Budista tem, em certo sentido, razão quando afirma que o Universo é irreal.

Mas quando o sábio afirma que o objetivo final reside na extinção do Nirvana — extinção, porém, não aniquilação — ele usa termos perigosos. Afirma que nos extinguimos quando alcançamos esse estado de graça, essa Esfera do Absoluto. Sugere, todavia, que, de qualquer forma existimos numa existência incondicionada; que estamos inteiramente apartados do Universo, livres da sua irrealidade essencial. Na verdade, somente no Sétimo plano, em que somos um com a Ideia Suprema, percebemos a realidade do Universo. É irreal enquanto aprisiona a alma e o espírito. Mas uma vez estes se fundam e se libertem dele é real, e reside na liberdade infinita da Inteligência Pura.

Uma vez atingido esse estado, percebemos essa velha obra-prima, o Universo, como um Todo. Realizámo-lo em cada detalhe microscópico e nas suas proporções mais vastas. Percebemos-lhe o Todo como um conceito intelectual dentro da Ideia Suprema. Percebemos a parte dele que encena o seu drama. E assim existimos como o vidente e o amante, experimentando toda aquela vida como um ato de pensamento. Assim alcançamos o zénite da experiência. Conhecemos a realidade do Universo material, temos consciência da outra realidade, a Ideia, que encerra o seu duplicado do início ao fim como um pensamento. Não se poderá dizer que nos tenhamos extinguido. Somos um na grande harmonia da Mente, somos singulares no amor que o Criador tem pela Sua criação que Ele encerra, que se manifesta em parte.

Recebemos de toda essa miríade de espíritos que controlam partes do universo material a impressão completa dele nos mínimos detalhes e nos seus aspetos mais vastos. Por conseguinte, vivemos como nunca antes, não ficamos presos em nenhum transe de desfalecimento Nirvânico. E participamos nessa contemplação da destruição do presente Universo, na criação, vida e extinção de outros universos, e assim por diante sem fim. Vivemos no conceito intelectual de todos eles e temos consciência da parte que agora representa o seu drama no palco da eternidade.

Procurem perceber o carácter dual da existência quando pensam na palavra "Universo"; então poderá tornar-se mais fácil compreender a natureza da vida. Existem átomos físicos e existem unidades psíquicas. A unidade psíquica desenvolve-se enquanto reside dentro e fora do âmbito dos átomos físicos, nos diversos estágios da existência. A unidade psíquica reside dentro da fantasia de uma substância cada vez mais subtil, e ganha o tempo todo. A unidade psíquica escapa dessa substância e retorna à sua morada na Ideia. Mas essa evasão não significa aniquilação. É um agora e não obstante muitos, assim como os átomos físicos do corpo humano são um e ainda assim muitos. Entendam, pois, que o Universo só é irreal enquanto residimos dentro da sua teia que nos confina, na forma. É real quando ficamos livres dela e somos capazes de a examinar do Além como um todo e de a conhecer como um ato de pensamento puro.

Capítulo XI

DO MUNDO DE EIDOS*

O PLANO DA COR

O ser desencarnado que transmitiu esta mensagem permaneceu em contacto com a terra e acompanhou, passo a passo, desde a sua morte no início do século, o progresso da ciência, a Grande Guerra, que se prolongou pela guerra económica. Ele tem, através da comunhão que estabelece com o espírito interior dos seus amigos que ainda existem em corpos físicos, percebido a mudança que se tem operado na perspetiva espiritual do homem, percebido a necessidade urgente que ele tem de uma certa segurança convincente com respeito a um mundo espiritual.

Lá por um homem morrer, não se segue que ele perca o contacto com o terra, com aquele estado de Penia — pobreza — do qual ele se alçou aos encantos do plano chamado Ilusão, do qual ele penetrou no mundo de Eidos — da forma pura — o Mundo Celestial para a alma humana, o objetivo final. Pois enquanto ainda na terra, em raros momentos, a alma humana percebeu esse mundo mas não passou além dele até mesmo quando no mais elevado transe místico.

Nós inteligências que peregrinamos até Eidos podemos, quando queremos, viajar de volta para o estado de Penia e comungar com aqueles que nos amam ou que nos são mentalmente afins. Percebemos então, a estranha desordem do mundo dos homens e das mulheres. Reconhecemos as causas desse distúrbio e o propósito existente por trás deles. Percebemos a necessidade de tal desordem e ao mesmo tempo desejamos transmitir alguma indicação da Grande Realidade. Por essa razão eu, Frederic Myers, procurei traçar um esboço do percurso que o homem deve seguir no Pós-vida se ele for um buscador da imortalidade.

***** *O Plano da Cor*

Capítulo XII

O EVENTO DA MORTE

Para aqueles de nós que chegaram àquela "fronteira do invisível" de onde os viajantes num aspeto em mudança regressam frequentemente, a morte é um incidente ou um mero episódio que encaramos com uma certa ternura e não com dor. Para os seres humanos, porém, a morte deve parecer uma noite numa pousada, como uma paragem no longo caminho para o lar. Pode parecer-se a uma noite de insónia febril, ou sobrecarregada de medo; uma noite cheia de sonhos estranhos, ou um período de paz praticamente imperturbável. Sempre encerra em si um período de quietude, de afundamento glorioso no repouso. No entanto, a alma eventualmente desperta para um novo dia. E tanto na madrugada como na escuridão, ela é cercada por alguns dos seus parentes desencarnados, por alguns daqueles que se acham entrelaçados no padrão do seu destino.

Antes de discutirmos mais a morte, devemos concordar com o significado de um termo que provocou muita confusão de ideias. O termo "ser desencarnado" *não implica separação de corpo nenhum*, mas da associação exclusiva com o corpo físico. Porque, até que o viajante atinja o Sexto plano, habitualmente ele precisará 'envergar' uma forma, um veículo de expressão qualquer, algum sinal externo ou símbolo de si próprio. E muitas são essas formas. Para o nosso propósito atual, é aconselhável que eu designe apenas quatro.

(1) O corpo duplo ou de união – na minha opinião, erroneamente chamado de corpo astral.
(2) O corpo etérico.
(3) O corpo subtil.
(4) O corpo celeste ou forma de luz.

Estes dois últimos são ocupados pela alma nos planos superiores e podem ser muito alterados no aspeto por um ato mental, ou por um ato da vontade.

Agora, inteligências desencarnadas provavelmente tê-los-ão informado que o segredo da morte deve ser encontrado na frequência vibratória em que a casca externa vibra. Por exemplo, um ser humano é primordialmente consciente do mundo visível que o rodeia por o seu corpo se deslocar na taxa particular vibratória desse mundo. Alterem a coordenação ou fixação da vossa forma física, e a terra, homens, mulheres e todos os objetos materiais, desaparecerão para vós tanto quanto vocês desaparecerão para eles.

Por conseguinte, a morte significa uma mera mudança de vibração. Para efeitos dessa alteração é necessário um deslocamento temporário, por a alma precisar passar de um corpo que se movimenta numa certa vibração para outro que se movimenta numa taxa ou ritmo diferente. Essa entrada na vida seguinte não envolve nenhuma rutura repentina, nenhum salto, por assim dizer, para novas condições de vida. Precisa existir, forçosamente, um estado intermediário. Até Cristo entrou nele, permanecendo, conforme lhes foi dito, durante um período no Hades.

E assim chegamos à primeira questão. Em que forma o ser humano se expressa nas horas que se seguem imediatamente ao momento em que o médico declara que "a vida está extinta"? "Onde está o meu amado?" questionamos nós em meio à infelicidade sem palavras que sentimos enquanto observamos aquela concha que, alguns minutos antes, encerrava aquela personalidade viva e brilhante; para nós assim radiante e tão querida, de perceção veloz, ávida na inteligência. No período subsequente à passagem de uma alma com a qual tenhamos estado intimamente ligados é difícil acreditar na extinção. E a intuição que temos é correta quando instintivamente nos recusamos a crer que tudo esteja terminado, que a alma tenha atingido o fim da sua jornada.

Durante toda a vida terrena de um indivíduo, ele é acompanhado pelo corpo duplo ou de ligação. Constitui o elo existente entre a mente mais profunda e o cérebro, e possui muitas funções importantes. Quando vocês adormecem, a vossa consciência não controla mais a forma física. Não se verifica apenas um corte aparente, mas uma entrada num aparente esquecimento. Os sonhos habituais e desordenados são frequentemente apenas o jogo dos nervos despertados e irritados pelas atividades diárias.

Na verdade, durante o sono, a alma existe dentro do duplo enquanto o corpo é recarregado de energia nervosa, com elementos vitais. Assim, o sono foi sabiamente reconhecido como sendo ainda mais importante do que a comida ou bebida. O espaço não permite uma discussão mais aprofundada desse aspeto na vida do homem. É necessário apenas que vocês percebam que, caso pudesse tornar-se visível, o duplo, se mostraria, na aparência, uma exata contrapartida da forma física. Os dois estão ligados por muitos fios diminutos, por dois cordões de prata, um dos quais estabelece contacto com o plexo solar, e o outro com o cérebro. Eles podem alongar-se ou estender-se todos durante o sono ou durante o meio-sono, por gozarem de elasticidade. Quando um indivíduo morre aos poucos, esses fios e os dois cordões rompem-se gradualmente. A morte ocorre quando essas duas principais linhas de comunicação com o cérebro e o plexo solar são cortadas.

É facto bem conhecido que a vida ocasionalmente permanece em certas células do corpo depois que a alma o deixou. Esse fenómeno sempre deixou os médicos desconcertados, mas há uma explicação para isso. O duplo ainda adere à concha por meio de alguns dos fios que ainda não foram rompidos. A alma não sofre no sentido físico se assim se vir atrasada na sua peregrinação. Ela pode sofrer no sentido de assim ter uma maior consciência do entorno imediato do seu corpo físico. Dá-lhe o poder de perceber os amigos e parentes onde quer que essa veste gasta estiver. Via de regra, porém, ela obtém completa liberdade das garras da terra no espaço de uma hora - ou de algumas horas — após a morte.

Quando vocês velam os mortos ou choram um amigo que tenha partido, não fiquem ansiosos nem preocupados com ele no período imediatamente após a sua libertação. Pois a alma, naquele momento, costuma encontrar-se num estado de semi-sono. Toda a agonia, todos os sonhos estranhos, a febre torturante da mente precedem a translação da alma para o duplo. No momento da morte — a menos que a morte seja de carácter violento — a paz reina ao redor da consciência humana. Repousa na obscuridade e por vezes é capaz de perceber aqueles queridos amigos ou parentes que já tiverem passado para a outra vida.

As condições variam muito, é claro. O homem ou a mulher que nunca tenha amado profundamente ou cuidada de nenhuma outra alma humana pode, na morte, sair do corpo de barro para a solidão e para uma noite que, na sua escuridão impenetrável, não e assemelha a nenhuma noite terrena. Contudo, esse estado de completo isolamento, é atribuído apenas a alguns seres humanos. O egoísta ou o homem cruel será condenado a isso, mas, para tal destino precisa ter desenvolvido um egoísmo desmedido, e uma crueldade considerável.

O homem ou mulher comum quando está a morrer não sofre qualquer dor. Já se separou de tal modo do corpo que quando a carne parece estar em agonia a alma na realidade apenas se sente muito sonolenta e tem a sensação de vaguear por aqui ou por acolá, para lá e para cá, como um pássaro ao vento. Essa sensação tem o seu próprio deleite pacífico após a dor da doença que conduziu a alma à mudança da morte. Portanto, não se aflijam pela aparente agonia dos moribundos, regozijem-se por eles já estarem se acharem livres do tormento, por já estarem a esvoaçar entre duas existências e estarem naquela condição sem nome que se deve à quietude da mente e da consciência.

Então, lentamente a alma eleva-se no duplo e durante um breve período tempo paira acima da contraparte física. Um dia os homens irão conseguir fotografar esse momento, e o ser que passa em tais termos poderá ser registado na placa como uma pequena nuvem branca, uma essência pálida. Só assim poderá esse núcleo de

personalidade ser visto até mesmo pelo instrumento material mais refinado. Mas, para os seres desencarnados, muito diferente parecerá o voo da alma, pois as perceções do corpo etérico se mostram muito mais afinados. E geralmente são esses parentes ou amigos que o assistem à passagem da morte, do mundo etérico.

O LUGAR DAS SOMBRAS (HADES)

Não é possível tratar nem mesmo de um dízimo das condições que prevalecem no Hades para a multidão de recém-falecidos. Vou, pois, apenas esboçar o percurso do indivíduo médio que levou uma vida bem organizada na terra. De acordo com a natureza do indivíduo, assim também será a duração da sua permanência na terra das sombras. Após uma visão de parentes de sangue ou contrapartes psíquicas e por vezes após uma comunhão com eles, a alma repousa aparentemente num véu, num estado de dormência pacífica, de consciência meio-suspensa, a ver acontecimentos fragmentados da sua vida passada — agora não mais contaminados pelo medo nem acicatados pela emoção. Assistem a esse espetáculo cambiante tal como um homem sonolento observa uma paisagem ensolarada em pleno dia de verão. Desapegado e equidistante, a avaliar o indivíduo que participa dessas experiências, a julgar-se a si próprio com a ajuda da Luz do Alto.

Os termos "Dentro da Casca" ou "A peça do Espetáculo de Sombras" definem esse período. As almas variam consideravelmente nas reações com que lhe reagem. Algumas não guardam praticamente nenhuma lembrança dele. Outras sentem-se demasiado indiferentes e muito dopadas pela condição de dormência pacífica para sentir prazer ou dor. Mas enquanto o progresso está a ser obtido, o corpo etérico está a soltar-se, a trabalhar, a retirar-se da casca, até que por fim, o julgamento se conclua. A alma alça-se em voo, expulsa a casca tal como um homem joga uma capa velha dos ombros. Porque o Espírito ou Luz do Alto cumpriu o seu trabalho de avaliação, e deixou ao viajante a decisão final.

Uma vez que o nosso peregrino tenha, por assim dizer, jogado fora o seu andrajo, jogado fora o resto esfarrapado que o prendia à mortalidade, ele passa para o mundo da ilusão e retoma a plena consciência. O duplo, repaginado no véu, torna-se o corpo do homem na vida seguinte, tão logo a crosta externa ou imagem residual tenha sido jogada fora.

Três ou quatro dias do tempo terreno podem ser suficientes para esta experiência do Espetáculo das Sombras, para o croché e reajustar do ego ao corpo etérico. É verdade, porém, que certos homens e mulheres anormais permanecem muito tempo no Hades a vaguear de um lado para o outro pelos seus caminhos sombrios, e encontram certos seres estranhos a pairam perto das fronteiras do mundo físico, que despertam velhas

tristezas e problemas no espírito dos homens, e que se aproveitam do entendimento de certos indivíduos que possuiriam enquanto ainda na carne, destronando a razão, e furtando ao homem o seu direito inato. Mas essas criaturas não tomam parte na crónica de morte, porquanto não podem prejudicar nem atrapalhar os peregrinos que passam do mundo para o nosso lado, e vagueiam sem dor nem agonia pelo Hades, aquele lugar de meias-luzes, que criam imaginários apáticos, e, salvo raras exceções, de forma nenhuma um lugar de medo ou sofrimento.

A MEMÓRIA E A IDENTIDADE APÓS A MORTE

Os fisiologistas dir-lhes-ão que a memória é uma mera condição do cérebro. Lesionem uma certa parte desse organismo delicado e o indivíduo saudável sofrerá um apagão mental, ficará inteiramente incapaz de recordar qualquer facto com respeito de si próprio ou qualquer experiência passada. Na realidade, o desafortunado não esqueceu o seu passado nem está intelectualmente apagado. Uma certa parte do mecanismo do cérebro deixou de funcionar, pelo que ele é incapaz de manifestar qualquer inteligência — que depende da memória — perante o mundo visível dos homens. Mas ele ainda se acha intelectualmente vivo, e retém completo poder sobre a sua memória aparte o seu real corpo físico. Pois o duplo ou forma de coesão é a contraparte desse corpo físico, e regista, mais ou menos, do mesmo modo que o cérebro regista, factos e experiências na vida do seu detentor.

Tenham em mente que o duplo acompanha o homem desde o nascimento até a morte, aloja e abriga a sua alma, serve-o de modo ainda mais fiel do que a própria forma física de que ele tem consciência diária. Segundo a perspetiva humana, a memória é necessária a um senso de identidade, à ideia da individualidade e a tudo o que é sugerido pelos termos "alma" ou "consciência." O senso de identidade, contudo, não se perde com a mudança da morte, pois a alma encontra o seu centro de memória fundamental no seu duplo que, conforme lhes disse, constitui a sua habitação no Além.

Tal como o duplo* joga fora uma casca exterior, apenas a sua parte essencial, o corpo etérico, que acompanhou o viajante e operou a seu favor durante toda a sua vida terrena, prossegue e serve a alma no plano da ilusão, e mantém a continuidade da individualidade através da continuidade da memória.

**Se bem me lembro, alguns Orientais acreditam que o ser humano, na sua conceção, se assemelhe a uma cebola e que possui pelo menos seis corpos que existem todos ao mesmo tempo. Eu não encontrei qualquer evidência dessa quantidade de envoltórios. Elas podem, é claro, existir. Só posso escrever com base no próprio conhecimento que tenho das coisas.*

Frederic Myers

Durante o espetáculo de sombras, essa forma etérica reúne novas forças, é remodelada, reajusta-se à alma, e verifica-se uma estranha e maravilhosa renovação, uma sensação de inundação de vida nos últimos estágios, à medida que a borboleta irrompe da crisálida, à medida que o indivíduo entrou no período da casca - um homem velho e decrépito na aparência - sai dela num corpo jovem que pulsa de vida ávido de desejos humanos. No plano da ilusão esses desejos são satisfeitos.

"NEM TODOS DORMIRÃO"

Aparte o Apocalipse, que outro ensinamento a Bíblia nos reservará acerca do pós-vida? "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados." As palavras de São Paulo apresentam-se em harmonia com o relato do pós-vida apresentado nestas páginas. A frase "nem todos dormiremos" implica que muitos dormem até que a "última trombeta soe," até o fim da terra. Em que jardim, em que mundo, em que espaço repousam esses que dormem?

Assim como os pássaros vivem no ar, levam essas almas uma existência na zona etérica que rodeia a terra. Elas são habitantes do mundo da ilusão. Bem, nesse plano, salvo nas últimas etapas, existe uma quase total ausência de conflito e de esforço, consequentemente há uma ausência de qualquer criação efetiva. Muitos seres humanos consideram tal estado como a condição de existência mais desejável. Quando anseiam pelo céu na terra, sugerem (com o termo "céu") uma vida sem conflito nem esforço.

Aqueles de entre eles que se contentam com uma vida dessas encontram-na após a morte no mundo de ilusão, e assim permanecem dentro dos seus limites até que "a última trombeta soe." Esta frase de São Paulo deve ser lida simbolicamente. Possuía o seu próprio significado peculiar no antigo mundo, um sentido que se perdeu. As almas que repousam no Terceiro plano até que sejam despertadas por essa intimação podem ser apropriadamente chamados de "os que dormem." Pois, que é que o sono indica senão uma ausência de conflito e esforço conscientes?

A existência parece em muitos aspetos tão real ao ocupante do mundo da ilusão quanto parecerá ao rei, ao político, ao advogado, ao médico, ao clérigo e ao trabalhador da terra. Porém, comporta uma diferença significativa. A alma não tem necessidade de evidenciar luta nem esforço. Ela obtém a satisfação do seu desejo pelo simples ato de desejar. Por isso, não se pode dizer que ela viva como viveu na terra, nem gloriosamente, conforme virá a viver no mundo de Eidos. Ela é, na verdade, "aquele que dorme" que o Novo Testamento refere.

"Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados."

Este texto infere que alguns dos mortos não dormem. Por outras palavras, muitos dos que morreram desprezam os campos aprazíveis da ilusão, o seu conteúdo profundo; anseiam por conflito, criação, esforço, e por isso ou tornam a encarnar de novo ou optam de maneira sensata por ascender e entrar no mundo de Eidos, para encontrar, na verdade, vida mais abundante no âmbito dessa obra-prima. Pois nesse estado de graça o peregrino passa pelas mais belas glórias da aparência, com o triunfo da vida na forma.

A IMAGEM RESIDUAL, OU 'CASCA'

A imagem residual pode ser comparada a uma velha capa de viajante. Embora ele a descarte, ela permanece à beira da estrada e pode ser recolhida e usada de novo. Os fantasmas são conhecidos por andar durante muitos anos por certas mansões antigas em certas estações ou, de forma irrelevante, sem razão aparente. Digam a vós próprios se encontrarem um dessas sombras inquietas: "Aqui vai a antiga camuflagem, o velho disfarce, talvez, de algum Cabeça-redonda* ou Cavaleiro, de algum monge encapuzado ou de alguma santa Irmã, de algum cavalheiro moderno que se entregou à carnificina ou foi assassinado — com novas armas, mas com as mesmas velhas paixões de raiva e ódio atrás de si."

**(NT: Partidário de Cromwell, da guerra civil Inglesa)*

É essa mesma paixão repetitiva que fornece a energia que, por um breve período de tempo, reanima a Imagem residual. Mas não pode andar pelo seu próprio entorno se não tiver uma associação de memória, um pensamento ou ideia estimulante por trás. Algures pelos reinos distantes do espaço existirá o brigão que morreu de modo tão violento, ou a freira ou monge que tenha enriquecido essa camuflagem com toda a sua inquietante paixão religiosa.

Estão em repouso, retirados temporariamente da sua vida ativa numa outra esfera e, por instantes, por causa dos fios que os prendem ao destino passado, vislumbram de novo as velhas cenas em que viveram ou aquelas em que se despediram da vida. Elas não lançam sobre ela senão a ideia despreocupada que agora se lhe apresenta límpida pela ação do remorso, arrependimento ou qualquer outra emoção. Mas o mero lampejo de luz dos pensamentos deles agita-lhe a velha camuflagem, e leva-a a mascarar-se de novo no âmbito da construção, ou dos entornos que lhe foram familiares em vida.

Contudo, fiquem certos de que o ego essencial não retorna a desempenhar o antigo papel, a fazer dele uma imitação no palco da terra, com o seu vapor insubstancial, com o seu evasivo desaparecimento no ar. Não, tais espectros ou fantasmas que vagam assim sem sentido, são de facto apenas antigas vestes jogadas de volta à visibilidade à hora marcada, em que o homem ou a mulher que tem a visão "interior" se encontra presente para registar essa mascarada ilusória.

Todas as regras têm a sua exceção e, por isso, nem todas as assombrações podem aparecer sob uma determinada regra. Mas é correto aceitar o fantasma médio como a persistência de uma manifestação de energia através da imagem residual, focalizada pela atração de um velho fio da paixão da memória.

MORTE VIOLENTA

Por vezes os mortos não sabem que estão mortos. Esta afirmação pode soar incrível. No entanto, é acertada em certos casos bastante raros. Só a história passada do morto poderá esclarecer essa curiosa falta de apreensão do estado em que se encontra. Se ele cruzar as portas da morte levando consigo uma afeição apaixonada pelos bens materiais, ele irá, mesmo após um vislumbre fugaz dos seus parentes desencarnados, apegar-se tenazmente à crença de que ainda é um homem de carne e osso, e vagará, porventura, pelas colinas numa névoa, mas ainda cheia da vida da terra.*

Ele buscará apaixonadamente a sua casa, o seu dinheiro, ou qualquer que seja o tesouro particular, pelos caminhos sombrios do pós-vida. E por vezes isso poderá aparecer-lhe de maneira elusiva um pouco à frente, a pular assim apenas por um fugaz instante ante a sua visão subjetiva e de seguida desaparecer, e a nuvem descer uma vez mais, e reduzir todas as coisas à nulidade de novo. Tal pessoa egoísta permanecerá por algum tempo nas fronteiras entre os dois mundos, e a liberdade só lhe virá quando a força dessa paixão por bens materiais enfraquecer e desaparecer.

**NT: Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." Mat. 6:21*

Há igualmente alguns outros que permanecem assim no Hades, mas via de regra não numa condição de infelicidade. Refiro certos jovens de vida negligente, animalesca e, ocasionalmente maldosa que padeceram de uma morte violenta. Esses pobres sujeitos são subitamente arrancados dos seus corpos enquanto ainda se encontram no auge da virilidade. Durante um tempo não são, em nenhuma medida, capazes de apreender a diferença existente entre a vida terrena e a vida do pós-vida. Assim, também esses permanecem na ignorância, e devem permanecer num tipo de coma até que o delicado corpo etérico se recupere do choque de uma separação demasiado rápida da forma terrena.

Contudo, a grande maioria dos homens e mulheres após a morte volteiam quais pássaros pelo Hades, e repousam apenas por um breve momento por aqui ou por acolá, estabelecendo um contacto com os velhos amigos ou parentes que os precederam, presos por um pequeno feitiço da reprodução do espetáculo de sombras e de seguida, soltos na nova vida, na terra sem esforço o padrão é novamente trançado, só que nesse plano não adotará nenhum novo projeto nem motivo, nem novos fios nem cores.

A MORTE QUE SE SEGUE A UM PERÍODO DE SENILIDADE

Os muito velhos podem, antes de partirem da terra, perder em parte a memória ou perder a compreensão dos factos, ou o poder de compreensão. Essa decadência trágica muitas vezes leva a que o observador perca a fé que tinha numa vida depois da morte. Pois a alma em tais circunstâncias parece ser apenas o cérebro. Contudo, essa é uma conclusão falsa. A alma, ou ego ativo, foi parcialmente forçada a retirar-se para o duplo durante as horas de vigília devido a que o cordão existente entre o cérebro e a sua contraparte etérica se tenha desgastado ou rompido.

A vida efetiva do corpo físico ainda é mantida através do segundo cordão e através de qualquer um desses fios que ainda se prendem às duas formas. Assim, o homem ou mulher idoso, aparentemente irracional, não é em sentido nenhum reduzido à irracionalidade.* Ele ou ela afastou-se simplesmente um pouco de vós e não carece da vossa piedade, porquanto através dessa retirada, a sua consciência fica praticamente confinada por completo ao seu corpo de união – ao seu corpo de ressurreição.

(N.T.: O que neste parágrafo é descrito deve-se essencialmente aos efeitos provocados na personalidade pelo terror da morte e dissolução.)

O PADRÃO

Além da ambição, além de qualquer forma humana de egoísmo, além da luta, desejos pouco dominados, existem a afeição, o amor, a atração, a força intangível existente entre as almas-gémeas. Isso é mais forte que a morte, e conquista o desespero e pode conquistar em todos os níveis finitos da existência. Deve ser considerado como um princípio cósmico e é conhecido como "o poder por trás do padrão" que tem sido tecido por vós enquanto o tempo existir para vós. A morte parece, ao homem comum, terrível por causa da sua aparente solidão. Se ele a conhecesse, os seus receios seriam vãos; o seu medo de se ver arrebatado do padrão - isto é, daqueles que ele ama – não tem fundamento, não tem substância real por trás.

Pois, onde quer que ele possa ir após a morte, ele sempre estará preso novamente no desígnio do qual ele faz parte, ele sempre encontrará novamente, por mais profundo que seja o esquecimento temporário que padeça ou por mais diversificada que seja a sua experiência, certas almas humanas que estiveram entrelaçadas com a sua vida terrena, que foram profundamente amadas, ainda que por vezes cega ou maldosamente por ele nesses tempos passados.

É verdade que os tipos mais primitivos de seres humanos são incapazes quanto ao amor de todo o ser. Não conseguem compreender que amar dessa maneira é observar a primeira lei do progresso; por ser um amor que contém em si as sementes da imortalidade. Tais almas primitivas como as que estão no início do padrão frequentemente iniciam o seu desígnio com ódios, antagonismos imorredouros, que, enfrentados de novo no Terceiro plano, atam de novo essas almas à terra, onde elas renascem, e onde, se obtiverem progresso, poderão aprender a primeira lei espiritual, a saber, a Lei do Amado.

Nenhum homem ou mulher que a tenha dominado precisará recear a morte, pois, mesmo que vá primeiro, algum outro que se enquadre no seu padrão — e, seja por conseguinte, verdadeiramente afim — rapidamente se juntará a ele, e o ou a acolherá na Grande Aventura que tem lugar além da morte. Considerem a morte como vossa amiga, saúdem a morte como vossa libertadora. Porquanto a escuridão e a sujidade de toda a terra passam, desaparecem com a vossa passagem.

Capítulo XIII
A EVOLUÇÃO DA PSIQUE

Nas páginas anteriores encontrarão um mapa grosseiro da existência. Não seria aconselhável entrar, com tal mapa, em qualquer descrição detalhada das qualidades essenciais ao navegador caso ele pretenda abrir caminho velozmente e com sucesso através desses mundos estranhos. Quando eu estive na terra, fui um firme crente no poder e na força do ágape, ou amor. No Novo Testamento São Paulo usa a palavra que é traduzida como "caridade," mas atribui-lhe um significado que se destinava igualmente ao amor.

Aqui, no pós-vida, percebo que nenhuma dessas palavras transmite todo o significado do Bem, por terem sido interpretadas durante tanto tempo por espíritos humanos e finitos que ficaram desgastadas e desfiguradas, manchadas e obscurecidas pelo contacto com as múltiplas naturezas de um carácter infinitamente diversificado. Para alguns, a palavra "amor" significa apenas a paixão que se acende entre o homem e a mulher; para outros, é o gosto intelectual partilhado por dois amigos, almas-

gémeas. Em terceiro e último lugar, o amor é considerado por muitos como pena dos outros e como contendo em si aquele sentido da fraternidade do homem, aquele amor que, num sentido geral, levou, sem dúvida, a um ótimo empenho em eras passadas.

Mas tais conceções sempre ficam aquém do ideal. Embora repetidas vezes agnósticos e Cristãos estudem os Evangelhos, e imaginem no seu íntimo o Sermão da Montanha, ainda assim eles não conseguem, ainda assim o seu entendimento fenece ante a presença das grandes palavras da imortalidade. Nenhum homem ou mulher alguma vez conseguiu realmente compreender ou apreender toda a sublime visão do amor como foi perspetivada pelo Cristo. Assim agora, enquanto eu examino a terra atual e percebo a crónica dos anos, sinto a necessidade de um termo que não tenha sido degradado pelos homens, que ainda possa sugerir e encerrar a necessidade primária da alma, que defina essa necessidade tão essencial à psique quando ela ascender de um grau para o seguinte na escala da consciência.

A realidade permanente do progresso deverá ocorrer no incremento da sabedoria. Porquanto a sabedoria pode ser definida como "juízo correto com respeito à verdade."

Em todo plano da existência, a conceção da verdade deve necessariamente ser limitada ou ampliada pelas condições da vida, pela forma que a alma assume, ou por aquela extensão da consciência que, por fim, tende a livrar-se da forma, tal como as árvores no outono lançam fora as suas folhas. No plano denso da matéria conhecido como Terra o termo "verdade" ainda é sagrado e, na ideia de muitos homens, imaculada. Pode, por isso, ser usado para ilustrar o que acredito ter sido o que Cristo quer dizer, quando a palavra "amor" lhe é atribuída nos Evangelhos. Mas não será completo, a menos que um "juízo correto" lhe seja acrescentado.

Considerem, pois, o significado da "sabedoria." Porquanto, sem dúvida que essa palavra sublime encerra o amor supremo existente entre homem e mulher, o amor intelectual, a compaixão, a fé e por último, mas não menor, o poder da visão. Tudo isso é posse do homem ou da mulher que avaliar corretamente a verdade. E, em qualquer plano em que a vossa alma ou a alma do vosso amado estiver a evoluir, fiquem certos de que a sabedoria é o impulso primordial que leva a que essa alma opte por ascender em vez de descer, a selecionar a vida mais subtil, a realidade maior, em vez da existência na forma mais densa, em mundos mais materiais.

"Amem os vossos inimigos. Abençoem aqueles que os perseguem." Essas belíssimas e enigmáticas frases perturbaram e deixaram perplexo todo Cristão sincero que se se tenha esforçado por as aplicar à sua própria vida. Somente através da sabedoria ele poderá, em qualquer medida, cumprir esse mandamento, e expressá-lo literalmente

por atos e pensamentos. Pois eles dependem da sabedoria. A manifestação e a própria vida da ideia que sugerem depende do discernimento correto da verdade.*

(NT: E não da doutrinação).

O simples aldeão, o humilde trabalhador ou trabalhadora, ignorante aos olhos do mundo, ainda podem ser inteiramente sábios se possuírem esse discernimento espiritual, que, para a alma humana expressa a visão que Cristo tinha quando ele falou do "amor." Assim precisa ser em todo plano da existência no Invisível. A sabedoria é a luz que, em cada caso, confere forma e vida ao amor, é sua raiz secreta oculta, é a inspiração, o poder que move a progressão para a frente e para cima expressada pelo termo — a evolução da psique.

PARTE II

INSTRUÇÕES SOBRE DIVERSAS FACULDADES HUMANAS E OUTRAS QUESTÕES

Capítulo XIV

O LIVRE ARBÍTRIO

O termo "livre-arbítrio" apresenta significados diferentes a pessoas diferentes. Para alguns, sugere a ideia de que, em tudo o que fazemos estamos a seguir, tanto quanto possível, o nosso próprio gosto ou desejo particular. Para outros, o livre-arbítrio parece simplesmente insinuar o direito de escolher, o direito de, quando enfrentamos encruzilhadas, seguir o caminho particular que parecer, do nosso ponto de vista, o mais atraente.

Talvez tenhamos decidido seguir o caminho sombreado e não o caminho aberto a toda a volta. Quem toma tal decisão? Eu deveria chamar-lhe de agregado definido pelo termo corpo, alma e espírito. Ora bem, tudo isso é desenvolvido por diversos elementos, mas todos são uma só criação. Eles foram lentamente moldados ao longo dos tempos. Todas as influências hereditárias devem ser incluídas. Todas as influências de carácter psíquico e espiritual fazem parte dele, influências essas que parecem inúmeras à nossa mente finita.

Circunstâncias, amigos, inimigos, parentes, todos ajudam a moldar esse ser interior que toma a decisão de seguir esse caminho coberto de sombras. Não os surpreenderá, pois, que estejam a pedir o impossível por causa da própria natureza do nosso ser quando exigem que o livre arbítrio deva reger? Somos obviamente apenas a criação de

muitos outros homens e mulheres vivos e mortos. Por conseguinte, somos em grande parte as vítimas das suas diversificadas influências e somos obrigados a seguir aquelas tendências que foram implantadas em nós.

Por outras palavras, a humanidade toda é, num certo sentido, uma, contudo, múltipla. A história do homem, o seu carácter desde os primórdios do mundo, pode ser concebido como uma vasta teia em crescimento constante, e a fonte de tudo isso pode ser encontrada no Mestre Fiandeiro que é responsável por cada partícula desse tecido fino, por toda a história, por todo o carácter do homem desde o início dos tempos.

Bom, vocês precisam perceber que como Deus é o Criador, o Grande Mestre Construtor, Ele sabe que forma a vida do indivíduo tomará antes que ele nasça. Ele conhece exatamente a natureza do nascituro, como ele se irá desenvolver a partir do momento em que deixar o ventre da sua mãe, onde as suas tendências o levarão, a maneira como as circunstâncias o moldarão. Por a grande imagem de toda a criação ter sido concebida na imaginação de Deus antes do bebé evoluir do que chamamos de 'vazio'. Por exemplo, o futuro da Terra já foi imaginado na imaginação de Deus. Já aconteceu porque Ele já o ter pensado. Mas o que não ocorreu foi a mudança na alma individual, a maneira, por exemplo, por que reage às provações e às alegrias da vida.

As reações da alma são tudo o que importa em relação à sua vida terrena. O sofrimento deixá-los-á cheios de azedume? Irá arruiná-los ou dar-lhes coragem para um novo esforço? Neste último caso, vocês criam no vosso próprio íntimo, ao incrementarem o poder da vossa vontade, ao incrementarem a vossa coragem. Ou irão abrir mão da esperança e afundar na penúria, assim aumentando a fraqueza do vosso carácter? Vocês gozam, em suma, de livre-arbítrio apenas no sentido da criação, apenas na moldagem da vossa própria alma. Ora bem, esse é o fator primordial e vital associado à vossa vida na terra. Porque quando vocês voltarem à alma-grupo da qual vocês fazem parte, de acordo com o molde da vossa alma, assim será o molde das circunstâncias na vida futura da jovem alma do vosso grupo que estiver prestes a nascer. Tenho dificuldade em traduzir a minha ideia por palavras.

Deus zela pela vida cósmica das almas-grupo. E, de acordo com o seu desenvolvimento, Ele planeia ou projeta o futuro da vida da humanidade. Mas por tudo ter sido imaginado por Ele no começo, há pouco a mudar no vasto quadro cósmico que tem cabimento na Sua imaginação.

Capítulo XV

A MEMÓRIA

DENTRO E FORA DO CORPO

Vou tentar traçar-lhes uma breve explicação de alguns dos aspetos da memória como eles próprios se me apresentam. Em primeiro lugar, vocês provavelmente gostariam de entender a memória, conforme ela é no caso dos vivos. O que é que vocês fazem? A vossa vontade decide que vocês precisam lembrar o nome de Tom Jones. Faz um esforço por se concentrar nessa imagem. Que processo exato isso gera? Atrai a si uma certa essência muito refinada invisível ao olho humano.

Os cientistas poderão descrever essa essência como algo muito mais subtil do que a eletricidade e ainda assim da mesma natureza. Isso, se for suficientemente forte, pode ser levado a marcar novamente a impressão necessária sobre o que lhes haveria parecer, caso vocês tivessem a perceção, algo fluido, algo que flui. Esse fluido penetra a matéria e, com a ajuda da essência de que falo, pode moldar-se de tal forma que seja capaz de entrar em contacto com as células do cérebro que estiverem prontas a responder. A vontade, com a ajuda desses dois elementos, é capaz de juntar, como que por um fio, a imagem do Tom Jones, à célula.

Enquanto se encontram na matéria vocês concebem ideias tão pervertidas do espaço que não conseguem nem por um momento entender como milhões de pequenas imagens feitas entram todas dessa maneira em contacto com os milhões de células no cérebro através desses fios. Imaginem uma imensa teia de aranha sobre vós. Todos os seus fios carregam memórias ou ideias ao cérebro tal como os fios transmitem mensagens telegráficas, e são capazes de levar ao cérebro mensagens, ou melhor, o sinal da imagem que foi criada através da impressão feita em algo plástico com a assistência dessa essência.

As vossas palavras tornam isso impossível. Vocês não têm termo, por exemplo, para esse barro que recebe a impressão. Eu chamo-lhe barro, mas não é da natureza da matéria. Esse barro — como eu lhe chamo por falta de um termo melhor — é a substância a partir da qual o pensamento é construído. Claro que não é uma substância conforme vocês a entendem. Muito bem, pois, recebe essa argila todas as impressões que a vossa visão, audição e tato lhe transmitem, mas não cria o fio de conexão com as células cerebrais, a menos que a vossa vontade faça o esforço consciente necessário para a sua construção.

Agora, vocês perguntarão: O que é a vontade? Vontade é a energia que flui para vós da grande mente individual mais vasta, sem que concorram pela vossa parte, é claro,

para a toda a coleção de imagens que é ligada ao cérebro físico, como já tentei indicar. A vontade é influenciada pelo corpo físico.

A mente mais vasta contém essa subtileza infinita de átomos que não é destruída pela morte dessa máquina tosca, o corpo. Na verdade, embora eu lhes chame átomos, eles lhes haveriam de parecer ter um carácter fluido. Entretanto, quero que percebam que o Eu essencial é algo que é composto enquanto vocês estão vivos. É uma aliança entre o que é material e o que vocês chamam de imaterial. O corpo ou matéria tem certos anseios suscitados pela própria natureza da sua conceção. Esses anseios não são vocês, mas dominam-vos, por geralmente poderem comandar muito do que é imaterial e poderem entrar no processo de orientação que ocorre nas células do cérebro.

Essas células são tão altamente sensíveis que podem responder e respondem ao estímulo de um ser que é movimento ao invés de substância. Pensem na vossa vontade, pois, como movimento; que sempre aglutina com a sua energia ativa essas imagens — conduzindo-as — levando o cérebro, que é a única parte sensível ao puro movimento, a recorrer aos fios que estão ligados a essas imagens quando a necessidade de serem suscitadas na consciência se manifesta. Eu tentei explicar o que vocês não poderão possivelmente conceber enquanto estiverem na matéria.

A memória fora do corpo é uma coisa completamente diferente. Quando nos tornamos seres desencarnados estamos muito mais separados das imagens terrenas por elas não mais estarem ligadas a nós pela matéria por meio das células cerebrais. Os fios, conforme vocês deverão perceber, são rompidos pela morte. O que não quer dizer que essas imagens de todas as impressões já criadas em vós sejam destruídas; elas ainda existem, mas quando optamos por isso, podemos, sob certas condições psíquicas, atrair as imagens que desejamos fazendo o esforço da vontade que nos coloca entre elas. Não os atraímos a nós como quando estávamos vivos, com trabalho e dificuldade, simplesmente fazemos o esforço necessário que nos coloca no estado que no-lo torna possível perceber as imagens que desejamos.

Agora, não estamos nesse estado quando comunicamos através de vós. Essa é a nossa dificuldade. Estamos bastante separados dessas imagens, e a menos que o médium tenha o poder psíquico de absorver os factos exigidos pela nossa memória — com a nossa ajuda, é claro — não poderemos fornecer a evidência que vocês exigem. O ser humano médio não possui esse poder particular, que é uma espécie de transbordo do fluido que toma a forma do vosso corpo e vos rodeia, embora invisível.

Essas imagens situam-se fora do cérebro. Elas situam-se fora do corpo, e estão conectadas por fios que são invisíveis a vós por passarem pela matéria e não serem

matéria. Certamente que são sensíveis ao toque, porém não são recordadas a menos que uma quantidade muito considerável de esforço seja empreendida para atrair o fio apropriado e a imagem correspondente. Mesmo assim há muitas imagens que não podem ser atraídas no âmbito da consciência normal. Não consigo achar no idioma Inglês palavras suficientemente exatas que tornem o que quero dizer claro.

Bem, a memória pode ser comparada ao mar. Está a toda a vossa volta, e é tão inapreensível quanto a água do oceano. Quando estamos vivos, chegamos a ela como crianças com os nossos pequenos baldes e enchemo-los com o fluido salgado. Quão pouca levamos pelo 'areal' acima. Com que facilidade e rapidez o derramamos no chão. No entanto, nas nossas costas está aquela vasta área de água a ribombar constantemente sobre a costa. O som da memória parece-me agora a mim como o som da maré, como quando nos velhos dias eu o escutava nas noites de verão.

Eu quero que vocês encarem a memória como esse grande mar. Ele dá de si à terra em todas as estações. Encontra-se, pois, a todo o vosso redor tal como a humidade os rodeia. Mesmo quando vocês estão na terra podem valer-se dessa memória invisível praticamente sem o saberem. E, tal como um país possui uma atmosfera mais húmida, uma chuva mais forte do que outro, também uma mentalidade atrairá mais parte da memória coletiva do que outra. Ela é alterada quando filtrada através do cérebro do homem; adota a sua tonalidade, a sua personalidade e, eventualmente, chega à vossa consciência como uma ideia original, mas por vezes horrivelmente embotada e sem originalidade.

Por a média do homem atrair dela principalmente a memória recente ejetada por muitos cérebros vivos. O pensador tem maior capacidade de atrair a si as memórias que se encontram nas profundezas da natureza humana, a memória forte, não a superficial que é ejetada pelo cérebro do homem no momento. O que é rapidamente descartado não continua a viver por muito tempo. Apenas as memórias emocionais, ou as memórias criadas por uma perfeita veemência, continuam permanentes.

O homem é como uma central elétrica, que gera constantemente o fluido elétrico novo da memória, recebe constantemente, e emite constantemente de novo. Os seres humanos apegam-se à sua individualidade; provavelmente é apropriado que eles o façam. Mas só ao que é fundamentalmente eles próprios, o que constitui o próprio núcleo do seu ser, sobrevive à dissolução contínua. Porquanto na vida, meus amigos, morremos mentalmente de forma perpétua; por outras palavras, como a cada três estações a árvore perde as suas folhas, assim também nós, com o passar dos anos, descartamos continuamente as nossas memórias. E, ao fazê-lo, mudamos consideravelmente.

Quão estranho o menino Tom Jones de dez anos não haveria de parecer ao homem Tom Jones que atingiu os sessenta! Quão tímidos e inibidos eles não se mostrariam caso se encontrassem! Quão, em tantos aspetos, eles não haveriam de gostar um do outro! Mas, lá do fundo haveria de surgir alguma agitação indescritível, alguma emoção estranha e profunda a convidar ao aprofundamento, digamos assim; porque, apesar das diferenças superficiais que os caracterizam, esses dois, o menino de dez anos e o homem de sessenta anos, se sentirem atraídos um para o outro tão certo quanto o ímã atrai o ferro.

Eles mal saberiam por que responderiam assim, precipitar-se-iam um para o outro apesar das incongruências conscientes. Mas haveriam inevitavelmente de responder, e de se reunir assim. Por algo mais profundo do que a memória individual compelir a tal unidade. Eles partilham muito poucas memórias concretas, eles são estranhos. Mas a essência das coisas leva-os a tornar-se amigos.

Da mesma forma, quando homens e mulheres viajam para este novo estado de vida, eles encontram, porventura volvidos muitos anos, esposas, maridos, filhos, filhas que lhes sobreviveram vinte ou trinta anos na terra. Se tudo estiver bem, se eles se encontrarem de novo no mundo das almas que partiram, eles não se reconhecerão pela memória dos factos. Eles irão conhecer-se através de algo que vai muito mais fundo do que essa memória. Amor e ódio, cautela e impetuosidade, todas as qualidades que estão na base da natureza de um homem ou de uma mulher, levarão a que se reconheçam, de modo que não haja necessidade de referência, ou de busca no Livro da Vida.

O conhecimento fundamental ainda permanece, e os velhos laços podem ser renovados, ou seja, se eles pertencerem à nossa parte fundamental. Mas por favor creiam no que lhes digo, desde que eu morri eu não permaneci estacionário; eu mudei, evoluí, desenvolvi, se preferirem, tal como as árvores, um camada fresca de folhas, mas permaneço inalterado por dentro; para que a minha esposa e os meus filhos me conheçam embora algumas das minhas memórias terrenas sejam enterradas como a folhagem no subsolo quando o inverno chega.

Ao afirmar que algumas de minhas memórias terrenas são um livro fechado para mim, não desejo dar a entender que elas estejam irremediavelmente apartadas. Elas não me auxiliam, no estado atual em que me encontro, por eu estar extremamente ocupado no Quarto plano a forjar novas impressões de um novo conjunto de experiências na forma. Fiquem certos de que, no estado intermediário entre o Quarto e o Quinto plano da existência, revisarei todas essas memórias terrenas de novo.

Nota de rodapé. As afirmações sobre os seres desencarnados contidas nestes dois ensaios sobre a memória aplicam-se às almas quando vivem conscientemente no Quarto plano. -

Frederic William Henry Myers

Capítulo XVI
A MEMÓRIA MAIOR

A Memória Maior é, se quisermos, a mente subconsciente de toda a raça humana. Na nossa vida, tal como na vossa, existe a consciência, o *eu* conhecido de outros seres desencarnados que vivem no mesmo estado que aqueles que lhes são fundamentalmente similares. Mas existe igualmente um *eu* mais profundo, que é o *eu* do mundo, imperecível conforme acredito, que comporta o que existiu e o que existe, e comporta igualmente o que virá a existir. Porquanto a história do homem desde os primórdios dos tempos até os tempos finais se encontra dentro do que às vezes é chamado de "A Árvore da Memória."

Vocês poderão dizer: "Mas os eventos futuros ainda não ocorreram, assim, como poderão eles tomar forma no éter?" Eu digo-lhes que eles ocorreram, pois eles já brotaram na imaginação de Deus. Contudo, o futuro é difícil de ler, quero dizer difícil de ler para os homens, por a memória do futuro não ter sido tão profundamente impressa na substância atemporal invisível, na medida em que é pensado apenas uma vez e não duas vezes; pensado pelo Criador dos Universo; por conseguinte, é muito delicado e débil, e apenas o seu eco é captado por certos mortais que que gozam da capacidade de audição interior. Ao passo que o pensar subjetivo grosseiro e desajeitado do homem faz com que as memórias passadas sejam, do ponto de vista do sensitivo, mais definitivamente moldadas na energia que flui.

Eu quero que vocês entendam o significado que esta vasta memória tem na vida dos eternos, a quem vocês podem chamar de "almas que partiram." Essas, ao prosseguirem com a sua existência presente, podem viver longe da memória de toda a existência passada, assim como podem retomar uma personalidade que se tenha dissipado, pegando os fios da Grande Memória e sorver deles, tal como vocês podem chupar uma cana-de-açúcar, o alimento de uma personalidade passada. Nem sempre é perfeitamente formada quando o ser desencarnado se esforça por comunicar. Por vezes apenas um pouco das vestes da mortalidade do passado do indivíduo é extraído desse grande depósito e, por um breve período, exibido.

Agora, gostaria de chamar a vossa atenção para um aspeto importante a esse respeito. Nós, vós e eu, estamos cada um de nós registados em alguma página desta

Grande Memória. Precisamos, quais atores de um drama, reaprender a parte antiga antes de tentarmos falar com os nossos amigos na terra, através de uma médium. Via de regra, negligenciamos essa tarefa, ou conseguimos obter apenas um vislumbre da memória que consagra a nossa personalidade desvanecida. Mas desaparecemos e não desaparecemos. É difícil explicar este paradoxo. Fundamentalmente, somos os mesmos que éramos quando uma esposa amada, mãe ou irmã nos estendeu o "adeus" na vida terrena.

Somos iguais no sentido de que devemos continuar a sentir uma sensação de repulsa por certas coisas e pessoas de quem não gostamos na terra, que se encontrássemos de novo, assim como as coisas que nos eram queridas, os velhos afetos haviam de se inflamar. Mas se por personalidade vocês quiserem dizer a soma total das nossas memórias terrenas — o conhecimento que tínhamos do Grego e do Latim, o conhecimento que tínhamos de factos concretos — então estamos de facto alterados, na medida em que, via de regra só podemos ressuscitar o antigo conhecimento obtendo contacto com aquela parte da Grande Memória que nos diz respeito.

No entanto, retemos — aparte isso — muitas das idiossincrasias da nossa antiga mentalidade. Aquela parte de nós próprios que não é mais integral, que se desvinculou, é a fugaz consciência física daquele período em que nos despedimos na terra; é o agregado de memória relativo a factos da nossa vida terrena, relativo a um certo conhecimento concreto que memorizamos. A memória emocional continua a ser parte integrante da alma, pois vem da Vida criativa.

Capítulo XVII

A ATENÇÃO
NO CASO DO SER ENCARNADO E DESENCARNADO

Eu vou definir a atenção. Como vocês sabem, em termos fisiológicos a atenção é a direção, a vontade que uma certa força nervosa exerce sobre certas células especiais do cérebro. Isto é, suponhamos que eu queira recordar a imagem de São Marcos em Veneza; eu dirijo a força nervosa para aquela célula ou células especiais ligadas à memória que tenho de Veneza.

A entidade criada pelas experiências Venezianas desperta para a vida e torna-se durante um tempo uma "personalidade," enquanto o tempo todo, bem por trás dela, em segundo plano, está a vontade que controla; mas o *eu* Veneziano expressa a sua personalidade durante esse período de tempo. Tomo Veneza apenas a título de exemplo. Esses centros de personalidade foram, creio bem, criados geralmente por uma rede de associações e recordações muito mais complicadas. Cada um deles derivou de uma série de experiências fundamentais que marcaram fundo no material macio da alma.

A ATENÇÃO NO CASO DO SER DESENCARNADO

Tentem imaginar a mente como uma teia em que existem inúmeros centros dos quais irradiam pensamentos e memórias. Qualquer desses centros pode dirigir a sua atenção para a Terra. Somos todos fundamentalmente um, mas quando nos concentramos em alguma operação especial do pensamento, dividimo-nos. Para que podermos tornar um de novo, temos que nos afastar de vós. Precisamos fundir-nos no espírito de novo. Com o termo "afastar-se," não quero dizer distância conforme vocês a concebem, pretendo apenas indicar que a própria delicadeza da nossa composição nos leva, quando somos um, a afastar-nos de vós. Possivelmente não irão acreditar em mim se eu lhes disser que cada estrela tem a sua própria personalidade.

É uma e, no entanto, é múltipla. Da mesma forma que vós, mesmo quando no corpo, são, no mesmo sentido material, um, contudo muitos. Existe uma miríade de pequenas entidades dentro de vós, mas há apenas uma mente ou um canal para a mente. A característica interessante do meu estado de existência aqui é que me encontro dentro de uma mente mais vasta que não é coletiva, mas é completada por muitas outras. Muitas das afinidades que me caracterizam acham-se encerradas nela. Todas aquelas fases da minha vida terrena são representadas por esses diversos centros.

Falei-lhes da atenção num sentido fisiológico. Descrevi-a como um fluxo de energia nervosa, que é dirigida para certas células ou para uma certa célula do cérebro, células essas que são ligadas a determinadas imagens. Muito bem. Conforme agora somos constituídos, não possuímos um cérebro material, mas possuímos uma certa teia psíquica. Essa teia não se encontra exatamente no mesmo plano que o cérebro.

Não contém milhões de minúsculos neurónios ou compartimentos, mas contém diversos centros que podem extrair ou atrair uma corrente de energia psíquica do Princípio Unificador. Se um grande esforço for feito, poderá ocorrer atenção em mais que uma direção, porém nem sempre. É possível que, quando estamos a comunicar com o mundo, só possamos fornecer um centro ou foco de cada vez, com esse fluxo ativo ou força motriz. Isso é muito fácil de entender, por requerer um considerável esforço de concentração quando manipulamos outra mente profunda.

Por vezes conseguimos comunicar com duas pessoas ao mesmo tempo, mas é extremamente difícil. O aspeto interessante para vós com respeito a esses centros ou centros de reabilitação é que aí se encontra alojada a memória do que comunicamos, ou melhor, está em contacto com esse centro e nenhum outro centro com esse enfoque, assim como com o Princípio Unificador, que, como vocês sabem, encerra muitos num só.

Capítulo XVIII
O EU SUBLIMINAL

Prometi falar-lhes sobre o conteúdo interno da mente. Acho que talvez fosse melhor começar por falar no homem como um organismo vivo. Isso parece-me uma ideia curiosa agora, mas preciso usar os vossos termos conforme vocês os entendem. Para começo de conversa, os cientistas não perceberam minimamente o quão independente a consciência — ou a alma — é do corpo. Este último é a herança recebida de muitas gerações passadas. É em si um império, polizóico e até mesmo polipsíquico.

É, de facto, infinitamente mais complicado, detentor de três níveis de nervos, os dos centros superiores, os do meio e os inferiores. Esses nervos são os pontos essenciais em que a nossa consciência funciona. Agora, quero que entendam que nós, na nossa condição etérica, até certo ponto temos uma correspondência com o organismo físico. Terão alguma vez ponderado naquela misteriosa frase, "No princípio a imagem fez-se carne"? Posso estar a citá-la incorretamente, mas essa frase, ou uma similar, que vocês encontrarão na Bíblia* encerra uma vasta verdade.

** (João I. 1 e I. 14)*

O organismo vivo é, até certo ponto, um reflexo do que existe no Invisível. Existe um Princípio Unificador do qual já lhes falei. Existem igualmente consciências menores, que já referi como centros, ou como focos. Quando comunico com a terra, uma dessas consciências menores, ou entidades psíquicas, toma posse da médium, e suplanta uma das entidades psíquicas que ela possui. Jamais suplantamos o que chamo de Princípio Unificador nela; se o fizéssemos, ela acabaria louca. É uma façanha muito difícil que só é tentada por certas entidades malevolentes deste lado.

Bem, conseguirão imaginar um país — a Inglaterra por exemplo — pontilhada de cidades todas autónomas, contudo dependentes daquela vasta cidade de Londres para obter orientações gerais e um certo estímulo essencial? Tal é a condição do ser desencarnado. Ele é um reino, delimitado pelo que parece ter a aparência de um véu. Possui uma curiosa elasticidade. Quero dizer, diferimos do reino a que aludi no sentido de que podemos alterar à vontade a forma desse material ou fluido muito subtil. Diferimos em muitos outros aspetos. Os nossos ambientes são de carácter meta-etérico. Vocês poderão pedir-me que defina isso. É extremamente difícil. Mas acho que posso dizer que contém átomos do tipo mais refinado. Eles atravessam a de vossa matéria mais grosseira, por dizerem respeito, por completo, a um outro estado.

Poderão então perguntar: "De que forma o mundo ou estado em que se encontra difere da nossa terra?" Ele difere consideravelmente, pela razão de esse fluido ser bastante informe. Após a morte, se estivermos suficientemente desenvolvidos, entramos no nosso eu subliminar. Quando estávamos vivos, acreditávamos que existiam duas formas de consciência: uma era a mente interior, e a outra a supraliminar, a que estava acima do limiar, a que controlava os nossos assuntos comuns, a que parecia dirigir as operações em geral. Encarávamos a subliminar como sendo aquela que estava abaixo do limiar, a mente interior, a parte inspirada da nossa natureza, a fonte criativa.

Muito bem, então desde que eu passei para aqui percebi que, na verdade, no sentido de mente pura, não existe parte supraliminar alguma. Existe em seu lugar uma máquina infinitamente complicada que se tornou cada vez mais subtil ao longo dos séculos, de modo que agora responde à mais diminuta das vibrações enviadas pela subliminar, ou o que vocês talvez possa chamar *mente subconsciente*. Em que consistirá, pois, a consciência supraliminar ou ordinária? Numa memória nervosa maravilhosa; em todos os desejos físicos do corpo, em grande parte controlados por essa memória nervosa (etérica); e por último, e mais importante, consiste no reflexo da vossa parte subliminar.

Normalmente, a subliminar envia o seu reflexo, que, numa medida débil ou potente, é recebido pela forma fluida que chamo de memória nervosa. Esta, por sua vez, transmite o reflexo por meio de vibrações ao cérebro. A consciência normal é até certo ponto tripla. Consiste principalmente na imagem interpretada pela memória nervosa, e na parte material, o cérebro, que responde à imagem enviada por essa mente interior. Mas isso não é tudo - de forma nenhuma.

O cérebro e o corpo, via de regra, precisa pôr o desejo da imagem em movimento antes que esta possa ser despachada e tornada percetível. Em suma, o corpo precisa ser recetivo, ou melhor, os nervos e o cérebro precisam receber e registar. Estes dois alteram e elaboram, ou simplificam e emprestam-lhe cor, enquanto contribuição que vem da porção superior da natureza do homem. Existe igualmente o inverso desse processo: a assimilação de impressões do mundo material por parte do cérebro, que são transferidas para os centros superiores e oportunamente devolvidas. Existe, em suma, um tráfico constante durante o horas de vigília do indivíduo entre essas diversas partes do seu ser.

Muitas questões carecem ainda de elucidação. Vocês provavelmente desejarão saber onde se situa aquela entidade positiva, e com frequência censurável, o "ego." É uma soma aritmética, um dígito digno da atenção dos matemáticos. É realmente o somatório das necessidades físicas do homem, e os acréscimos de memórias herdadas ao longo de muitas gerações, somadas à intrínseca capacidade que tem de corresponder com a mente interior e de receber a sua imagem. Agora há alturas de atividade criativa que os estudiosos tiveram a gentileza de atribuir à mente interior.

E quando grandes obras são produzidas vocês não conseguem entender o mistério da sua criação. Elas são produzidas por uma certa aptidão singular por parte do cérebro, que responde à mensagem da mente interior que dirige a memória nervosa. A forma do fluido não atua como um meio e, consequentemente, não decorre qualquer deformação da interpretação. A acrescentar a isso, é claro, há todo um estoque considerável de conhecimento, ou imagens, todas ligadas às células cerebrais por aqueles fios invisíveis de que já falei.

Precisam perceber que o ato de criação se traduz, pois, por colaboração. O fluxo de energia da mente interior molda a obra de arte, em parte a partir dessas associações, dessas memórias, mas também em parte da colheita de ideias que pairam, das quais pode valer-se de forma mais direta quando a forma do fluido não é o meio real. No caso da consciência normal, a forma fluida desempenha um papel importante e constitui em grande parte o "ego." Valer-se-á, com bastante frequência, das entidades psíquicas, das consciências menores; mas estas geralmente encontram-se diretamente ligadas ao Princípio Unificador, são apenas os seus afluentes tributários. Quando se

verifica uma desintegração da personalidade, isso fica a dever-se por vezes a que uma dessas entidades perca contacto com o Princípio Unificador, devido a um possível mau comportamento da forma fluídica ou memória nervosa, que envia um apelo muito potente a essa entidade psíquica. A consciência central, no entanto, caso seja diretamente evocada, geralmente será capaz de obter o controlo de novo.

Eu quero que, à luz das observações que faço, considerem e estudem a evolução do homem. A mente maior esteve presente, num estado por vezes informe, desde a idade das trevas, desde o início, se é que alguma vez existiu algum início, o que duvido. A princípio, essa mente descobriu que só por vezes conseguia enviar reflexos débeis aos povos primitivos, os quais foram gradativamente evoluindo, esculpidos à semelhança da criação de um escultor. Mas com o tempo a forma do homem desenvolveu-se e tanto mais facilmente se tornou capaz de receber a imagem. O Verbo fez-se carne com cada vez mais facilidade.

Vocês podem perguntar, com respeito à mente, por que ela procurou expressar-se. Ela almejava a individualidade; além disso, desejava a forma; e a forma e a individualidade foram, até certo ponto, alcançados através desse intercâmbio constante entre mente e matéria. Mas, notem bem, é ainda a essência da matéria — os nervos e a memória nervosa — que dominam e controlam as ações do ser humano. Assim, procurem pelo ego normal — no caso de serem uma mulher viva — na alma-nervosa, na construção do cérebro e do corpo, e na imagem enviada pelo Princípio Unificador. A Palavra fez-se carne. Nessa frase vocês poderão encontrar todo o mistério da natureza do homem, a soma total da sua existência.

* * *

Vocês desejam saber o que é a consciência comum. A força construtiva efetiva é, na sua essência, a alma nervosa,* mas a consciência comum é uma soma aritmética.** As necessidades do corpo, os anseios dos seus mecanismos, tudo isso influencia a alma nervosa nas suas decisões. O que vocês chamam subconsciente é o reflexo, a luz de cima. Por vezes é débil por a convocação ser fraca. Também desempenha um papel na decisão. O tempo, claro, é um fator que os confunde a esse respeito, mas toda a organização é, através de séculos de evolução, tornada de tal modo subtil que pode tomar a sua decisão rapidamente. No tempo do homem primitivo, o *eu*, a força construtiva — o "ego" — - traduzia-se principalmente pelo corpo; os nervos — até mesmo a forma fluida — eram subordinados.

Quero que entendam que não existem — salvo em casos muito raros — duas vontades que tomem decisões conscientemente ao mesmo tempo. Há apenas uma, por existir apenas um canal; mas o *eu* subliminar, que se situa fora da mente mais vasta — se

preferirem tal termo — é extremamente ativo e, quando mensagens durante o dia lhe são enviadas através do canal, isto é, através da alma nervosa, então essa mente elabora essa mensagem e envia-a, durante o sono, numa nova roupagem, de volta à alma nervosa, o que consegue facilmente fazer, por a alma se encontrar separada do corpo, bastante imóvel, e ainda assim capaz de refletir a imagem almejada que ela desejou durante as horas de vigília. Ao acordarem, isso é agregado a ela pelas células do cérebro, e vocês descobrem algum problema resolvido para vós como que por um passe de mágica quando despertam novamente do sono. Durante o dia, a iniciativa vem, pois, da alma-nervosa, alimentada pela imagem ou pelo reflexo da subliminar, e sempre influenciada pelo corpo e pelos seus desejos.

** (NT: Energia etérica.)*
*** (NT: Mais que isso, é uma sinergia.)*

Capítulo XIX
O SONO

Quero que entendam que não explorei de forma alguma as possibilidades do *eu* subliminar naquele meu pequeno ensaio. Por favor, considerem-no apenas como um pré-aquecimento preliminar. Tenho vindo a sentir-me intrigado quanto ao tratamento a dar-lhe. Quando estive na condição de morto-vivo, quer dizer, quando eu me encontrava com vida na terra, eu acreditava que o sono era simplesmente uma retirada do espírito, um esvaziar das câmaras do cérebro e uma busca de recuperação de forças num outro mundo, ou melhor, que se verificava um reabastecimento de energia espiritual, um tipo de irrigação, de que decorria essa renovação, essa sensação de revigoramento, que todos nós experimentamos ao acordar para um novo dia.

Eu acreditava firmemente numa vida passada em dois mundos, e nisso eu estava perfeitamente correto. Sentia-me intrigado quanto às condições exatas obtidas durante o sono; agora, sou mais sensível a elas. Na verdade, a alma nervosa (etérico) separa-se do corpo quando vocês se encontram no estado que vocês chamam de sono. Isso significa que não existe intérprete direto, ou mediador, entre o espírito e as células cerebrais. Isto é importante.

O corpo, conforme afirmei anteriormente, é amplamente dominado por essa alma nervosa. Fica praticamente em perfeito repouso quando esta última se retira para uma atmosfera meta-etérica. A alma nervosa é banhada nessa atmosfera, e recebe um estímulo bastante necessário, ou melhor, sustento, do que eu acredito que vocês agora chamam de éter. Porém, éter é um termo vago e, na realidade constitui uma

subdivisão do éter que nutre a alma nervosa durante o sono. Talvez eu devesse cunhar um novo termo e chamar-lhe "Essência Etérica."

Sinto estar a ser bastante audaz ao infringir assim os direitos dos cientistas da física, os únicos que têm necessidade de batizar os elementos - visíveis e invisíveis. Agora, enquanto a alma nervosa se acha ausente, o espírito ainda se encontra próximo ao corpo. Não pode enviar a imagem — - conforme a denominei — diretamente ao cérebro. Normalmente não faz qualquer esforço em prol disso, mas ocasiões há em que os centros nervosos superiores se encontram num estado particularmente suscetível.

Então o espírito pode procurar lançar sobre ele alguma imagem, ou melhor, dirigir alguma, através da invocação de um resíduo de poder que tenha sido deixado para trás pela alma nervosa. Aí aquele que dorme sonhará, talvez, com algum evento futuro, ou imaginará alguma morte violenta que esteja a ter lugar noutro lugar. O espírito traz em si o reflexo de certas afinidades emocionais do ser que está adormecido e assim consegue, em raras ocasiões, lançar uma imagem do futuro, ou de algum acontecimento presente, sobre o cérebro imóvel.

Agora, vocês poderão pedir-me que explique a origem dos sonhos incoerentes e aparentemente caóticos que acometem aquele que dorme todas as noites. Estes, se vocês detiverem a chave de os interpretar, não são incoerentes nem caóticos. Muitas vezes constata-se uma irritação nervosa contínua durante o dia, uma firme supressão das emoções. Por vezes isso leva à ação de 'fotografar' algumas das causas da irritação, e essas 'fotografias' ou imagens estão ligadas aos neurónios que estiveram ativos durante o dia. Elas (as imagens) situam-se numa teia de fios. Não há entidade controladora, mas os nervos podem, e fazem-no, reagir sobre esses fios, e criar padrões confusos e disparatados. Eles são em todo o sentido da palavra *visões nervosas*, e não devem ser consideradas como reflexos emanados de uma fonte superior.

Defini a atenção como a direção da energia nervosa para certas células especiais do cérebro. Agora, se esse fluxo for violento e prolongado durante as horas de vigília, a vibração prosseguirá. Os ecos, por assim dizer, dessa concentração ainda ressoarão, mas misturam-se com outros ecos, outras impressões, que formam uma certa sequência que por vezes, é incrementada por algumas associações muito antigas. Talvez durante o dia vocês tenham visto um gorro que lhes fizesse lembrar uma avó falecida. O lembrete real pode ser débil, mas será suficiente para agitar o fio que liga uma antiga associação à vossa célula cerebral. Quando o controlo é relaxado e o sono sucede, a imagem da vossa avó aparece no vosso sonho. Ela foi esboçada na tela através da visão de um gorro, algumas horas antes. Como a memória dizia respeito a

outros tempos, estava longe da sede das operações, e a passagem do tempo era necessária antes que pudesse surgir.

Receio estar a escrever de um modo um tanto monótono, mas o que quero indicar é que as memórias, as imagens delas, e os nervos, executam um jogo de escondidas uns com os outros dentro do cérebro durante o sono. O espírito não consegue enviar a imagem dominante, nem consegue que aquela forma fluida, com a sua aglomeração de experiências, se empenhe na gestão da vasta população no cérebro. Sei igualmente que, se os nervos estiverem fragilizados ou em elevado estado de tensão, é possível que sejam até certo ponto guiados por uma consciência menor.

Mas, embora essa entidade imprima o impulso do movimento, precisa obedecer aos nervos que dominam, e devido a alguma memória latente e perturbadora, compelir aquele que dorme a erguer-se e a caminhar. Isso geralmente responderá pelo sonambulismo. Os nervos controlam a consciência menor em vez desta última os controlar. Mas geralmente essa entidade psíquica tem poder suficiente para evitar que aquele que dorme caia em grande perigo, assim como pode fazer soar o sinal de alarme para a alma nervosa, e fazer com que ela volte ao corpo novamente e assuma o controlo.

Falei do sono de uma maneira bastante rudimentar, e esforcei-me por lhes mostrar que é devido à necessidade de nutrição que a alma nervosa, ou intérprete, tem que se retirar e que isso leva a um processo de isolamento. O espírito ainda consegue animar o corpo; mas apenas em casos muito raros pode influenciar os centros diretivos no cérebro, devido a que o seu intermediário se encontre ausente. Sem dúvida que, durante as horas de sono, um certo estrato do *eu* subliminar permeia o cérebro, ou parece fazê-lo.

O que realmente ocorre é o seguinte: certas associações antigas, velhas emoções, foram despertadas por eventos durante o dia. A alma nervosa não lhes permitiu acesso à consciência ativa por se achar ocupada com outras questões. Permaneceram ali, como um riacho represado. A barragem é removida, pela ausência da alma nervosa, e essas lembranças, principalmente se os nervos se encontrarem em estado de tensão, inundam o campo do cérebro, e entram novamente nas velhas tramas, olhando de cima uma vez mais para aquele interior onde foram, por um breve espaço de tempo, a sua decoração e as imagens do pensamento consciente.

Vou falar muito resumidamente sobre a hipnose. A grande maioria dos sujeitos hipnotizados não é hipnotizada em absoluto. Mas, se posso pegar um caso de hipnotismo genuíno, mostrar-lhes-ei que no essencial, pelo menos, difere do sono comum. A alma nervosa do sujeito está suspensa, mas não está, salvo em casos muito

extremos, ausente do corpo. Não lhe é permitido agir. Ela inibe as suas próprias ações. Este é um aspeto importante. O indivíduo que hipnotiza não pode — a menos que se verifique alguma condição mórbida relacionada com os nervos - obrigar o indivíduo a abrir mão da sua vontade, ou seja, a suspender a (ação da) alma nervosa. Agora, o espírito, ou *eu* subliminar, é em certo sentido conduzido mais próximo do corpo através dessa suspensão. O seu fluxo criativo não circula mais, pois requer o seu intermediário e esse encontra-se suspenso. Mas outro estrato do *eu* subliminar pode ser, e muitas vezes é, intimado. Refiro-me principalmente àquela secção relacionada com recordações que foram sepultadas.

Agora, as ordens do hipnotizador põem em movimento algumas das formas fluidas, alguma da essência dirigida pela alma nervosa quando ela está em operação, que também é parte corpo fluido invisível. Uma porção da sua essência é usada, apenas para que certas memórias sepultadas possam ser atraídas à superfície. Eles não poderiam acudir caso a alma nervosa estivesse a operar ativamente em conjunto com a imagem enviada pelo *eu* subliminar. Na verdade o hipnotismo abre um caminho mais direto para a mente subliminar, isto é, aquela parte dela que é solta e fica a pairar. O Princípio Unificador, o centro que envia a mensagem quando a consciência comum está em operação, também está fora de contacto quando o seu intermediário se encontra suspenso. Vocês entenderão, pois, que o sujeito se pode valer apenas de uma parte do *eu* subliminar.

Capítulo XX
A TELEPATIA

Posso dar-lhes a minha opinião sobre a telepatia que se verifica entre os vivos? É diferente em certos aspetos da telepatia dos mortos. Precisa haver um ajustamento muito maior do nosso lado do que quando os dois sujeitos estão vivos. No entanto, estamos perfeitamente cientes da nossa mente interior, pelo que, no geral, é mais simples para nós. Se vocês estivessem mais plenamente conscientes da vossa mente profunda tornar-se-ia muito fácil para vós agir como um recetor ou como um transmissor. Mas deixem que o tente explicar.

Já falei de um corpo fluído que liga a mente subconsciente ao corpo físico. Bem, essa forma fluída, conforme a designarei, encontra-se em constante mudança, possui uma elasticidade inteiramente estranha ao corpo físico. É decididamente impressionável, surpreendentemente sensitiva. O problema é que não está intimamente ligada ao cérebro; ou melhor, o ser humano não entende como estabelecer essa conexão. Ele pode fazê-lo em parte separando a sua mente de certos assuntos para que o mecanismo efetivo não funcione a toda a velocidade. Também pode ser manipulada de

outra maneira. Agora, há memória em relação ao fluído. Ela pode ser acedida através do 'fluído.' O fluído também pode receber o que vocês chamam de mensagem telepáticas. De facto, recebe muitas delas, mas apenas no caso de alguns raros seres humanos pode o registo telepático ser transmitido ao cérebro.

Quero deixar claro que o fluido lança uma mensagem no espaço. Geralmente não é transmitida por nenhuma entidade, mas existem muitos filamentos da mente a pairar que ajudam a atraí-la para o fluido no qual ela estabelece a impressão que pode ser transmitida a partir dele ao cérebro.

Os cientistas parecem acreditar que nenhum meio fisiológico ou físico pode explicar a telepatia patente entre os vivos. Eu afirmo que a fisiologia da alma pode explicá-lo. Haveria, à primeira vista, de parecer em termos simples uma contradição no que se lhe refere, mas na verdade não é bem assim. Existem partículas infinitésimas ainda não descobertas pelos seres humanos. Elas são tão reduzidas que vocês não as haveriam de reconhecer como matéria. Mas para os mortos, que têm perceções muito mais refinadas, essas partículas são sugerem matéria, embora não se possa dizer que se assemelham à matéria na maioria dos detalhes. De qualquer forma, esses minúsculos átomos são influenciados pela emoção e pela vontade, fatores esses que transmitem uma força motriz aos átomos, e o cérebro pode dar-lhes a forma em que são acolhidos.

A alma nervosa ou a memória nervosa é naturalmente muito influenciada pela consciência. Já lhes disse que responde muito rapidamente aos estímulos. Muito bem, a consciência prepara-se para um esforço; deseja captar o pensamento enviado pelo agente quando vocês fazem um experimento telepático. Esse mero desejo tem, no caso de muitas pessoas, o efeito de consolidar a alma nervosa numa espécie de imobilidade. Nessa condição, fica inerte. Não consegue receber. O cérebro enviou um aviso instintivo no sentido de não receber. Nesse caso o instinto vence o desejo consciente. É o instinto que protege o indivíduo contra as incursões do pensamento estranho. Na sua essência é um instinto justo. Se vocês estivessem continuamente a captar os pensamentos dos outros, poderiam desenvolver uma condição cerebral muito doentia.

A natureza confere pois, ao ser humano essa proteção contra os múltiplos dardos do pensamento que poderiam perfurar a armadura da consciência e ferir o mecanismo. Se um ser humano tiver esse instinto suficientemente controlado, é provável que se mostre recetivo. A memória nervosa ou a alma nervosa está, é claro, muito diretamente associada com a mente interior que desempenha o seu papel na receção de uma mensagem telepática.

* * *

O termo "fluido" não deve ser interpretado no sentido literal. Eu não teria empregue tal termo com relação a isso aquando na terra. Mas agora, por uma questão de simplicidade, e por a alma nervosa ou forma sugerir algo que flui, emprego este termo que, pelo menos, é sugestivo e de forma nenhuma técnico. Nem as palavras que empreguei em relação aos planos devem ser tomadas literalmente. Eles são simbólicas desses estados particulares.

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO. Encontro-me neste momento no quarto plano, que é conhecido por mim como "Eidos." No entanto, tem-me sido permitido, como São Paulo — aquando num certo estado subjetivo — viajar até mesmo o Sétimo Céu para comungar com Deus e obter assim uma renovação da força espiritual. Quando comunguei assim, obtive o que certos místicos raros obtêm, um conhecimento e senso do Todo e das suas diversas partes. Esse conhecimento eu trouxe de volta comigo — ou pelo menos um fragmento dele — para Eidos. Também acumulei conhecimento das almas que habitam os planos superiores. Essas podem descer até nós em Eidos quando nos retiramos desse mundo, e entramos durante um tempo na quietude e naquela solidão fervorosa que pode ser povoada por seres superiores.

Frederic William H. Myers

Capítulo XXI
A INTERPENETRAÇÃO DO PENSAMENTO ENTRE OS DOIS MUNDOS

Verifica-se uma interpenetração contínua de pensamento entre os mundos visível e invisível e é isso que torna a comunicação convosco ainda mais difícil. Se pudéssemos separar e classificar o vasto acúmulo de pensamentos que pairam, de vivos e mortos, tornar-se-ia muito mais fácil pois, com o caminho livre, enviar-lhes um fluxo fácil de ideias de uma mente individual desencarnada. É possível perder-se na vasta floresta das fantasias dos homens, mais especialmente quando partimos quais exploradores desencarnados. Estamos certos de captar falsas trilhas e no final desistir da solução do problema com desgosto. Eu não falo apenas de mentes, mas das contínuas correntes de pensamento lançadas por esses milhões arremessadas através da nossa poderosa Mãe, o Universo, cujo ventre ilimitado as abriga a todos.

Rogo-lhes que se lembrem de que sou apenas uma sombra falível. No entanto, é bom nesta questão difícil estabelecermos certas premissas como base. Em primeiro lugar,

tomemos, por exemplo, o homem médio educado. É-lhe possível, enquanto no corpo físico, e enquanto ele se encontra no zênite do seu poder mental, aceder três estados que diferem consideravelmente uns dos outros — primeiro, a condição de sono profundo; segundo, o estado subjetivo; terceiro, o estado de consciência de vigília ordinária. Vocês precisam conceder muita latitude à condição subjetiva. Ela pode variar em grande medida.

Pode ser induzida por meios artificiais, através do hipnotismo. Um sujeito bem treinado no sentido de responder ao hipnotizador, como vocês sabem, realizará proezas incríveis, recordará memórias da primeira infância, mostrar-se-á insensível à dor e, creio bem, por vezes até obterá, conhecimento que parece ser de um carácter inteiramente supranormal. O místico Indiano pode entrar muito facilmente no estado subjetivo e pode até, por vezes, obter informação sobre os atos de estranhos que se encontram a muitos quilómetros de distância dele. Ele pode, em suma, fazer viagens mentais.

Agora, na nossa vida - a vida dos ditos 'mortos' - também existem três estados, embora não se possa dizer que se assemelhem muito às três ordens de consciência que prevalecem no caso do homem. Mesmo quando estão a dormir, vocês estão, em certo sentido, conscientes, por vezes mais do que quando estão neste estado subjetivo, pois a dor ou o barulho podem despertá-los, enquanto o homem que se encontra num estado de transe profundo pode não sentir dor, pode nem sequer ser despertado pelo ruído do trovão.

Quando nós seres desencarnados desejamos comunicar através de algum sensitivo entramos num sonho ou estado subjetivo. Esse estado subjetivo tem dois graus que são importantes com relação a nós. Se estivermos apenas num transe ligeiro, desprendemo-nos da memória de factos concretos da nossa vida passada. Além disso, se comunicarmos diretamente através da médium, embora muitas vezes preservemos a nossa personalidade, a nossa maneira de falar, muitas vezes somos incapazes de comunicar através da mão ou da voz da médium muitos factos exatos sobre a nossa carreira passada na terra, e por vezes nem mesmo em relação aos nossos próprios nomes. Podemos entrar na mente mais profunda da médium e ler muitas das memórias pertencentes a ela, que se situa fora das células, ou neurónios, estando a elas unidas por fios invisíveis.

Agora, vocês têm consciência da estranha associação de ideias. Vocês conheceram um Sr. Tom Jones numa festa de chá há dez anos atrás. Tinham esquecido tudo acerca dele, até mesmo o nome, mas alguém vo-lo refere. No momento não significará porventura nada, mas no espaço de um minuto ou dois vocês recordam o Sr. Tom Jones que conheceram dez anos atrás num chá. Da mesma forma o ser desencarnado

pode encontrar certas memórias no subconsciente da médium que lhe recordarão certos factos relacionados com a sua vida terrena passada. Então a memória é rapidamente comunicada.

Agora vou falar do segundo grau de transe que pode ser penetrado pelo ser desencarnado. É um estado agradável e, por vezes, bastante afortunado. Está mais próximo da condição do sono e sonhos do que o que referi anteriormente. Quando nos encontramos neste plano de consciência podemos entrar na mente subjetiva do homem. Mas é necessário que ele venha em nosso auxílio a esse respeito.

Ele deve estar, ou intimamente ligado a nós por laços de afeição ou precisará ser o que vocês chamam 'psíquico.' Muito bem, aqueles parentes queridos ou amigos, que através da sua afeição ou amor, ou intenso interesse que sintam por nós, nos evocam no seu pensamento subjetivo, abrem-nos a porta — a nós sombras sonhadoras — e nós entramos novamente no sonho da terra. Percebemos imagens de acontecimentos reais da Terra a imprimir-se na mente subconsciente daquele que nos abriram o caminho, e colmataram o abismo com o seu amor ou o seu intenso interesse. Muitas vezes percebemos a maioria dos incidentes triviais refletidos no seu subconsciente.

Por vezes, quando nos encontramos realmente inteiramente imersos nessa atmosfera de sonho, podemos entrar em contacto não apenas com uma mente subconsciente, mas com a mente subconsciente de muitos milhares. É como um vasto mar que se estende diante de nós. Muito disso é dificilmente apreendido. Podemos apenas fazer uso disso aqui e ali, mas, com a ajuda do guia, podemos extrair deste oceano da mente a associação particular de ideias que corresponde a um acontecimento, um nome, ou a um lugar na nossa vida terrena. Nós reconhecemo-lo e usamo-lo como evidência da identidade quando estamos a comunicar.

Agora, o terceiro estado subjetivo leva-nos à Grande Memória, mas, infelizmente, não é condição ou estado em que nos aproximemos dos nossos na terra. Podemos reunir muitas das nossas memórias quando assim alcançamos o vasto subconsciente — ou melhor, Supraconsciente — a mente da raça. Assim, não me vou alongar muito sobre esse aspeto além de comentar que aqueles que estiveram entre os seres desencarnados durante muitas eras, aqueles que estão altamente desenvolvidos, os possuidores de sabedoria entre nós, podem, em raras ocasiões, enquanto no terceiro estado, comunicar através de um sensitivo a história real registada na Grande Memória.

Mas a tais seres não é permitido comunicar a sua própria sabedoria, por não poder ser expressada em termos de linguagem, e apenas um eco é por vezes captado e é traduzido na forma da expressão inspirada do génio. No entanto, os seres

desencarnados, que se encontram ausentes apenas há alguns anos da terra, em muitos casos não conseguem entrar nessa terceira condição subjetiva quando usam o mecanismo físico para transmitir os seus pensamentos ao mundo.

É verdade que comunicamos por quadros mentais ou imagens, por sinais que a mente mais profunda da sensitiva apreende, e por vezes podemos transmitir, por um sinal ou símbolo, um nome ou palavra desconhecido da médium. Seria bom que vocês notassem que, o que vocês chamam de "consciência normal" significa levantar as barreiras entre a vossa mente e a mente de outro indivíduo. Mas por trás de tudo o que existe entre os seres humanos há um *eu* mais profundo, uma mentalidade subjetiva que pode invadir o domínio de outros *eus* subliminares, que reúne poucas barreiras. Esta matéria, porém, pertence a uma outra história.

Peço-lhes que não se incomodem com a observação que fiz de que quando seres desencarnados perseguem uma vida ativa e cheia de entusiasmo aqui, a maior parte das suas memórias concretas ficam temporariamente em suspenso. Reparem, eles estão num estado de consciência psíquica normal em tais circunstâncias. Mas um filho e um pai desencarnado, ou quaisquer outros que tenham recordações caríssimas uns dos outros, podem, se assim o desejarem, recapturar todas as suas velhas memórias de factos da sua vida terrena se preferirem entrar juntos no terceiro estado subjetivo. Então esses dois seres desencarnados podem reencenar, se quiserem, o drama da sua carreira terrena página por página. Eles podem evocar todo o conhecimento infinitesimal que eles colheram com tanto cuidado na terra.

Homero, a *Odisseia*, todo o Grego e Latim dolorosamente aprendido dos velhos dias de escola, recordações dos jogos juvenis, de aprendizado acumulado podem ser reunidos de novo com toda a clareza. As próprias conversas à mesa de chá ou em jantares maçantes podem ser recordadas e digeridas, talvez com algum tédio de novo. Vocês podem reunir em vós todas as velhas relíquias enferrujadas, todas as pequenas brigas e preocupações, todos os vossos conhecimentos orgulhosamente adquiridos se esse for o vosso desejo.

Mas precisam, evidentemente, entrar, com o vosso amigo ou parente, no terceiro estado subjetivo se ansiarem por encenar novamente os velhos papéis no passado, se quiserem manusear nostalgicamente mais uma vez os preciosos pequenos detalhes de circunstâncias e acontecimentos da vossa vida terrena, se quiserem com efeito fazer como algum velho ou velha que tira da gaveta antigas cartas de amor, madeixas de cabelo e pequenas miniaturas emolduradas em ouro que recordam dias queridos.

Mas muitos de nós são de temperamento aventureiro. Achamos divertido, durante um tempo, demorar-nos nessas páginas do Livro da Vida, e a partir delas, quando

encontramos os nossos entes queridos após a morte, obtemos um certo prazer nostálgico, ou um deleite tranquilo, sem as dores da carne associadas. Cansamo-nos, porém, após um período muito breve, desses restos amontoados das nossas carreiras passadas, todas guardadas com tanto cuidado no Grande Celeiro. Passamos de uma dobra do tempo para outra; somos ousados e aventurámo-nos pela imaginação de Deus.

Assim, enquanto neste terceiro estado subjetivo, viramos novamente as páginas do Livro da Vida e lemos o futuro da nossa raça. Contemplamos um drama que ainda não foi encenado na terra, o eco vago do que às vezes é captado por profetas e adivinhos. Percebemos as divagações de espírito daqueles gerados por nós, o destino daqueles que são sangue do nosso sangue, que carregam nas suas frontes o selo de parentesco connosco. E, de facto, muitos de nós fechamos com tristeza o Livro da Vida, quando assim contemplamos um futuro que ainda não é para os homens, a brotar do Desconhecido, fora do oceano sem limites, que, preciso lembrar-lhes de novo, é a criação da omnipresente imaginação de Deus.

Finalmente, o poder de entrar no terceiro estado subjetivo e assim seguir o futuro assim como o passado, página a página, é concedido apenas àquelas almas a quem os seres humanos — para usar um adjetivo banal — chamariam de "avançadas" ou saudariam como "espiritualmente desenvolvidas." Muitos milhões de almas, que atravessaram os Portões da Morte, repousam dentro das fronteiras e limites do seu próprio desenvolvimento psíquico. Eu uso a palavra "psíquico" aqui no sentido geral, não na relação que tem com o estudo da sobrevivência após a morte.

Essa miríade de almas segue uma via e um destino que, via de regra, não os conduz, durante algum tempo pelo menos, à grande mente supraconsciente da Terra. Esses chamados 'mortos' permanecem em esferas e estados de agradável — ou por vezes desagradável — ilusão. Não posso escrever por todas as almas que passam para uma vida invisível dos braços da sua mãe-terra adotiva.

Nota: Quando digo que estamos num estado subjetivo durante o tempo de comunicação, eu quero dizer com isso uma forma especial de concentração de modo que nos possamos assim desprender da vida em que vivemos, digamos, o Quarto plano. Da mesma forma, quando um ser humano está engajado numa escrita difícil, ele precisa afastar-se de seu entorno, recusar deixar-se seduzir pela vista das suas janelas, pela visão dos quadros que tem no quarto. Para sua difícil tarefa, ele precisa viver no mundo que a sua caneta está a descrever, entrar num estado subjetivo, e distanciar-se igualmente da memória de factos concretos da sua vida passada. Isso aplica-se em considerável medida ao ser desencarnado que se comunica diretamente através da médium. Mas, antes de assumir o controlo da médium, antes de entrar no estado subjetivo, ele pode preparar a

sua mensagem, pode elaborar certos factos com respeito à sua vida terrena passada, que ele poderá então transmitir através da médium, embora ele possa ser incapaz, ao comunicar, de fornecer factos probatórios que não estejam contidos na sua mensagem.

Frederic Myers

Capítulo XXII

FELICIDADE
PARA O HOMEM E MULHER COMUNS

Para se discutir a felicidade é necessário ter um senso de proporção e classificar os seres humanos. A vida que traz alegria verdadeira e permanente a alguém trará apenas descontentamento e angústia positiva a uma outra pessoa. Homens instruídos têm-se esforçado por afirmar princípios rígidos e firmes de felicidade e, ao fazê-lo basearam-se numa premissa falsa. Infinita é a diversidade da natureza humana. Não podem dizer a uma classe, nação, homem ou raça: "Sigam os princípios que eu lhes transmiti e descobrirão a felicidade." O indivíduo ou nação em questão pode não estar em condições física, mentais e espiritualmente desenvolvidas para ser capaz de aplicar tais princípios à sua vida diária, ou, se estiverem capazes, os princípios podem estar estruturados de tal forma que a felicidade prometida se transforme em tédio ou desilusão aguda.

Por exemplo, os ascetas e místicos Cristãos e Budistas estão de acordo quanto ao caminho para alcançar a felicidade. Assegurar-lhes-ão eles que nenhuma felicidade verdadeira pode derivar do uso dos sentidos, nem pode ser obtida por meio do dinheiro ou do poder e autoridade sobre os demais. Recomendam a renúncia completa, o desprezo pela riqueza, poder, beleza, por qualquer maneira por que se expresse. Afirmam que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada na contemplação, na comunhão com Deus – no desprezo por todas aquelas obras de Deus que agradam aos sentidos ou satisfazemos desejos naturais.

Receio que os seus pontos de vista se abram a muitas e sérias objeções. Para o místico, porventura, essa vida interior consiste na única felicidade real. Mas noventa homens em cem não são místicos, e pertencem antes a um padrão generalizado e são constitucionalmente incapazes de colocar tal recomendações em prática, ou, se tentarem fazê-lo, apenas distorcem, limitam e amarguram as suas naturezas.

A verdadeira felicidade para o homem médio deve ser encontrada em palavras como moderação, autocontrolo (presença de espírito), e liberdade. Ele precisa primeiro

aprender a controlar-se e, uma vez adquirido esse poder, precisa aprender a controlar as pessoas e situações com sabedoria. Assim, obterá ele a sua liberdade. Em segundo lugar, Tom Jones precisa conquistar algum conhecimento da sua própria falta de importância no esquema predominante das coisas. Em terceiro lugar, precisa cultivar qualquer poder criativo especial que possa possuir.

Bem, o controlo dele próprio dá-lhe uma certa serenidade, de modo que as preocupações e os infortúnios não conseguem penetrar e perturbar a tranquilidade. O poder de controlo que tem das outras pessoas poupá-lo-á ao sofrimento físico, à destituição, e capacitá-lo-á a derrotar qualquer pessoa que possa, por várias vias emocionais, tentar transformar-lhe a vida num inferno. O senso da sua própria falta de importância trar-lhe-á, por si só, a felicidade, levando-o naturalmente a arrojar-se na vida de outras pessoas, para que o "eu" possa ser temporariamente esquecido e possa estender uma simpatia viva onde for genuinamente necessária.

Agora, o instinto criativo é parte essencial da natureza do homem. A sua expressão sábia deve ser uma das suas principais preocupações. Ele brota, em parte, do desejo sexual, mas muitas vezes proporciona a máxima felicidade em atividades que não a do sexo. Qualquer que seja a vida sexual de um indivíduo, ele será sábio se procurar de uma forma ou de outra uma saída para o princípio criativo. Se ele não possuir uma mente construtiva ou imaginação, ele poderá expressá-lo meramente pelo desfrute da beleza de uma forma ou de outra, por uma sensata mas controlada indulgência dos seus sentidos. Mas feliz será o homem que tenha domínio de si, que goze de um poder criativo efetivo, por mais humilde que seja o meio da sua expressão.

Normalmente, o asceta que recomenda o desprezo pelo dinheiro não tem ansiedades quanto a isso. Os seus amigos ou admiradores fornecer-lhe-ão tudo o que ele precisa ou ele gozará de uma excelente renda própria. Portanto, recomendo vivamente ao buscador da felicidade o cultivo da devida valorização do dinheiro.

Sem ela, ele deve morrer de fome ou experimentar tal desconforto físico ou doença, que será incapaz de manter a luz da sua inteligência ou alma a brilhar dentro do seu templo. Ele não será mais livre porque, de hora a hora, as necessidades clamorosas do corpo o assediarão, e se estiver empregado durante longas horas com um pequeno salário, ele não disporá de tempo nem de força física para o cultivo da sua própria natureza nem para o gozo que ele poderá estender aos outros através da sua fruição. O desejo de dinheiro de forma moderada é uma virtude, porquanto é o desejo de se tornar um indivíduo completo e, por meio de tal completude e do seu conteúdo resultante, de beneficiar os demais.

A felicidade vem através do esforço; por meio de uma indulgência sábia e controlada dos prazeres dos sentidos; através de atividades atléticas para o aperfeiçoamento do corpo; através do estudo para o desenvolvimento da mente; e por meio da tolerância ou de uma visão caridosa. O desenvolvimento disso conduz ao cultivo do espírito.

A verdadeira felicidade será encontrada pelo homem médio no uso constante e sensato de todos os seus talentos, de todos os seus poderes — de corpo, sentidos, mente e perceção espiritual. Por fim, através da sabedoria o ser humano moderno encontrará o segredo da vida e o segredo da serenidade. Fé, esperança e caridade — todas aquelas virtudes recomendadas por São Paulo — se acham contidas dentro dessa palavra sublime e todos se tornam belos pelo seu esplendor. Porquanto a fé, a esperança e a caridade sem sabedoria não possuirá luz, e as coisas que estão escondidas nas trevas não poderão atingir um crescimento saudável.

[Inacabado, devido a doença de G. Cummins]

Capítulo XXIII

DEUS É MAIS GRANDIOSO QUE O AMOR

Acho estranho que Deus seja descrito como amável e bom, ou como ciumento e vingativo. Ele não é nada disso. Ele é o inevitável, o "Ômega" de toda a vida. Mas Ele também não é mau nem bom, cruel ou bondoso. Ele é o Propósito por trás de todo propósito. Ele também não ama nem odeia, não há pensamento criado que O expresse, pois Ele me parece ser toda a criação e, no entanto, existe apartado dela. Ele é a Ideia por trás da miríade existente de mundos, por trás dos Universos incontáveis.

Quando falamos de amor e ódio, pensamos em termos humanos. Talvez imaginemos para nós próprios o lindo amor de uma mãe pelo seu filho; pensamos num homem que ama a sua esposa com devoção; pensamos nos feitos heroicos realizados por amor. A seguir visualizamos o ódio — a aversão que sentimos por algum indivíduo que nos enganou, nos enganou ou cometeu algum crime hediondo.

Agora, nem o amor humano nem o ódio humano, mesmo nos seu mais alto grau, podem ser considerados qualidades possuídas por Deus. Pois em todo amor como o conhecemos há alguma mácula, algum traço de desejo. Portanto, o amor não é de uma pureza que possamos associar a Deus. E até mesmo o ódio mais nobre tem em si alguma mancha, de modo que blasfemamos se o associarmos ao Nome de Deus.

Não há, em suma, nenhuma frase que possamos aplicar a Deus com relação a isso. Podemos dizer: "Ele é compaixão infinita, ternura infinita"; mas ele não é o "Pai amável" que vem descrito no livro de orações. Ele é algo mais elevado e grandioso. "Um Pai carinhoso" — no sentido em que o mundo usa a palavra — que ama apenas os seus. Numa guerra, por exemplo, os Ingleses reivindicarão o poder do amor de Deus como sua propriedade particular, os Alemães o reivindicarão como o deles.

O homem sempre usa o termo "amor" quando deseja insinuar uma devoção a certas pessoas ou coisas seletas. Ele poderá mecanicamente repetir que Deus ama tudo o que criou, mas é inteiramente incapaz de entender tal estado de espírito, pelo que essa frase não tem sentido do seu ponto de vista. Eu não depreciaria a ideia do Criador designando-o por 'Deus de amor.' Pois, inevitavelmente, eu deveria estar a limitar a conceção que temos de Deus; Eu deveria reduzi-lo a termos humanos; Em suma, estaria a fazer d'Ele um homem.

Não, Deus não ama, pois o amor é uma virtude humana que é como uma chama, que oscila para cima e para baixo, que num momento da vida pode ser uma glória; mas que quando sucedem muitos momentos a glória não pode ser mantida, e o amor é, mesmo no caso do melhor dos homens e mulheres, maculado pela irritabilidade, por alguma rabugice ou por alguma melancolia egoísta.

Deus não muda. A paternidade e maternidade que Ele dispensa ao Universo nunca vacila, nunca falha. Se Ele fosse amor, então a maravilhosa criação da vida que vocês conhecem jamais teria continuado tão perfeita. Estaria sujeita ao carácter mutável dessa coisa que vocês chamam de amor. Por vezes pode ter havido cessação do crescimento — grandes colheitas destruídas, vastas extensões de terra devastadas por os céus não continuarem a acumular humidade. As marés podem ter-se espalhado por metade da terra visível, as montanhas saltado dos seus enclaves rochosos, e muitos milhões de criaturas vivas subitamente perecerem. Eu digo-lhes que se Deus possuísse amor, tal como o homem o entende e concebe, a história do mundo teria sido inteiramente alterada, e alterada mais para o mal do que para o bem. Deus é maior que o amor. Esse é a frase que vocês devem proferir.

Eu sei que o nosso Mestre, Cristo, pregou aos Judeus, dizendo: "Deus é amor." Porque para Cristo Deus era amor. Pois Cristo não atribuiu nenhum significado humano ao termo, como tem sido feito por todas as alma que andaram sobre esta terra desde que o mundo teve início. A afirmação de que Jesus era o Filho de Deus é baseada no facto de que Ele tenha sido o único Filho do Homem que conheceu o mistério de Deus; que, ao dizer "Deus é amor," tenha sido o único de todos os homens que entendeu o que Ele quis dizer com essa frase.

Quando declaram que "Deus é amor," todos os filhos e filhas de Adão querem dizer com isso amor no sentido humano: por ser tudo o que eles entendem e conhecem. Assim eu aconselharia as mentes finitas a esforçar-se por imaginar a Divindade segundo a frase: "Deus é maior que o amor."

APÊNDICE I

AS ESCRITURAS DE CLEOFÁS

Myers: Essas Escrituras foram retiradas do vazio, por assim dizer; não por acaso; não se devem a certas circunstâncias fortuitas. A sua origem pode ser atribuída a uma grande quantidade de coisas. Tem subsistido, por exemplo, desde a guerra, um grande desejo entre homens e mulheres vivos de alguma realidade espiritual. Desse vasto surto de forças materialistas, surgiu o anseio pelo conhecimento da verdade. Há, neste lado, o que chamamos de "caixa de ressonância da terra." Nela ressoam os desejos coletivos das massas. Estas, por vezes, atraem a si influências do nosso lado, almas-grupo que respondem - caso encontrem um instrumento adequado — à invocação imperativa dos filhos da terra.

Agora, essas almas-grupo não são de forma alguma infalíveis, e encaram a verdade de um certo ângulo, de uma certa maneira. Elas sentem-se ansiosas por iluminar o caminho do homem, mas podem nem sempre conseguir dar-lhe o que ele precisa. Sem dúvida, que a agitação na vida terrena deixou a sua impressão por várias formas aqui. Têm surgido inúmeras respostas, e estas nem sempre parecem vir através de canais psíquicos.

Houve, por exemplo, uma aceleração da ciência durante a guerra, e desde a guerra. E muitos das descobertas feitas através das inteligências aplicadas dos homens vivos não tiveram origem, na sua essência, na mente viva. Uma alma-grupo concentrada num certo cientista promissor, através do uso do mecanismo do seu cérebro, concedeu ao mundo o segredo que deu início a uma nova invenção, que estimulou, porventura, o progresso mecânico ou, digamos, a ciência médica.

Existiram almas-grupo de tipo inferior que legaram ao mundo um desejo louco por danças primitivas violentas, e dessa forma os jovens deram continuidade à expressão daqueles anos de violência e destruição tresloucada. Imaginem essas diversas influências espirituais reunidas ao redor da terra que nem fadas-madrinhas (boas e más) a vigiar um berço de criança, cada qual a conceder o dom característico do doador. Uma alma-grupo vigiou uma sensitiva que acolheu,

através do mecanismo do seu cérebro, a velha história do Cristianismo na época da sua fundação. Para os membros desse grupo parecia haver apenas uma resposta que pudesse satisfazer adequadamente a medonha solidão espiritual do homem, uma solidão aterradora vista do Invisível. Pois ele jazia na lama, ferido e a sangrar, com o seu orgulho humilhado, o seu espírito numa perfeita confusão, a alma abalada até á raiz.

Então ela (1) vagou, sem dúvida, por entre as velhas memórias no éter. No vosso mundo o jovem de disposição aventureira adoraria viajar para países desconhecidos. Da mesma forma a médium que possua um espírito aventureiro, disposição e qualificações adequadas, pode vagar pelos desertos tropicais do grande passado do mundo, abrir caminho por entre as florações da história emocional do homem, colher os frutos de eras passadas. Mas nenhuma era se desvanece ou desaparece. Vocês vão encontrá-la de novo: não como era, mas como o homem a imaginou, no seio do universo.

A Grande Memória contém a soma total das experiências subjetivas do homem impressas no éter. Certas inteligências podem ligar a médium a um fragmento dessa considerável MS (mensageiro). Ela anota o encargo, que lhe é transmitido por essa Grande Memória por - como poderei chamar-lhe? — um espírito que passou além do estado de individualidade terrena. Todo o processo é extremamente difícil. Isso estabelece uma tensão considerável sobre a médium; mas pode, dadas as condições favoráveis, levar à recuperação, não tanto da história real de um determinado período, segundo a opinião que certos homens inteligentes e emotivos sustentariam desse período. É dada, em suma, a interpretação de uma era, conforme vista através dos olhos de indivíduos que sentiram e pensaram profundamente naquele período, e assim deixaram as suas impressões da Memória do Éter.

1 Refere-se a Geraldine Cummins pessoalmente.
B. Gibbes.

É uma história exata na medida em que dá uma impressão da verdade a respeito daquele tempo conforme foi gravada na mente de certos indivíduos. É imprecisa na medida em que as experiências subjetivas até mesmo dos homens mais talentosos, em qualquer era, são imprecisas. Pois o que é verdade com respeito às vastas histórias impressas na Grande Memória da Natureza é, até certo ponto, verídico com respeito às histórias escritas por homens vivos. Em suma, sempre haverá uma diferença nem que seja entre um retrato ruim e um retrato fiel! Cabe às pessoas que leem essas histórias discernir, quase instintivamente, o que será falso e o que será verdadeiro.

Fazer história é uma arte. Espero que os há muito falecidos, indivíduos cujas memórias de éter vocês contactam, tenham sido verdadeiros artistas. Pois, com o passar do tempo, realmente o que importa, em relação a uma grande revelação, não é a precisão no que diz respeito aos factos, mas a exatidão no que diz respeito à perceção. Cléofas e os seus escribas acreditam que estão a dar à terra a panaceia de que os filhos e filhas dos homens necessitam. Mas eles não percebem que a perspetiva mental do homem mudou muito. Ele tem pouca fé. Ele procura pelo que é espiritual através de meios materiais.

Nos dias do Império Romano, quando ele se encontrava no seu auge, o mesmo tipo de desespero e os mesmos humores violentos do desejo, como nos vossos dias, influenciavam as almas dos homens. Elas mergulharam no abismo do materialismo; ansiavam por uma garantia da vida após a morte; pela verdade espiritual; por algum escape da perdição da carne. Mas, nesses tempos, a sua atitude de espírito era muito diferente. O seu mundo não era governado por um deus mecânico, como é hoje. Eles não tinham sido acorrentados pela máquina, nem se tinham permitido deslumbrar com os gigantescos triunfos da física, da química, e da matemática. Desembaraçavam-se na recetividade que adotavam para com a revelação que lhes era dada.

Cléofas e os seus escribas podem conseguir conquistar a receção de algumas pessoas inteligentes, mas as massas procuram realidade espiritual através de estímulos físicos, ou na doutrina da ciência física. Por outras palavras, elas são agora treinadas para pensar com tal perfeição em termos físicos que não se dão ao trabalho de pensar em termos espirituais. A veneração dos velhos deuses pagãos, que precedeu a adoração do Deus Único mais o Seu Filho, preparou o caminho para a maravilhosa figura do Cristo. Os filósofos, mesmo quando mais céticos, ajudaram a produzir a atitude mental adequada entre as pessoas. Mas hoje em dia os vossos físicos, os vossos médicos, detêm o poder sobre a mente coletiva que os filósofos certa vez detiveram; só que agitam apenas o estandarte de materialismo.

Cléofas pode ser descrito como uma unidade, e ainda assim como muitos. Por outras palavras, ele é a expressão de um certo estágio da longa jornada da evolução, de uma série de fervorosos Cristãos que viveram naquele período inicial. Ele não é um indivíduo, como são as almas daqueles que recentemente passaram da forma. Ele é uma alma coletiva, se quisermos - eu não consigo encontrar outro termo — e é capaz de extrair da Grande Memória do Éter o esplendor daquele período inicial Cristão; não conforme estabelecido por um historiador na sua fria equidistância, mas como a efusão apaixonada de Cristãos fanáticos e santos, que se

esforçaram por declarar por escrito a sua própria visão emotiva do período em que viveram.

Agora, notem bem, eu uso o termo "perceção emotiva." Um livro que é escrito sem emoção não pode fazer-se impressionar sobre o éter. O que lá se acha impresso não são propriamente palavras, mas as imagens da imaginação do escriba. Essas imagens e símbolos são convertidos em palavras através do mecanismo peculiar do cérebro da mulher viva. Entenderão que encerra uma tendência herdada para o drama sagrado e para as Sagradas Escrituras. A estrutura necessária de linguagem digna jazia lá adormecida. Essa estrutura não foi criação do atual proprietário do cérebro. É um acréscimo das tendências herdadas de uma quantidade de leitores devotos ancestrais da Bíblia.

Os escribas de Cléofas, ou melhor, aquela mentalidade coletiva Cristã que paira perto da Memória do Éter, recolhem-no e colocam-no na mente mais profunda da mulher viva. Essa mente mais profunda pensa e fala apenas na linguagem das imagens. O processo de tradução por palavras parece ocorrer quando a mente subliminar lança essas imagens e símbolos, em rápida sucessão, sobre o cérebro da mulher. Instantaneamente elas reúnem em torno de si o necessário envoltório de palavras dos centros de memória ligados ao órgão físico, e o antigo drama do Cristianismo, conforme sonhado pelos santos, é derramado sobre a página.

É tudo verdade enquanto um relato da visão que certos santos e homens sérios tinham do tempo em que viveram. Mas eu não posso responder pela precisão da sua perceção. O espírito, que os torna um, fechou as portas a novas almas que migram do mundo num período em que a religião e o misticismo foram destronados; em que a ciência, o racionalismo e o materialismo vieram a influenciar os corações dos homens. Assim, o objetivo dessa alma-grupo em particular é simplificado, e não complicado pela incursão de tipos de um carácter muito diferente.

APÊNDICE II

A LUZ DA PSÍQUICA

Myers: Existem certos fluidos vitais que se acham ligados ao corpo. Eu chamo-os de fluidos porque só tal termo parece descrevê-los. Esses fluidos são importantes. Se a vitalidade for baixa eles terão menos vigor. Eles cumprem importante função, são o material macio que. . . eu acho o termo difícil. . . o material macio que liga a mente o sistema nervoso e o corpo. O cérebro é certamente o poder de controlo consciente, mas o inconsciente também deve desempenhar o seu papel. Esse fluido invisível liga a mente inconsciente a tudo o que diz respeito àquelas inúmeras atividades do corpo que ocorrem sem uma direção consciente.

Agora, no caso de alguns, esse fluido tem um fluxo mais forte do que no de outros. Isso deve-se ao equilíbrio existente entre a alma e o corpo e às características peculiares do indivíduo. Quando, conforme digo, o fluxo é forte e possui uma certa qualidade reconhecível da nossa parte, ele brilha, ou melhor, percebemos isso como uma chama. A maioria dos seres humanos possui essa chama, mas geralmente é invisível para nós.

Apenas certas pessoas — médiuns, em resumo — podem torná-lo tão claro e brilhante de forma a tomarmos consciência dele. Essa chama depende em parte no seu brilho da vontade do médium. A médium deve conscientemente dispor-se a si própria nesse estado de calma desafeiçoada que torna o fluido mais ativo e contribui para a intensidade da chama. A vontade da médium pode prejudicar as nossas comunicações se, a qualquer momento, iniciar o funcionamento das engrenagens do cérebro. É graças à quietude da vontade que operamos.

Claro que existem outras condições que precisam ser levadas em consideração. A influência do fluido do assistente ou participante; as influências alheias; assim como a saúde da médium. Todos esses fatores precisam ser levados em consideração. Se algum deles estiver em falta, as nossas dificuldades serão múltiplas. Gostaria de acrescentar que qualquer tempestade emocional que se tenha apossado da médium, a menos que seja extraordinariamente capaz no que diz respeito ao desapego, influenciará de modo prejudicial a sessão que se possa seguir à tempestade. Isso é natural. O fluido é muito sensível e é profundamente afetado por qualquer emoção mais violenta que tenha abalado a médium.

Há outras observações que eu poderia fazer sobre o assunto, mas, senhoras, levariam a uma longa digressão. A variedade dos médiuns, as suas peculiares idiossincrasias, tudo isso precisa ser levado em consideração. Precisamos ser

operadores destros ou precisaremos ter uma mente muito veloz para comunicarmos qualquer evidência vital daqui. A transmissão — conforme entenderá — é bastante afetada em termos de complicação pela mente interior e a ligação fluídica que tem com o ser humano. Eu encontro aqui uma mente fértil que, por conseguinte, responde à minha mensagem de uma maneira que não poderia ser esperada na mente de alguém que não possuísse nenhum tipo de erudição.

Precisam entender que os mortos imprimem sobre as mentes dos vivos muito mais do que eles podem imaginar. A maioria das descobertas é produto de dois mundos, de duas mentes, uma sem corpo e outra com um corpo para dar expressão à descoberta. Mas os vossos cientistas chamam às nossas sugestões 'Inspiração' e não admitem que o lampejo criativo requeira mais do que a mecha para o ativar.

Talvez não entenda de medicina nem das secreções do corpo. Isso pode ser tomado como um paralelo quando falamos através dos médiuns. As nossas mensagens não podem conter bem a mesma forma, mesmo que a ideia seja a mesma quando escrita através de duas médiuns diferentes, pela excelente razão de que a mente interior molda as mensagens de acordo com a fertilidade dessa mente. É um fenómeno que ainda me surpreende.

Quero que saiba que fiz outras tentativas de alcançar a terra, e ainda estou fazer.* Mas esta parte particular interessa-me por ser direta e eu poder pelo menos transmitir certas ideias minhas de forma muito efetiva quando lido com este tipo de mente interior. Os factos reais vêm de forma porventura mais fluida através de outro tipo de médium, certamente através da senhorinha Feda. Ela é de certo modo muito fácil de lidar. Discutimos esses meios aqui e eu sei bastante sobre os métodos que Feda emprega. Eu desejaria estar vivo para o experimentar junto dela. . .

**Isto foi escrito em 1925. B. Gibbes*

Desejo assegurar-lhe que todos os meus velhos amigos que procuram tão diligentemente as provas de sobrevivência abrigam toda uma conceção errada quanto à forma de comunicação e quanto às tentativas que empreendemos por controlar os médiuns. Nós não os controlamos, em grande parte eles são quem nos controla, quando falamos. Precisa ser assim, dadas as condições anormais de comunicação. Quando é direta, a nossa mensagem vem de nós para o médium e é sempre traduzida pela mente interior. O que essa mente não puder conceber ou apreender, não será capaz de traduzir.

Ela recebe as nossas ideias não por palavras, mas como pensamentos. Podemos de vez em quando, se formos sagazes, emprestar a esses pensamentos a marca

bem definida do nosso estilo, e então o estilo é reproduzido. Poderá parecer estranho a homens e mulheres que uma revelação da nossa condição raramente passe com clareza. Isso é culpa do instrumento que não consegue reproduzir a melodia que nós com prazer tocamos nele. Precisa ter em mente que uma médium raramente é uma mera médium. Ela deveria ser chamada de "intérprete."

É uma interpretação, não uma afirmação literal, que lhes é transmitida por intermédio dela. A intérprete precisa falar sempre em duas línguas: ela tem que nos transmitir a nós e transmitir a vocês. É uma função dupla. Precisam estudar a médium, e se perceberem algum preconceito expresso, saberão que ela vem do transbordo subconsciente e não da pobre *sombra* que tem a maior dificuldade em lidar com quaisquer ideias fixas da mente mais profunda da médium.

APÊNDICE III

UMA SESSÃO VISTA DO "OUTRO LADO"

FREDERIC MYERS: Ao vosso serviço.

(Beatrice Gibbes: Importar-se-ia de nos descrever o aspeto de uma sessão, com a Sra. Leonard e a Feda a controlar, do seu ponto de vista?)

F.M: Vou usar a nossa primeira sessão a título de ilustração. Eu pedi-lhe, quando falei através desta senhora, para memorizar certas observações minhas, e pedi-lhe, em suma, que mantivesse a mente ativamente empregue na imaginação da ideia de que eu ia falar lá. Isso era bastante necessário. Em primeiro lugar o entendimento que teve da minha possível vinda, a ideia envolta no desejo era como um fio delicado lançado no mar infinito.

Eu estava à procura dele, agarrei-o e fui puxado por si para a sessão. Essa foi a convocação de que fui alvo. Eu precisei ainda dar a conhecer a minha presença. Agora, a Feda estava obviamente acostumada a si; percebi isso muito rapidamente. Ela não procurou nenhum estranho, mas lançou a rede somente na direção daqueles por quem você sentia um interesse pessoal.
Como poderia eu, pois, dar a conhecer a minha presença?

Principalmente através da sua ajuda fui eu capaz de extrair da sua mente subliminar, ou melhor, dos estratos dela mais próximos da sua consciência, a imagem do meu nome. Estava gravado numa essência muito fina que acompanha o ser humano e não obstante não reside dentro do ser humano. Refiro-me ao armazenamento da memória que paira ao seu redor e ao redor de cada indivíduo qual nuvem. Eu era invisível para a Feda, mas, quando a Feda entendeu que precisava procurar um novo comunicador, lançou sobre si aquela rede de força psíquica com a qual ela apreende os símbolos que tentamos mostrar-lhe.

No começo foi difícil despejar o meu nome nela, mas finalmente obtive sucesso. Novamente através da sua ajuda eu fui capaz de usar a sua forma fluida para obter a força necessária com a qual precipitar a minha imagem na rede. Você entende que inconscientemente você foi um agente ativo, porquanto o desejo que tinha era propício, e assim fui capaz de usar a sua força e finalmente fui reconhecido.

(Beatrice Gibbes: Pareceu-me, naquela sessão, que você se aproximou gradualmente, depois de apresentar alguma evidência.)

Myers: Refiro-me à imagem de uma forma generalizada — não de uma forma particular - ou sentido. Uma impressão generalizada ligada ao símbolo Frederic, de que ela captou a primeira letra.

(Beatrice Gibbes: Eu acho que ela captou a letra "M" primeiro.)

Myers: Não sei qual letra lhe despertou primeiro a atenção, apenas lhe dei a sugestão do meu nome e sobrenome Cristão por letras, e entendi que a primeira letra fora apreendida separadamente. Pra mim pouco importa qual lhe chamou a atenção primeiro; a imagem realmente era a soma de mim próprio conforme eu era quando vivo. Muitas figuras nessa soma não foram percebidos, não foram enlaçadas na rede, mas uma suficiência foi obtida e então ela foi capaz para captar a nome.

APÊNDICE IV
F. MYERS DESCREVE A DIFICULDADE QUE TEM DE COMUNICAR AS RECORDAÇÕES DA TERRA

(Beatrice Gibbes: Quando você está a comunicar através da Sra. Leonard e da Feda (espírito controlador da primeira) você parece situar-se em si próprio, por assim dizer, e lançar os seus pensamentos à interpretação da Feda. Ao comunicar por meio da escrita automática, você parece controlar o escritor diretamente. Quer explicar o quanto você recorda a sua vida terrena nessas duas condições?)

Myers: Ah, isso é muito interessante! Eu preciso explicar o método. Quando eu "fico em mim próprio" — como você diz — na verdade concentro-me nas minhas próprias memórias. Agora, essas memórias haveriam porventura de lhe parecer a si como uma nuvem tênue se você tivesse raios suficientemente fortes para as expor. Mas Feda, que está em contacto com o ser humano, consegue, se nos dermos ao trabalho de nos concentrarmos numa memória específica, ler essa memória. Ela apreende-a e, em seguida, transmite-a à mente mais profunda da médium através da qual é finalmente expressa.

Quando falo diretamente, seja através desta senhora ou através de outra médium, o processo é bastante diferente. Eu entro na mente mais profunda da médium a fim de poder causar a impressão necessária sobre ela que irá ser transmitida à mão que escreve. Ao fazer isso a minha mente mais profunda funde-se com a mente dela, que se encontra quase por completo sob o meu controlo. Mas a menos que eu deixe de controlar para recuperar a minha recordação de um facto particular, não conseguirei transmitir esse facto ou fragmento de memória através dela.

O que eu quero transmitir é o seguinte. Eu tenho que deixar a mente mais profunda dela, abrir mão do contacto que tenho com ela para obter algum fragmento de memória do conjunto das minhas recordações que se situam além da mente mais profunda da médium. É-me muito difícil recuperar o controlo do meu barco — se assim posso chamar — com o espólio das minhas memórias. Mas eu posso — e isto é importante — empregar as faculdades amadurecidas da minha mente interior ao comunicar diretamente. Elas detêm o conhecimento, e as memórias até certo ponto, da nova vida celestial. Consegue imaginar uma múmia ou uma concha? As minhas recordações terrenas ficaram empedernidas, por assim dizer, numa forma desse tipo. Estão tão mortas quanto uma múmia; mas podem ser vivificadas se eu as penetrar. . .

Do ponto de vista do escritor, prefiro o controlo direto, pois a minha vontade e a minha mente podem fazer uso dos seus poderes de modo a exprimir as minhas ideias. Agora, essas ideias são um pouco tingidas pela mente mais profunda dela, mas apenas na medida em que ela possua preconceitos muito fortes que possam inibir a ideia que lhe transmito. Contudo, encontro muito poucas barreiras desse tipo na mente dela, que é solta e flexível.

Através da Feda posso transmitir memórias. Já trabalhei com ela antes, e ela mostrou-se singularmente veloz a captar o significado do que lhe transmitia. Claro que, cada nova sessão com um novo participante significa uma mudança de condições para mim, que representa como que uma nova aprendizagem do ABC da comunicação. . .

(Beatrice Gibbes: Depois de ter falado à terra, acha que consegue recordar o que disse quando volta para a sua própria esfera?)

Myers: Essa pergunta requer uma resposta detalhada. Eu respondi anteriormente de uma forma sintetizada, mas sinto agora que requer alguma explicação — quero dizer, a resposta curta que dei. Eu sugeri, em certo sentido, que a memória clara numa outra esfera era difícil. Mas o que quero deixar claro é isto - que o facto real — ou a parte mais significativa - não pode ser esquecido.

Eu sou apenas um micróbio comparado com um elefante quando comparo a minha mente que pensa, mesmo agora, com a minha memória; o *eu* que habita um corpo que é composto de mente não consegue lidar com todas as minhas memórias, nem mesmo um dízimo delas. Elas precisam ser, pois, ordenadas, mas cada uma está ligada à minha mente que pensa por um fio invisível de associação que pode atraí-la a mim quando o segmento recebe um sinal.

Quando eu falo através desta senhora, certos fios recebem um sinal que desperta certas memórias através da proximidade de outra médium. Por vezes a memória de certas coisas relacionadas com esta sessão vem a mim naquela esfera à qual volto. Mas elas veem a mim por certos fios associativos me levarem a recordá-las, e não por que eu as carregue comigo. Esse é o tipo de ideia que o homem médio vivo possui da memória. Ele acredita que tem as memórias todas armazenadas na cabeça — uma ideia incrível e inteiramente falsa. A memória é a parte mais misteriosa de nós por ser uma parte — e ainda assim, não ser uma parte — do nosso ser. Eu poderia escrever um livro sobre a questão da memória.

SE SERÁ CERTO OU ERRADO FALAR COM OS MORTOS

(Beatrice Gibbes: Algumas pessoas dizem que é indelicado atrair os mortos de volta à terra para falar com eles.)

Myers: Compreendo perfeitamente o que quer dizer. Existe, é claro, a resposta óbvia de que não haveríamos de falar caso isso nos causasse sofrimento. Mas, de qualquer forma, os indivíduos que fazem tal afirmação fazem-na com base num perfeito equívoco. Há muitas almas que anseiam por comunicar; mas aqueles na terra que se importam com elas negam-lhes a facilitação. Na verdade, é prazer excelente para aqueles que deixaram os parentes que amam para trás conversar até mesmo com estranhos, pois permite-lhes, por assim dizer, sentir o amor e as recordações afortunadas que restam da sua vida terrena.

Mas, aparte as considerações de sentimento implícitas ao "regresso," como vocês dizem, nós encontramo-nos simplesmente num estado diferente de existência, e uma das suas características é que uma parte de nós pode projetar-se na condição que lhe permite falar através de uma médium, enquanto a outra parte continua o seu trabalho e vida na outra esfera. Vocês podem ficar perfeitamente certos de que é um ato de amabilidade permitir que os desencarnados falem.

Vocês sugerem que é indelicado lembrar-lhes as associações da terra. Essas eles ainda as têm na sua memória. Vocês não lhes recordam coisa nenhuma, vocês estão apenas a dar-lhes uma confiança que os deixa contentes — por a terra que encerra muito por quanto eles se importam não ter sido apagada, obliterada. Eles muitas vezes ficam felizes e gratos por tal confiança.

APÊNDICE V
A SOBREVIVÊNCIA ANIMAL

Myers: Você deseja que eu escreva sobre os animais e seja inteiramente franco nas declarações que faça. É necessário, antes de mais, classificar aqueles que o homem tende a considerar como criaturas inferiores. Existem, na terra, várias linhas paralelas de evolução. Existem, conforme o Gênesis lhes dirá, plantas, peixes, pássaros e animais, para não falar nos insetos.

Todos estes tiveram o sopro da vida em si. Até que ponto serão esses seres a criação da Grande Mente Una dotada da capacidade de evolução? Precisam entender que se a alma do homem continua a evoluir numa outra vida, num outro estado de existência, seguir-se-á necessariamente que essas outras formas animadas que possuem o poder de evoluir têm igualmente a possibilidade de emitir um essência misteriosa que pode ser comparada ao que chamamos a alma do homem.

Eu quero que vocês enquadrem as plantas, os insetos, os peixes, os pássaros e as feras nas suas diversas classes. Essas classes assemelham-se às formas de uma escola pública. As essências ou almas das plantas, depois de mortas, reúnem-se nas suas miríades e com o tempo formam um todo. Esses inúmeros pequenos seres — se quiserem atribuir-lhes tal nome — sobem, pois, um degrau na escala, e são um quando entram no corpo de um inseto. Miríades de vidas de insetos perfazem novamente um ser que, no devido tempo, entra no corpo de um peixe ou de um pássaro. E assim o processo continua até que vocês considerem o mais inteligente dos animais domésticos.

Certos cães, cavalos e gatos, assim como macacos, são detentores de um núcleo de inteligência que se assemelha, em alguns aspetos, à mais rudimentar das almas que habitam os corpos dos homens. Esses nossos amigos *estúpidos* passam para "a terra de desejo terreno," conforme alguns de nós lhe chamam. "O Estado pós-morte" é, porventura, um termo melhor do que "terra." Desejo indicar com este termo que muitas vezes eles existem num mundo além do vosso mundo. Vivem ainda dentro do tear da terra, no sentido de que eles habitam o sonho da alma da terra.

Para muitas almas que partiram existe este mundo de sonhos aqui, esta imagem etérea da terra. É um lugar construído pelas memórias terrenas dos homens, que possui muitas das características geográficas da Terra. Muitas almas simples

habitam contentes em ambientes que lhes parecem tão sólidos e substanciais quanto as formas materiais na terra. Existem, é claro, certas diferenças vitais. O problema de comida ou dinheiro não tem lugar na vida deste mundo de sonho; desta imagem super terrena do globo. Nesse habitat, velhos amigos cachorros ou gatos que foram camaradas gravitam de novo para os seus mestres ou amantes em virtude da afeição que tinham por eles, isto é, caso esses mestres e patroas estejam a viver nessa Terra das Sombras.

Por lhe chamarmos "Terra das Sombras," embora seja muito mais bela do que a terra. É, na verdade, o estado seguinte, e a alma viajante deve passar por ele, mesmo que ela não possa demorar-se muito dentro nas suas margens. Mas aqueles animais que acorrem a ela não podem viajar além dela. Eles deverão, em algum momento, voltar à terra e entrar em corpos de seres humanos. Pois ainda não comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal. Somente o homem provou desse fruto.

Esse lindo conto, que aparece no segundo capítulo de Gênesis tem um significado simbólico profundo. O ato de comer a maçã simbolizou realmente aquela época da história da natureza em que o homem emergiu do estado animal. A pobre da Eva e todas as suas filhas foram terrivelmente caluniadas através desse seu primeiro de todos os escândalos terrenos. Se eu traduzisse literalmente a fábula do fruto proibido, precisaria descrevê-lo como simbolizando o surgimento do primeiro homem com alma humana, o surgimento do macaco da forma de primata de uma fêmea que fosse verdadeiramente humana. Por homem, desejo indicar aquele que arrebatou o segredo da inteligência do Invisível. Foi realmente um passo em frente na história da evolução da criação de Deus.

Agora, para voltar ao tema dos animais. Os animais não estão abaixo de nós na criação. Eles são apenas muito menos complexos. Eles não são o que os homens chamam de mal ou bem, pois, via de regra, eles não têm compreensão do conhecimento do bem e do mal. Mas, como a tendência por todo o Universo é de evoluir gradualmente do mais simples até o mais complexo, então o que só poderei chamar de "mentalidade animal," aquela parte que sobrevive à morte do corpo, continua a residir aqui, talvez durante um espaço de tempo, no estado que se encontra mais próximo da vida terrena, mas sempre inevitavelmente a retornar a essa vida terrena, a reentrar na matéria, e, no seu devido tempo, a adotar a forma humana.

Assim, precisam entender que os animais têm alma, quer dizer, existe dentro de cada um uma certa essência individual que por vezes, unindo-se a outra essência, eventualmente entra numa nova linha de evolução e adota a posição humana. No

entanto, são adicionadas a essa alma embrionária outras coisas que, segundo a história do indivíduo, estão reunidas na sua mentalidade nascente.